

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE (CELS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SOCIEDADE,
CULTURA E FRONTEIRAS – NÍVEL MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**

EDSON MATIAS MILITELLI

A REPRESENTAÇÃO DO ARGENTINO NA(S) FRONTEIRA(S)

FOZ DO IGUAÇU - PR

2016

EDSON MATIAS MILITELLI

A REPRESENTAÇÃO DO ARGENTINO NA(S) FRONTEIRA(S)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras.

Linha de Pesquisa: Território, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Samuel Klauck

FOZ DO IGUAÇU - PR

2016

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UNIOESTE

M644 Militelli, Edson Matias

A representação do argentino na(s) fronteira(s) / Edson Matias Militelli. - Foz do Iguaçu, 2016.

149 f.: il.: mapas : tabs.

Orientador: Prof. Dr. Samuel Klauck.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

1. Representações de grupos. 2. Sociabilidade – Argentinos. 3. Argentina – Fronteiras – História. 4. História – Paraná, Oeste. I. Título.

CDU 316.6(82-04)
981.62

EDSON MATIAS MILITELLI

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível de Mestrado, área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *Campus* Foz do Iguaçu.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Samuel Klauck
Orientador - UNIOESTE

Prof. Dr. Mauro José Ferreira Cury
Membro Titular - UNIOESTE

Prof. Dr. Antonio Marcos Myskiw
Membro Convidado - UFFS

Prof. Dr. Valdir Gregory
Suplente Interno – UNIOESTE

Prof. Dr. Frank António Mezzomo
Suplente Externo – UNESPAR

Foz do Iguaçu, Setembro de 2016.

Dedicatória

*À minha amada filhinha Cecília
Cáceres Militelli (In memoriam) que
por um breve momento veio à Terra e
voltou para os céus.*

AGRADECIMENTOS

A Deus nosso Pai por seu infinito amor e misericórdia.

A minha amada esposa Claudineide Espinola Cáceres por todo seu amor, apoio, paciência, compreensão e incentivo. Primordiais para a conclusão deste trabalho.

A Família Militelli e à Família Cáceres por todo o seu apoio e incentivo durante minha trajetória acadêmica e docente.

Ao Professor Samuel Klauck por sua incomparável orientação, pelos seus ensinamentos e boas ideias, pela paciência e tolerância em seus aconselhamentos, além da grande amizade que foi possível construir.

A Oscar Alliana e Ilze Rahmeier Alliana pela grande contribuição em minha pesquisa. Obrigado pelas conversas e pela grata amizade.

Ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras pela grande oportunidade de crescimento e aprimoramento intelectual.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras, especialmente à: Eric Gustavo Cardin, José Carlos dos Santos, Mauro José Ferreira Cury, Regina Coeli Machado e Silva e Valdir Gregory. Obrigado por seus ensinamentos, contribuições e amizade.

Aos colegas de Mestrado: Aroldo Tavares, José Ediane Pereira da Silva, Maurício Dezordi, Orlando Bispo e Paola Stefanutti pela grata amizade e pelos diálogos.

Aos amigos que pude conhecer e aprender nesta caminhada: Bruno Pereira de Lima Aranha, Leandro Crestani e Paulo Henrique Heitor Polon.

A Vânia Maria da Costa Valle por sua competência e gentileza em seu atendimento para com nós acadêmicos.

“Senhor, fazei de mim instrumento de vossa paz

Onde houver ódio, que eu leve o amor

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão

Onde houver discórdia, que eu leve a união

Onde houver dúvida, que eu leve a fé Onde

houver erro, que eu leve a verdade

Onde houver desespero, que eu leve a esperança

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais.

Consolar, que ser consolado;

compreender, que ser compreendido;

amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe,

e é perdoando que se é perdoado.

E é morrendo que se vive para a vida eterna”.

Francisco de Assis

MILITELLI, Edson Matias. **A representação do argentino na (s) fronteira (s)**. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu.

RESUMO

O presente tema é resultado da pesquisa de mestrado intitulada “A representação do argentino na(s) fronteira(s)” no qual busca compreender as representações de argentinos no espaço da fronteira em Foz do Iguaçu e no Oeste paranaense a partir do final do século XIX e o decorrer do século XX. O recorte escolhido remonta a presença destes sujeitos durante o ciclo da madeira e da erva-mate, do estabelecimento do comércio fluvial e do turismo até os dias da elaboração da *Casa de los argentinos* no final da década de 1980. Para a pesquisa, foram utilizadas fontes bibliográficas, jornalísticas, orais e iconográficas com o objetivo de compreender a percepção destes sujeitos na fronteira e as sociabilidades. A metodologia está baseada na pesquisa qualitativa conforme os escritos de Demo (2000) que busca objetivar a relação do pesquisador com seu objeto de maneira direta. Desta forma, se compreende uma relação mais humana e localizada, ao levar em consideração elementos pormenorizados a partir da descrição das fontes mencionadas. Apesar da pesquisa se apresentar sob o enfoque histórico, transita da mesma maneira em outras esferas de ordem social, cultural, econômica e política. O trabalho também responde a indagações de outras áreas segundo o aspecto interdisciplinar em que se divide o saber-fazer humano, uma das soluções que se oferecem a um problema muito mais profundo, como a unidade do ser e do saber. Assim, o trabalho é relevante, pois apresenta um aspecto da historiografia na fronteira a partir das representações do sujeito do argentino dentre os aspectos econômicos, políticos e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Argentinos. Representações. História. Oeste do Paraná.

MILITELLI, Edson Matias . **The representation of the Argentine (s) border (s)**. 2016. 149 f. Dissertation (Master of Society, Culture and Borders) State University of Western Paraná. Foz do Iguaçu.

ABSTRACT

This theme is the result of Master thesis entitled "The representation of the Argentine in (s) Frontier (s)" in which seeks to understand the Argentine representations in space at the border and in Foz do Iguaçu from the late nineteenth century and the the twentieth century. The chosen cut back the presence of these subjects during the cycle of wood and yerba mate, the establishment the river trade and tourism to the days of the preparation of the House of Argentine them in the late 1980s to the survey, were used literature, journalism, oral and iconographic sources in order to understand the perception of these subjects at the border and the sociability. The methodology is based on qualitative research as the writings of Demo (2000) that seeks to objectify the researcher's relationship with its object directly, in which it comprises a more human and localized relationship, to take into account detailed elements from the description the sources mentioned. Although research is present in the historical focus, moves the same in other spheres of social, cultural, economic and political. The work also responds to inquiries from other areas according to the interdisciplinary aspect which divides the human know-how is one of the solutions that offer a much deeper problem, as the unity of being and knowing. Therefore, the work is important because it presents an aspect of the history of the border from the representations of this subject (Argentina) from the economic, political and cultural.

KEYWORDS: Argentines. Representations. History. West of Parana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Território Nacional de Misiones.....	44
Figura 2 - Principais Obrages no Oeste do Paraná.....	60
Figura 3 - Mapa do Estado do Paraná com destaque para o Território Nacional do Iguaçu. (1944).....	63
Figura 4 - Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE do número de estrangeiros o Paraná e em Foz do Iguaçu em 1940.....	71
Figura 5 - Capa da Revista Cataratas – nº05 – Abril/Maio de 1969	85
Figura 6 - Oscar Alliana e representantes da argentinidade na fronteira	92
Figura 7 - Folder de divulgação das comemorações alusivas ao 75º aniversário de Foz do Iguaçu	95
Figura 8 - Sede da <i>Casa de los argentinos</i> cedida pela Câmara Júnior de Foz do Iguaçu durante sua inauguração em 10 de junho de 1989	100
Figura 9 - Participação da <i>Casa de los argentinos</i> na III Fenartec em 1988	107
Figura 10 – Interior da <i>Casa de los argentinos</i> em 10 de junho de 1989 durante sua inauguração.....	132

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo 01 – A representação do Estado argentino e do norte fronteiriço: Um ideário nacional.....	25
1.1. A constituição dos Estados-nacionais na América latina colonial	29
1.2. A definição do Estado argentino.....	31
1.3. A conquista do Norte e a Questão de Palmas: os argentinos nas fronteiras	38
Capítulo 02 – A representação de argentinos no território do Oeste do Paraná... 46	
2.1. A Colônia Militar e o início do núcleo urbano de Foz do Iguaçu.....	52
2.2. O mercado ervateiro-madeireiro argentino no território brasileiro	57
2.3. A crise ervateira na fronteira e o processo de nacionalização do Oeste	61
2.4. As novas representações de argentinos na fronteira no contexto pós-ervateiro.67	
2.5. Puerto Iguazú: Aspectos historiográficos da representação através do turismo .72	
2.6. A representação argentina na fronteira frente às mudanças econômicas e sociais antes e depois da Era Itaipu. (1930-1974)	78
Capítulo 03 – A representação de argentinos através das manifestações culturais e a busca de legitimidade na fronteira	90
3.1. A Casa de los argentinos como instrumento e representação da argentinidade na fronteira.....	91
3.1.2. As cartas de incentivo das autoridades iguaçuenses e representantes culturais	101
3.1.3. As cartas de incentivo das autoridades argentinas	110
3.1.4. As ações filantrópicas da Casa e suas representações.....	119
3.1.5. O “guardião da memória” e seus discursos	125
3.1.6. A representação cultural argentina na fronteira nas décadas de 1980 e 1990	128
Considerações Finais	137
Referências bibliográficas.....	142
Fontes	146
Jornais e Periódicos	147
Sites.....	149
Entrevistas	149

Introdução

A presente dissertação nasce da experiência empírica de vínculo parental com a representação argentina, uma vez que sou filho de argentinos fixados em Foz do Iguaçu. Além disso, é continuidade de um trabalho anterior como resultado dos debates realizados no “II Encontro Acadêmico de História: Fronteira Passado-Presente” e do “II Simpósio de História da América”, o que mais tarde se tornou um artigo de final de curso de graduação em História, intitulado “Os argentinos de Foz do Iguaçu (1970-2006)”.¹

A temática central se constitui em torno da investigação das representações dos argentinos na fronteira no Oeste do Paraná a partir da segunda metade do século XIX ao final do século XX. Pauta-se nas representações e experiências destes sujeitos, na tentativa de perceber sua participação junto à formação histórico-cultural deste espaço.² Com este recorte, define-se como objetivo geral do trabalho compreender e analisar as representações dos argentinos na fronteira. Este se subdivide em três objetivos específicos, conforme segue: 1) compreender a representação do estado argentino e do norte fronteiriço; 2) analisar as representações dos argentinos no território no Oeste do Paraná nos séculos XIX e XX; 3) analisar as representações produzidas a partir da proposta de constituição de um centro de memória argentina na cidade de Foz do Iguaçu, nos anos de 1980 e 1990. Os objetivos estabelecidos se propõem a dar conta de responder a problemática levantada neste trabalho com relação às representações dos argentinos, tais como: questões referentes à presença destes sujeitos na região de fronteira junto à sua ligação com o mercado brasileiro ao final do século XIX e as primeiras décadas do século XX por meio da exploração dos recursos naturais como a madeira e a erva-mate; questões que envolvem as relações entre argentinos e brasileiros que puderam ser produzidas neste primeiro contato e nas décadas que se seguiram ao estabelecer importantes sociabilidades no espaço da fronteira tais como o turismo, o

¹ Este trabalho fora concluído em 2006 e publicado na revista “Abordagens historiográficas na fronteira” pela Faculdade União das Américas (Uniamérica) no município de Foz do Iguaçu.

² Considero a localização do objeto como espaço de acordo com o entendimento de Michel de Certeau (2007) através do conceito de “lugar praticado”, permeado de relações e interações, não apenas localizado como lugar circunscrito e geográfico.

comércio fronteiriço e eventos culturais. Com isso, a dissertação busca localizar estes argentinos na fronteira a partir das representações produzidas sobre eles.

Delimita-se como recorte espacial a região de fronteira, localizada em Foz do Iguaçu e o Oeste paranaense no período dos séculos XIX e XX por compor uma história enraizada com este sujeito social – o *ser argentino*³. Este possui, *a priori*, participação no processo econômico ligado ao ciclo da madeira e da erva-mate (MYSKIW, 2009, p.16-28) e permanece como agente ativo nas transformações que reconfiguram a tríplice fronteira da Argentina, Brasil e Paraguai, o que permite compreender as representações sobre o argentino neste espaço. Desta maneira, as análises pautam-se nas relações de platinos que ocuparam a fronteira neste período provenientes de Corrientes, Posadas e Buenos Aires (COLODEL, 1988, p.51-90). Assim, estiveram correlacionadas com as empresas ervateiras, ao comércio fluvial e as negociações junto aos militares a partir da instituição da Colônia Militar e que mais tarde desenvolveu os primórdios do núcleo urbano de Foz do Iguaçu.

Com essas orientações, ancoramos a pesquisa nos aspectos metodológicos a perspectiva do método qualitativo, por compreender de maneira complexa e não linear os fenômenos dos dados analisados (DEMO, 2000, p.149). As representações aqui trabalhadas lidam com o sujeito estudado do argentino na fronteira na tentativa de compreendê-lo como naturalmente humano e explicado (Op. Cit., p.149). Isto permite compreendê-lo também no aspecto histórico. Diante da metodologia, a escolha da temática está em consonância com a proposta de trabalhar um pequeno grupo de maneira que jamais será representativa da sociedade inteira, mas que pode ser exemplar (Op. Cit., p.155). Neste grupo social podem ser percebidos aspectos como: o econômico e cultural e que podem ser trabalhados de forma mais objetiva e efetiva. Para elaborar a dissertação fora necessária reduzir a pesquisa e delimitar os recortes e a espacialidade com a intenção de alcançar a *qualis* (Op.Cit. p.155) entendida aqui como a essência. Assim, considera-se de que o trabalho em geral, sustente-se junto à qualidade a partir da objetividade por tratar-se de uma pesquisa que lida diretamente com representações de um grupo de sujeitos: os argentinos. Neste sentido, apresento a seguir os passos do

³ O grifo é empregado no sentido de perceber e localizar os argentinos como agentes históricos desta região, representados por características identitárias próprias.

estudo junto ao referencial bibliográfico com o objetivo de discutir sua utilização e justificar o método qualitativo como forma de direcionamento a este texto.

A fundamentação deste trabalho baseou-se através da consulta de fontes bibliográficas sustentadas através dos conceitos aqui explicitados, tais como: representação, grupo étnico, espaço, memória e identidade. Além destas, foram selecionadas bibliografias para responder aos questionamentos do ponto de vista histórico para esta pesquisa. Juntamente com estas, foram utilizadas mídias impressas e fonte oral. Estas e as obras de cunho histórico permitem mostrar o que se produziu acerca do elemento principal deste trabalho identificado aqui através do argentino e suas representações.

O conceito de representação fora utilizada a partir das contribuições de Roger Chartier (1990). As práticas visam fazer reconhecer uma identidade social e exibir uma maneira própria de estar no mundo o que significa de maneira simbólica um estatuto e uma posição (CHARTIER, 1990, p.23). Podemos afirmar de início, que o conceito de representação perpassa por toda a pesquisa, pois, o *argentino na fronteira* ao longo do recorte proposto, se apresentou através de várias perspectivas. Primeiramente, a partir das definições do estado-nação, ele se coloca como o colonizador, o civilizador das fronteiras a serem definidas. Em outra instância, este argentino apresentou-se como o explorador e usurpador dos recursos naturais e negociante junto ao território do Oeste do Paraná. Da mesma forma, permite dar base aos questionamentos do terceiro capítulo com relação ao estabelecimento da *Casa de los argentinos*, entendida aqui como o espaço da “celebração da argentinidade”, o local em que os “iguais” realizaram suas manifestações culturais através da língua, do canto e da dança. Sobre este aspecto, Chartier (1990, p.19) coloca que “à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.” Assim, compreende-se que os atores sociais, neste caso os argentinos, produzem representações por meio de símbolos que os colocam como parte de um grupo, a exemplo da bandeira argentina, o idioma, as danças e a música. A própria agremiação pode ser considerada uma representação.

A pesquisa também compreende que os argentinos podem ser considerados enquanto grupo étnico. De acordo com Barth (1998, p.189) “os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizada pelos próprios atores e, assim, têm

característica de organizar a interação entre as pessoas”. Isso pode explicar o sentimento de comunhão estabelecido entre estes sujeitos ao se reunirem e ao participarem das feiras. Com isso estabelecem vínculos de proximidade de traços em comum, através da língua e os costumes.

Enquanto espaço onde está inserido este argentino, composto pela fronteira, recorreu-se à premissa de Michel de Certeau (2007) definido como espaço praticado (CERTEAU, 2007, p.09). Permite compreendê-lo não de modo estático, mas como palco das interações. Os relatos aqui apresentados ao longo da pesquisa, que compõe a dinâmica da fronteira no sentido de comandar as ações dos sujeitos, fazem-na um espaço que foge ao que é estanque da concepção de ambiente físico apenas, pois “o espaço é também um cruzamento de móveis” (Op.Cit, p. 202). O entendimento é de que o ambiente se caracteriza como um espaço ativo permeado das atitudes destes sujeitos. Em geral, o palco das ações e práticas.

Da mesma maneira, a dissertação também se apóia no conceito de memória. Para isso, foram utilizados os escritos de Michael Pollak: *Memória e Identidade social* (1992) e *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989). Este autor permite discutir não apenas as “lembranças” dos argentinos aqui estudados, mas das percepções de outros sujeitos acerca dos platinos na fronteira. De acordo com Pollak (1992, p.201) a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social. Um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Assim, as lembranças acerca dos argentinos ficam sujeitas a alterações e modificações. Como alguns exemplos, citamos a pioneira Schimmelpfeng (1991) ao recordar dos argentinos vindos em embarcações pelo Rio Paraná até Foz do Iguaçu como exploradores e ao mesmo tempo “salvadores”, pois traziam víveres para a região. Além disso, não se pode deixar de mencionar as narrativas de Oscar Alliana como informante importante para este trabalho. Neste aspecto, considera-se que o mesmo foi o principal articulador da *Casa de los argentinos* local de apoio e interação da cultura argentina na cidade de Foz do Iguaçu estabelecido ao final da década de 1980. Também pode ser classificado como representante de “uma” memória de um “pioneiro” na fronteira igualmente como partícipe no processo histórico e cultural deste espaço. Por isso, atribui-se a ele o sujeito de “guardião da memória”. As lembranças deste sujeito contribuem substancialmente na busca de dados sobre a representação no aspecto cultural e vem a somar aos objetivos das representações.

Para o conceito de identidade, mesmo que utilizado indiretamente, discutiu-se a partir dos seguintes autores: Kathryn Woodward com o texto: *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* (2003) e Stuart Hall, com a obra: *Identidade cultural na pós-modernidade* (2003). A obra de Woodward (2003) auxilia a pesquisa no sentido de compreender que estes argentinos são marcadamente classificados pela diferença e de modo relacional (WOODWARD, 2003, p.09). É estabelecida através da *marcação simbólica*⁴ o que os tornam em certo modo iguais ao compor um grupo e ao mesmo tempo diferentes em relação àqueles que não fazem parte dele. Isto ocorre a partir da percepção dos outros sujeitos que igualmente compõe a fronteira em relação também aos platinos.

Através de Stuart Hall (2003) utiliza-se o conceito de identidade sociológica⁵ para definir estes sujeitos. O mesmo aplica-se no sentido de que estes se preenchem por meio da identidade em relação a outras coletividades que ocupam o mundo exterior. Para isso, estes sujeitos precisam criar uma identidade que possam de alguma maneira, ser utilizada tanto na intimidade quanto nos ambientes coletivos. Isto faz com que haja uma negociação com o mundo exterior.

Ao transferir isto para a dissertação, em hipótese, a representação dos argentinos na fronteira manifestou-se na tentativa de se enquadrarem à realidade vivenciada no espaço. Essas análises pautam-se, substancialmente, em aportes bibliográficos, compreendidos como produtores de representações acerca da presença dos argentinos neste espaço, conforme veremos a seguir. As fontes com base histórica utilizadas buscaram trabalhar a *constituição do Estado argentino e a definição do norte fronteiriço*, são as seguintes: *A formação das nações latino-americanas*, de Maria Ligia Prado (1994) e dissertação de mestrado de Bruno Pereira de Lima Aranha (2014), intitulada *De Buenos Aires a Misiones: Civilização e barbárie nos relatos de viagens à terra do mate*

⁴ A marcação simbólica é o meio pela qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais. (WOODWARD, 2003, p.14).

⁵ Segundo Hall (2003, p.11-12) “A identidade [...] preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.”

(1882-1898). Neste último, foram utilizados os relatos de Juan Bautista Ambrosetti publicados no final do século XIX e reeditado em 1973 por Rafael Hernández⁶.

A obra de Prado (1994) permite discutir a formação do Estado argentino a partir de embates entre caudilhos que representaram os latifundiários e defensores do federalismo e liberais, patronos do liberalismo e do ideário iluminista, com vistas na lógica civilizatória em meados do século XIX. O então governo patrocinou projetos de modernização econômica frente ao mercado estrangeiro (PRADO, 1994, p.40-47) e de elementos da construção do Estado nacional preponderantes para projetos de expansão territorial. Entre estes está a ocupação do norte fronteiriço.

O trabalho de dissertação de Aranha (2014) complementa a obra de Prado (1994) no sentido de compreender a afirmação do território argentino como espólio da guerra do Paraguai e as décadas finais do Estado argentino (a partir de 1880). O ano coincide com a presidência de Júlio Argentino Roca marca a federalização da cidade de Buenos Aires ao integrar as demais províncias argentinas, rumo à expansão das fronteiras ao norte. O que irá marcar a consolidação deste Estado (ARANHA, 2014, p.46). Aliada às expedições enviadas para essa região por Roca, o objetivo seria o de identificar e catalogar potenciais econômicos e energéticos por meio dos recursos naturais (no caso da erva-mate na região do Rio U-Guazú⁷ denominado por estes viajantes e mais tarde denominado Rio Iguazu) na região das Misiones. Esta “empreitada” acaba por criar símbolos que mais adiante se identificaram com a ideia de Estado-nação na tentativa de “apagar” as marcas dos regionalismos construídos a partir do caudilhismo, durante praticamente todo o século XIX (Op.Cit. p.46) e impor politicamente a ideologia do Estado.

Em outro momento utiliza-se a obra de Antonio Marcos Myskiw (2009) intitulada *A fronteira como destino de viagem: A Colônia Militar de Foz do Iguazu (1888-1907)* que permite compreender aspectos da presença dos argentinos neste espaço, notadamente, no período da instalação da Colônia Militar em 1889 e seus desdobramentos no início do século XX. O autor discute como os militares brasileiros “abandonaram” o trabalho de

⁶ In: HERNÁNDEZ, Rafael, **Cartas Misioneras: reseña histórica, científica y descriptiva de las misiones argentinas**. Buenos Aires: Luz del Alma, 1887.

⁷ A inicial da expressão U-Guazú remete a pronúncia guarani que depois foi incorporada com a letra Y. A palavra significa “água grande”. Atualmente, no idioma espanhol é grafada *Iguazú*. Em português é escrita *Iguaçu*.

“guardadores” da fronteira para a realização de negócios com comerciantes vindos da Argentina.

Por sua vez, Ruy Christovam Wachowicz (1987) com a obra *Obrageros, mensus e colonos*, traz contribuições pertinentes às duas primeiras expedições, a partir de relatos de José Maria de Brito e as memórias de Cândido Ferreira de Abreu que procuraram descrever a fundação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu em 1889. Este último relata os desmandos cometidos pelos oficiais da Colônia, na preferência de negociar as terras que foram concedidas para seu uso e utilizadas para a exploração da madeira e da erva-mate para a comercialização junto aos argentinos (WACHOWICZ, 1987, p.21-30) que acabou por gerar conflitos com os poucos colonos viventes na região. Isto classifica os argentinos como exploradores.

Neste aspecto, encontramos em Magnoli (1997, p.263) a percepção da necessidade de estabelecer Colônias militares, onde destaca “a urgência em fundar duas colônias militares entre os rios Iguaçu e Uruguai visando conter a exploração e a presença argentina naquela área, que era, desde fins da década de 1850, objeto de litígio entre o Brasil e a Argentina”. A criação da província de Misiones em 1881 tornou urgente o estabelecimento das duas colônias militares na região do Campo-Erê. O território litigioso figurava em mapas também da então nova província argentina (WACHOWICZ, 1995, p.182). Esta observação pode mostrar de como os argentinos, junto a um plano governamental reivindicavam para si o espaço.

Na obra de José Augusto Colodel (1988) *Obrages e companhias colonizadoras*, produção que contou com o auxílio da Prefeitura Municipal de Santa Helena, permite identificar a localização das obrages ao longo do Oeste paranaense e as dificuldades econômicas enfrentadas pelos militares na Colônia Militar de Foz do Iguaçu no período de 1888 a 1907 relatadas através de viajantes. Isto os obrigou a manter negociações com obrageros argentinos de Posadas e Corrientes vindos pelo Rio Paraná. O trabalho deste autor evidencia o argentino enquanto mercador e possuidor de latifúndios de ervais em território brasileiro.

A obra de Valdir Gregory (2002) intitulada *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: Migrações no Oeste do Paraná*, em especial o seu Capítulo 02 - *Paraná território e população*, traz estudos sobre as atividades de exploração e de comércio da madeira e da erva-mate, cujos vínculos econômicos se estabeleciam pela Bacia do Prata com a Argentina no Rio Paraná até o início dos anos 1930 (GREGORY, 2002, p.88-89). Na

década de 1930, estabelece-se o projeto político do então presidente Getúlio Vargas através do Estado-novo em fixar o nacionalismo com o programa “Marcha para o Oeste” (Op.Cit, p.65). O objetivo era o de desvincular as poucas populações brasileiras com os laços estreitos que estas mantinham com argentinos e paraguaios na fronteira do Oeste paranaense.

Além disso, traz-se a obra de Mauro José Ferreira Cury intitulada *Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI): Interconexões, Interdependências e Interpenetrações nas cidades da tríplice fronteira: Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR)*. De maneira específica, foram utilizados dados referentes ao capítulo 04 da obra de Cury, intitulado *Das cidades de fronteira as TTI*, a fim de traçar aspectos históricos, econômicos e culturais das cidades que compõem o panorama transfronteiriço de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú. O trabalho de Cury (2010) permite identificar os dados históricos e econômicos das cidades brasileira e argentina com a intenção de compreender os laços entre os dois municípios com relação à crise da madeira e da decadência das exportações de erva-mate no Oeste paranaense a partir de 1930, devido ao plantio de ervais em Misiones. Esta nova situação estabelece outros tipos de enlaces, tais como: a navegação, abastecimento, comércio e turismo. De acordo com Curvo (1965, p.12-16) “Foz passa por um longo período de recessão através da decadência da madeira e da erva-mate, e o que foi motivado pelo desenvolvimento regional em virtude da instalação dos projetos de colonização durante o Estado Novo”. A decadência dos recursos naturais fez com que os argentinos se retirassem das paragens brasileiras.

Com a crise na margem argentina, Cury (2010) aponta para as novas práticas econômicas estabelecidas após 1930. De acordo com o autor “a incorporação regional de Puerto Iguazú se deu por meio de fluxos comerciais, estruturando as dependências das conjunturas econômicas, pelo comércio e pela atividade turística, pois a indústria era algo que ainda estava se configurando” (CURY, 2010, p.145). A decadência da madeira e dos ervais levou este *iguazuenses* a buscar outras fontes de ganhos. O comércio fluvial e o turismo em grande escala foram alguns destes investimentos.

Em outro grupo de fontes, recorreu-se à pesquisa de revistas e jornais (impressos e online) produzidos em Foz do Iguaçu. Este conjunto de fontes permitem discutir as representações de argentinos através do trabalho de Oscar Alliana na divulgação da

Casa de los argentinos e a participação nas feiras do município conforme será destacado no terceiro capítulo.

Além disso, utilizou-se análise de fonte oral a partir de entrevistas concedidas por Alliana no município de Foz do Iguaçu em quatro momentos: nos anos de 2004, 2014, 2015 e 2016. Estas foram gravadas e transcritas. Os diálogos realizados ajudam a responder questionamentos acerca de suas memórias, suas ocupações e principalmente de suas intenções com a representatividade desempenhada pela *Casa*.

Juntamente com este sujeito, analisou-se seu acervo pessoal composto por um Livro de Ata numerado de 300 páginas e 54 fotografias. O livro em questão se faz importante no sentido de verificar as ações da *Casa de los argentinos* e o registro de discursos epidícticos realizados por autoridades brasileiras e argentinas ao trabalho de Alliana nas feiras culturais.

As fotografias organizadas cronologicamente por Alliana, igualmente trazem a “inauguração” da entidade em Foz do Iguaçu, bem como da participação desta “colônia” nas feiras do município. Tanto o livro quanto as fontes iconográficas são representações. Os mesmos podem mostrar como Alliana e alguns argentinos são percebidos através de manifestações culturais na tentativa de serem reconhecidos não apenas na fronteira, mas pela sociedade iguaçuense em geral, o que atestam sua territorialidade⁸.

A partir dessas colocações podemos considerar a pesquisa sobre os argentinos interdisciplinar. Embora se apresente através do enfoque histórico em um primeiro momento, também transita nas esferas: social, cultural, econômica e política, pois permite responder a indagações estabelecidas em outras áreas. O trabalho junto às representações dos argentinos.

Por isso, procura manter o diálogo entre as ciências através da necessidade do intercâmbio de experiências entre as áreas afins. A interdisciplinaridade, da mesma forma que a relação entre várias disciplinas em que se divide o saber-fazer humano, se considera como uma das soluções que se colocam a um problema muito maior, no que se refere à unidade do ser e do saber, das ciências, das técnicas, das artes e das

⁸ Segundo Gimenez (1996) “O território só existe enquanto valorizado de múltiplas maneiras: como zona de refúgio, como meio de subsistência, como fonte de produtos e de recursos econômicos, como área geopoliticamente estratégica, como circunscrição político-administrativa, como “beleza natural”, como objeto de apego afetivo, como terra natal, como espaço de inscrição de um passado histórico ou de uma memória coletiva, como símbolo de identidade sócio-territorial.” (P.PELLEGRINO, 1981, p.99; D.DELALEU, 1981, p.139 Apud GIMÉNEZ, 1996, p.11).

humanidades com o conjunto que se pode construir da vida e do universo. (CASANOVA, 2006, p.13). O diálogo mantido entre as diversas disciplinas permite responder aos questionamentos elaborados sobre a representação do argentino na fronteira no sentido de percebê-lo em outras esferas.

Desta mesma maneira, ocupa-se em apresentar estes sujeitos e a possibilidade em manter discussões com as distintas áreas: com a Sociologia por se tratar de um estudo que envolve atores sociais em meio a regras e ações. Através da Antropologia pelo envolvimento com sua organização cultural e seus costumes. Pelo turismo e das relações com o comércio na fronteira. E geográfico pelo espaço estudado, local de atuação destes sujeitos. Assim, o trabalho dos *argentinos* possui o cunho interdisciplinar com o objetivo de se (inter) complementar.

Ao todo a dissertação conta com três capítulos: O primeiro intitulado *A representação do Estado argentino e do norte fronteiro: Um ideário nacional*. Este discute os elementos constituidores da formação do estado nacional argentino, forjados através de conflitos entre as elites fundiárias de províncias interioranas e políticas de Buenos Aires que permeou durante toda a segunda metade do século XIX. Após estes embates, a partir de 1880 o então presidente argentino Júlio Argentino Roca lança um projeto de exploração e ocupação dos “espaços vazios” aqui nomeados como *desiertos* por meio de *viajeros* contratados, ao longo dos limites do território nacional. Entre estes espaços está a região mais ao norte fronteiro que divisa o Paraguai e o Brasil definido como o *Território de Misiones*. Nesta descrição, o objetivo do capítulo foca-se em observar como o projeto de Roca nos ajuda a compreender de que maneira a ocupação do Norte puderam definir os limites e a criação da unidade do estado-nação argentino. Assim, observam-se as representações estabelecidas por estes *viajeros*, munidos das concepções de civilização e progresso da metrópole Buenos Aires em uma região a ser desbravada na tentativa de fixar a bandeira argentina. Além disso, estes exploradores buscavam possíveis potenciais econômicos e energéticos em meio à natureza *misionera* onde ascendem aos ervais na região próxima às Cataratas do Iguaçu junto aos limites brasileiros.

O segundo definido como *A representação de argentinos no território do Oeste do Paraná* investiga a presença deste grupo social na região do Oeste paranaense nos séculos XIX e XX a partir da exploração dos recursos naturais tais como: A erva-mate nativa e a madeira por parte de exploradores vindos de Posadas e Corrientes por meio

fluvial através do Rio Paraná. O mesmo procura discutir como em determinado momento, estas aproximações junto ao território brasileiro foram facilitadas a partir do estabelecimento da Colônia Militar em 1888 devido à carência de recursos dado ao distanciamento com os núcleos urbanos. A crise dos recursos perdurou até meados de 1930, o que coincidiu com a política Varguista “Marcha para Oeste” cuja proposta fora a de ocupar e nacionalizar o espaço do Oeste paranaense através de imigrantes vindo do sul do Brasil. Também neste item, as representações dos argentinos são percebidas por meio deste contato mercantil, onde a partir dele, acabaram por influenciar a dinâmica da fronteira, especialmente no território brasileiro, por meio da língua, da moeda e dos costumes destes platinos. Este fato perdurou até meados da década de 1960, com a inauguração da Ponte Internacional da Amizade e a rodovia BR-277 o que desvia a influência argentina também sobre o Paraguai.

O terceiro cujo título é *A representação de argentinos através das manifestações culturais e a busca de legitimidade na fronteira* tem o objetivo de analisar a criação de um espaço de celebração da “argentinidade” em um território estrangeiro, neste caso, uma casa de cultura argentina⁹ no Brasil em 1988 idealizado por Oscar Alliana, sujeito este que se coloca como um representante da memória argentina na fronteira. O período vem de encontro com a nova Constituição¹⁰ brasileira, pois a mesma permite maior garantia de direitos inclusive culturais, fato este que favoreceu o aparecimento de grupos sócio-culturais no município. Através da entidade de Alliana podem-se perceber as representações da cultura argentina por meio da participação através da música, das danças realizadas em feiras culturais no município de Foz do Iguaçu tais como a Fartal (Feira de Artesanato e Alimentos) e a Fenartec (Feira das Nações, Artesanato, Turismo e Cultura) muito tradicionais na cidade¹¹. O intuito fora destacar a participação destes sujeitos enquanto grupo social no espaço fronteiriço. Com isso, Alliana mantém diálogos

⁹ No terceiro capítulo, realiza-se um esforço em identificar as representações produzidas a partir da *Casa de los argentinos* que fora um centro cultural de identidade e memória argentina, fundada em 1988, na Câmara Júnior de Foz do Iguaçu por Alliana. Este sujeito pode ser definido, em uma acepção a Jacques Le Goff (1990) como um “guardião da memória” por ser uma fonte importante para a construção deste trabalho.

¹⁰ Faz-se necessário o destaque deste recorte, pois, o Brasil vivia um período de transição e reestruturação política que é divisada pela implementação da nova Constituição Federal de 1988, também conhecida como a “Constituição cidadã” por garantir vários direitos, principalmente individuais.

¹¹ A Fartal (Feira de Artesanato e Alimentos) é uma feira patrocinada pela Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. A Fenartec (Feira das Nações, Artesanato, Turismo e Cultura) foi organizada pela Câmara Júnior de Foz do Iguaçu e teve sua última edição em 2009.

com outros grupos sociais e políticos com objetivo de divulgar sua entidade. Além disso, Alliana representa os interesses políticos de Puerto Iguazú no Brasil, pois também em 1988, Brasil e a Argentina firmam o Tratado de Integração, Cooperação e Comércio¹² o que antecede a criação do MERCOSUL em 1991, o que possibilita maior acesso de sujeitos na fronteira. Com a instituição destes acordos, Alliana passa a ser também um divulgador da argentinidade em Foz do Iguaçu nos aspectos econômico e turístico.

¹² O Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, foi um acordo assinado entre o Brasil e a Argentina em 1988, com o intuito de fixar como meta o estabelecimento de um mercado comum, o que antecede o que viria a ser o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) em 1991, no qual outros países latino-americanos poderiam se unir futuramente. In: <http://www.mercosul.gov.br/>. Acesso em: 05/01/2016 às 10:00h.

Capítulo 01 – A representação do Estado argentino e do norte fronteiriço: Um ideário nacional

Neste primeiro capítulo apresentamos alguns aspectos que envolvem o processo de formação do Estado nacional argentino, em um recorte que abarca o período identificado com a Modernidade, durante a segunda metade do século XIX, que imprime características e representações no período seguinte. Dará ênfase a formação do Estado argentino como definidor do processo de construção das fronteiras. Acerca-se de reflexões sobre o norte argentino, junto à criação do território de Misiones em 1881¹³ a partir da criação do Instituto Geográfico Argentino¹⁴ sob a responsabilidade de Estanislao Zeballos¹⁵, posteriormente, ao entendimento dos fatores que levaram aventureiros contratados pelo governo de Roca a esta região. Todo esse processo envolve as representações apoiadas no civilizar os vazios geográficos e explorar os recursos naturais. Essa definição nos aproxima da fronteira iguaçuense, local da constituição de espacialidades de argentinos nesta região, definido pelo recorte deste trabalho.

Neste sentido é importante compreender como o referido Estado-nação argentino produziu uma representação nacional através do viés político para, neste momento, justificar sua presença nas regiões *norteñas*, *por meio da ocupação* dos chamados “vazios geográficos”, através da ideia de civilização propagada no período. As reflexões que seguem, pautam-se em análises historiográficas, observando como os autores utilizados permitem perceber as representações do argentino e das fronteiras produzidas neste período.

A compreensão deste contexto, perpassa necessariamente uma abordagem da formação dos Estados-nação no espaço do Prata, o que inclui o processo de formação da própria Argentina. Pois, como aponta Bruno Aranha, a elaboração da ideia de nação

¹³ Segundo Aranha (2014, p.14) no ano de 1881, a região de Misiones foi desmembrada de Corrientes, com o intuito de federalizá-la, convertendo-se em Território nacional de Misiones. Em 1953, constituiu-se em província.

¹⁴ O Instituto Geográfico Argentino foi criado durante a gestão de Roca, pois, o trabalho civilizatório necessitava de um apoio logístico. Naquele período, poderia transitar entre ambientes científicos e políticos sendo que muitos membros possuíam cargos importantes da política entre os quais o de governador de província. (Op.Cit., p.54).

¹⁵ Estanislao Severo Zeballos, advogado e intelectual foi o primeiro presidente do Instituto Geográfico Argentino. Ocupou os cargos de deputado nacional e ministro de relações exteriores junto às fronteiras com o Chile e o Brasil. Foi responsável pelo relatório Palmas/Misiones onde reivindicava o espaço para a Argentina. (Op.Cit., p.54).

argentina é construída a partir dos conflitos internos e que serviram de base para a formação do Estado argentino (2014, p.46-54). A partir deste autor podem-se compreender os embates entre caudilhos e ilustrados, definidos por interesses tão contraditórios, mas vistos como representações possíveis deste argentino. Neste mesmo sentido, Benedict Anderson (1993) nos ajuda a compreender as motivações que levaram as colônias da América do Sul a se tornarem Estados-nações. Os autores, em suas observações, apontam para o desenvolvimento e a difusão da imprensa nas colônias espanholas na América. Colocam as proto-nações do Prata em *par de igualdad* no sentido de que as mesmas possuem um explorador comum, o que levou a anseios e indignação perante a metrópole. Aqui se referem a semelhança de suas lideranças *criollas*¹⁶ que governam estas regiões, que se aproveitam para criar as bases do nacionalismo, junto, obviamente, às ideias ilustradas, trazidas da Europa (ANDERSON, 1993, p.77-101). Reflexões estas, que nos ajuda a compreender que a ideia de nação enquanto ideologia do liberalismo, ao definir as bases burguesas na América, pode ser percebida como uma criação estrangeira.

Será dentro desta lógica, que após o processo de independência da Argentina durante o século XIX, as províncias do Sul - Buenos Aires e sua província; Santa Fé e Corrientes; Córdoba, La Rioja e Tucumán – (PRADO, 1994, p.40) foram palco de disputas econômicas e políticas entre as elites do interior (*criollas*) e as da região portuária de Buenos Aires que controlavam o escoamento de riquezas¹⁷.

Com este entendimento, percebe-se como durante o processo de formação do Estado nacional argentino e os conflitos entre federalistas *criollos* e liberais ilustrados, foram decisivos, não apenas na configuração do que seria a “República do Prata”, mas do acirramento do pertencimento nacionalista, forjado por meio dos embates políticos da Argentina na segunda metade do século XIX. (PRADO, 1994, p.40-47). Aqui é possível compreender as bases iniciais que sustentam a representação de ser argentino no contexto da proto-formação do Estado nacional argentino.

¹⁶ A expressão *criollo* refere-se aos sujeitos nascidos na América que possui descendência direta com os espanhóis. Os mesmos ocupavam as camadas mais abastadas no período colonial. Eram possuidores de grandes extensões territoriais (latifúndios) e também eram conhecidos como *terratenientes*. (ANDERSON, 1993, p.77-101).

¹⁷ De acordo com Prado “apesar do resultado positivo das lutas contra os espanhóis, as divergências entre as três regiões da futura Argentina começavam a se definir [...] havia uma oposição clara entre Buenos Aires que dominava o acesso a toda bacia fluvial do Prata utilizando o princípio de soberania exclusiva sobre os rios interiores – e as províncias do litoral – que viam fechada a possibilidade de um comércio direto com o mercado internacional.” (PRADO, 1994, p. 38-39).

Segundo Aranha (2014) a construção da Argentina enquanto Estado-nação perdurou por todo o século XIX. Segundo ele, após as disputas com os caudilhos era necessário unificar as províncias, no entanto, os regionalismos ainda eram muito arraigados e a ideia de nação argentina pairava distante de muitos provincianos.¹⁸

O que se pode compreender neste recorte é o “desenho” da ideia de Estado nacional, dentro do qual se escolheram símbolos por meio da representação da natureza e da geografia. Neste contexto, em específico, o norte argentino (atual província de Misiones) retrata um território que precisava ser demarcado e civilizado¹⁹, pois fora considerado por muito tempo pelas elites como um *desierto*, ao atestar uma espécie de vazio geográfico e demográfico do ponto de vista da civilidade e, da mesma forma, para resolver questões litigiosas com o Brasil,²⁰ conforme é colocado por Magnoli (1997). Assim, desde a primeira metade do século XIX, as velhas disputas fronteiriças já demonstravam tensões territoriais neste espaço.

Neste sentido, a representação citada acima, em sentido proposto por Kathryn Woodward (2003), que compreende a identidade como uma construção que é tanto simbólica quanto social (2003, p.10), permite perceber que os elementos geográficos e naturais do norte argentino foram utilizados para que se criassem, pouco a pouco, “símbolos nacionais” utilizados pelo governo argentino.

Como resultados deste processo, pode-se perceber, atualmente, passados mais de um século, definições como “*Tierra del mate*” e “*Tierra Colorada*” demonstram como a identidade já ocupa lugar dentro do imaginário provinciano e numa projeção nacional

¹⁸ “Ainda que os caudilhos das províncias a essa altura tivessem sido praticamente aniquilados, restava a problemática de unificar efetivamente as províncias que permaneceram tanto tempo sob a égide desses caudilhos. Os regionalismos ainda eram fortes [...] Afinal era difícil eliminar as identidades locais de forma sumária. [...] a problemática da construção da nação Argentina perdurou por todo o século XIX.” In: ARANHA, 2014, p.46.

¹⁹ De acordo com Aranha (2014, p.140) “as representações não eram provenientes da natureza do pampa ou da região de Buenos Aires: Misiones era fornecedora desses símbolos nacionais. No plano simbólico, tais representações também teriam o efeito pragmático de integrar definitivamente a região ao seio da nação.”

²⁰ De acordo com Magnoli (1997) “A cunha formada por esses dois rios (Iguaçu e Uruguai) era uma tensão latente. Na década de 1830, o governo do Rio de Janeiro projetava instalar uma base militar em algum ponto da região, e o Visconde de São Leopoldo (1839) alertava para a vulnerabilidade da então província de São Paulo pelo lado sudoeste, em virtude da nulidade do Tratado de Santo Idelfonso e da falta de demarcação, sempre baralhada pelas intrigas e tergiversações do segundo comissário Espanhol. O desmembramento que originou a Província do Paraná, em 1853, foi condicionado até certo ponto, por esse impasse fronteiriço. Em 1857, a área tornou-se objeto de um tratado, negociado pelo Visconde do Rio Branco, que não chegou a ser ratificado, pois a Confederação Argentina esperava, como retribuição, o engajamento do Império contra a Província de Buenos Aires, o que não ocorreu.” In: MAGNOLI, 1997, p. 263.

argentina a partir dos constructos ideológicos do passado, ao que Woodward (2003) chama de reivindicações²¹. Deste modo, o sujeito *misionero* – desta região – assume representações que definem a ideia de pertencimento, ao reivindicar para si, tais atribuições. Esses aspectos históricos, apontados até aqui, passarão a ser pormenorizados abaixo.

²¹ Conforme é colocado por Woodward (2000, p. 13-14) as “reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável.”

1.1. A constituição dos Estados-nacionais na América latina colonial

Para as reflexões que seguem os escritos de Maria Ligia Prado (1994) trazem elementos para entender as representações da constituição e da formação dos Estados-nacionais dos países da América Latina colonial de modo geral. A autora procura compreender como estes estados em construção, passaram de apenas colônias exploradas pelas potências ibéricas, por meio da política do extrativismo e escravismo, para uma condição que se inclinava para o liberalismo econômico e como parte²² das lideranças locais representadas pelo *caudilhismo*²³ na defesa de interesses locais. Da mesma forma, também discute os conflitos inerentes a esse processo. Ela chama a atenção para as contradições de ordem política e econômica em que marcaram a historiografia latino-americana. Deste modo, Prado (1994) justifica a mobilização das lideranças dos Estados de maneira que:

A independência política e a formação dos Estados Nacionais na América Latina ocorreram a partir do rompimento do sistema colonial e foram dirigidas por setores dominantes da colônia descontentes com a impossibilidade de usufruir as “novas vantagens” que o capitalismo do século lhes oferecia. (PRADO, 1994, p. 02)

Em outras palavras, pode-se perceber que o item apresentado pela autora, justificou vários conflitos (inclusive armados) entre as lideranças locais das colônias e a metrópole espanhola na disputa do poder no continente americano em um período de abertura econômica facilitada pela onda de independências, o que favoreceu o surgimento dos estados nacionais.

Aliada aos escritos de Prado (1994) a obra de Anderson (1993) traz a relevância o conceito de nação que é socialmente construído e imaginado por uma minoria de pessoas que acreditam fazer parte do mesmo grupo. Assim, um dos elementos de

²² Muitos dos donos de terras, em oposição ao livre-comércio, como foi o caso dos terratenientes na Argentina (latifundiários que possuíam grande peso político), defendiam uma postura regionalista e que não buscava rechaçavam uma abertura aos mercados estrangeiros. Tal doutrina ficou caracterizada como Federalismo. (ANDERSON, 1993, p.77-101).

²³ Pode-se definir que os membros do caudilhismo eram sujeitos nascidos nas colônias latino-americanas que tinham descendência ibérica direta, ou seja, filhos de pais espanhóis e que possuíam riquezas e poder político. Por este fator, defendiam uma forma centralizada de administração, assemelhando-se inclusive do sistema feudal europeu em alguns aspectos.

aproximação das populações nas nações em formação era o idioma, pois unia regiões de norte ao sul das colônias, deixando características em comum.

Mas a questão da língua não afastava a exploração e a dependência em relação à metrópole ibérica. Sobre isso, salienta Anderson (1993)

A língua não era um elemento que os diferenciava em relação a sua respectiva metrópole imperial. Estas nações eram governadas por lideranças crioulas, formadas e dirigidas por pessoas que compartilhavam uma língua e uma ascendência comum com aqueles contra quem lutavam. A língua jamais foi e nem sequer um ponto de controvérsia nas lutas de libertação nacional. (ANDERSON, 1993, p.77)

A necessidade de se “libertar” em relação à metrópole ibérica, pode ser entendido pela troca de uma elite exploradora por outra. Esta última, de origem caudilha, abominava, por exemplo, o fato de camadas sociais menos elevadas ameaçarem assumir os mais altos postos de governos destas colônias. De acordo com Anderson (1993):

Um dos fatores decisivos que impulsionaram inicialmente o movimento pela independência em relação à Madrid como foi o caso da Venezuela, México e Peru era o temor das mobilizações políticas das "classes baixas" como a sublevação de índios ou de escravos negros. (ANDERSON, 1993, p.78).

Desta maneira, para criar (imaginar) a ideia de *nação*, havia a necessidade de se construir a ideia de Estado Nacional, aos moldes da Revolução Francesa, Iluminista e liberal (ANDERSON, 1993, p.77-78) o que levou a necessidade de se constituir uma organização (Estado) onde os súditos se convertem em cidadãos e as leis devem ser para todos e a ideia de liberdade civil mascara o ideário do liberalismo, muito mais relacionado com o economicismo e a propriedade privada.

Neste processo, fez-se necessária uma propaganda eficiente para o culto do nacionalismo, onde nesta, os ideais revolucionários tomaram forma nos ideais políticos e imprescindível se fez a participação e a mobilização da sociedade em geral. De acordo com Nairn (1977):

Mesmo muitas vezes hostis à democracia, os movimentos nacionalistas tiveram invariavelmente uma perspectiva populista e trataram de levar as classes baixas à vida política. Em sua versão mais típica, isto adotava a forma de uma classe

média inquieta e uma chefia intelectual que tratavam de agitar e dirigir as energias das classes populares em apoio aos novos Estados. (NAIRN, 1977).

Desta maneira, ressalta-se o elemento do nacionalismo como propaganda eficaz das elites da época em criar a ideia de emancipação, onde os direitos dos cidadãos são colocados como universais, pois, conforme já fora esclarecido, ocultava uma proposta muito maior, que estava relacionada à introdução da consciência liberal arquitetada pelas próprias elites através da utilização do advento do Estado nacional. Como exemplo, cabe citar o cenário político argentino durante a segunda metade do século XIX, onde as disputas de interesses antagônicos entre as lideranças interioranas e as lideranças portenhas foram pertinentes na formação também da representação do estado argentino, o qual será aprofundado no item seguinte.

1.2. A definição do Estado argentino

Conforme já abordado, um dos primeiros itens seria o da compreensão da ideia de Estado-nação argentina e que pode ser importante para inventar o sentimento de pertencimento dos cidadãos naquele período. Para isso, pretende-se identificar de que modo se construiu historicamente a representação do Estado argentino (1816) na tentativa de compreendê-lo através do processo de independência conforme os embates entre liberais e caudilhos durante a primeira metade do século XIX. Sobre esta questão Prado (1994) afirma que:

A futura Argentina estava dividida em três regiões com interesses econômicos diversos e, algumas vezes contraditórios, que acabaram por explodir numa longa luta política pela direção do poder político [...] ainda que muitas vezes fosse um grande fazendeiro (o caudilho) confundia-se pela sua vida rude e pelas qualidades pessoais de coragem e destreza [...] as ideias liberais, ao lado de uma postura mais urbanizada e ilustrada, passaram a ser sinônimos de estrangeirismo e exótica imposição. (1994, p.38-39).

Segundo a autora, podem-se traduzir os conflitos no que se entende como “sentimentos interioranos”, o que pode ser levado em consideração a vida no campo despertada pelo que foi o caudilho e os interesses privados ligados ao desenvolvimento econômico e científico, ventilado pelo movimento liberal da época. Percebe-se que parte da representação do argentino, em uma perspectiva social está, de um lado, associado

a bravura caudilha na resistência diante da imposição estrangeira e a defesa dos interesses regionais e, de outro, “as luzes” iluminadas pelo ideário liberal da civilização e do progresso.

Em hipótese, acredita-se que estes embates podem ser os responsáveis pelo sentimento de pertença, carregado (subjetivamente) no imaginário do argentino “moderno” por meio de herança e que a partir dele, o poder central nomeou *viajeros* para explorar regiões consideradas inóspitas. Essa compreensão, no entanto, passa a ser importante para a definição dos limites nortistas junto ao Brasil, que abarcam inclusive a região de Foz do Iguaçu. Pois, será por meio destes *viajeros* que se conjectura a chegada destes ideários as longínquas regiões do Norte, munidos de elementos que representaram o progresso, a civilização e a busca de riqueza, mas também com o encantamento da flora *misionera*.

Outro elemento a ser destacado é o da representação do nacionalismo existente na cultura argentina. Para tanto, de modo a compreender tal fenômeno a abordagem seguinte voltar-se-á a uma breve reconstrução histórica da Argentina e os conflitos regionais ao tempo de Juan Manuel de Rosas²⁴ que a marcaram como decisivas para a compreensão do que hoje podem ser entendidos como “cidadãos argentinos”.

Desta maneira, destaca-se o evento que se configurou como o período pós-independência argentina (1816) até o ano de (1853) momento que se destaca o juramento da Constituição anti-rosista²⁵. O que pode ser percebido implicitamente nos discursos deste grupo, segundo esta autora, são o reforço constante destes valores de identidade e os critérios para que de fato exista uma nação (da lógica regional) juntamente com os “projetos políticos ideológicos que deram corpo à construção dos Estados nacionais” (PRADO, 1994) e da “língua, etnia ou território comum e história comum, traços culturais comuns” (HOBSBAWN, 1990, p.15). Ao compreender este autor, percebe-se que além do ideário nacional baseado na lógica liberal, junta-se a ela as representações regionais, grandes elementos que viriam a somar na criação do estado nação argentino.

²⁴ Juan Manuel de Rosas (1793-1877) foi governador da província de Buenos Aires entre 1829 a 1832 e 1835 e 1852. Foi responsável por centralizar o poder e por adotar uma política anti-liberal.

²⁵ Em 1853 a Constituição argentina foi jurada e tornou-se um Estado liberal republicano e federal. (PRADO, 1994, p.45.).

De início podem ser destacados de maneira necessária, a explicação de que existem processos históricos distintos, por exemplo, em relação à história brasileira, diferentes e que frequentemente “cremos que pelo fato de também nós (brasileiros) termos sido colônia, passamos obrigatoriamente por um processo histórico idêntico ou quase idêntico” (PRADO, 1994, p.04).

Por isso é importante salientar que o que ocorreu na Argentina foi de fato diferente à História do Brasil, a começar pelo caudilhismo²⁶, grupo latifundiário exclusivamente das regiões interioranas da Argentina, onde interesses locais estavam em contraposição aos nacionais. Estes podem ser vistos como sujeitos importantes como parte da representação do argentino de modo geral, onde, além do imaginário da bravura e da rudeza, também está a defesa de seus interesses regionais. Para tanto, colocam-se como relevantes alguns dados históricos sobre a constituição territorial argentina.

Segundo Prado (1994, p.38) “quando se iniciou o processo de independência, o vice-reinado não formava um todo economicamente homogêneo”, isto é, o que podemos caracterizar que esta divisão por setores econômicos, pode ter desenvolvido um personalismo regional e pode ter gerado interesses antagônicos.

Além disso, a autora chama a atenção para a ideia com respeito aos, já elencados setores econômico-produtivos da Argentina da primeira metade do século XIX, caracterizados por regiões de influência, onde ficou assim organizada:

A atual Argentina compreendia três regiões: A primeira era a de Buenos Aires e sua província, rica fundamentalmente por suas verdejantes pastagens e seu porto, que monopolizava o movimento das exportações de toda a região. A segunda, a do litoral dos rios, que se estendia às margens do Paraná (Santa Fé, Corrientes), tinha por aspiração a livre navegação desses rios para escoar sua produção pecuária. A terceira, a chamada de interior (Córdoba, La Rioja, Tucumán), compreendia os espaços que se dedicavam à agricultura de subsistência e ao artesanato. A futura Argentina estava, dessa forma, dividida em três regiões com interesses econômicos diversos e, algumas vezes contraditórios, que acabaram por explodir numa longa luta política pela direção do poder político.” (PRADO, 1994, p.38-39).

No fragmento evidencia-se o domínio de Buenos Aires sobre as regiões do litoral e do interior e que se fundamentou por um domínio via fluvial, ou seja, a cidade detinha

²⁶ Os caudilhos, em sua maioria, eram fazendeiros argentinos que representavam interesses regionais. Eram defensores do Federalismo como forma de organização política e rechaçavam toda ideia liberal como sinônimo de estrangeirismo.

monopólio econômico e controlava a região do Prata (Rio Paraná) o que acarretou “sentimentos localistas e regionalistas exacerbados, alicerçados nos interesses particulares das demais regiões” (PRADO, 1994, p.40) pois o mercado controlado pelos portenhos comprometia os interesses dos fazendeiros locais. A partir disso, pode-se entender que o conflito de imposições, tanto dos *estancieros* como dos sujeitos da cidade portenha foram as responsáveis na representatividade deste cidadão argentino que ora se desenhava no âmbito político.

Neste contexto surge o então caudilho que segundo Prado (1994, p.41) “ainda que muitas vezes fosse um grande fazendeiro (o caudilho) confundia-se pela sua vida rude e pelas qualidades pessoais de coragem e destreza”, no entanto, eram defensores do federalismo²⁷ e representavam interesses regionais. Assim, a autora destaca que em 1820, os caudilhos derrubaram o governo de Buenos Aires o que fundamentou “longo período de autonomia das províncias” (p.41).

De acordo com as ideias destacadas o caudilhismo representou o que pode se chamar de poder das elites conservadoras que em certa medida defendiam seus interesses. Como anteriormente mencionado, estes interesses locais destes fazendeiros sobrepujava os assuntos e questões nacionais da época.

Desta maneira, o período coincide com os resultados que o capitalismo industrial ofereceu em mais de dois séculos de produção e que agora perseguia novos mercados consumidores através do liberalismo econômico que começara a instalar-se como uma nova forma de lógica de produção e acumulação e que aos poucos se configurou como o que mais tarde se converteria na constituição dos mercados.

No contexto argentino, pode-se afirmar que o fato dos fazendeiros das demais localidades (das três principais regiões) manter certo tipo de conservadorismo, os mesmos não sentiam interesse e nem o desejo de criar contato com os mercados estrangeiros, pois “as ideias liberais, ao lado de uma postura mais urbanizada e ilustrada, passaram a ser sinônimos de estrangeirismo e exótica imposição” (PRADO, 1994, p.41) o que fomentou aversões no movimento caudilhista e despertar assim, uma forma de identidade e bravura por não concordar com a modernidade liberal que ora se estabelecia.

²⁷ O federalismo é um sistema político em que organizações políticas (estados, províncias) ou grupos se unem para formar uma organização mais ampla como, por exemplo, um Estado Central. No sistema federalista, os estados que o integram mantêm a autonomia. In: (ARANHA, 2014, p. 46-77.).

Neste cenário surge Juan Manuel de Rosas, caudilho e federalista. Este personagem “concentrou em suas mãos grande poder e dividiu o país em duas correntes políticas” (PRADO, 1994, p.43) e talvez tenha sido o maior personagem representado no que se entendeu por movimento caudilho. O mesmo detinha um discurso similar ao populista, onde buscou nas massas o apoio que precisava para por em prática o seu projeto, além de adotar uma política de repressão e perseguição de seus opositores como coloca Prado (1994):

Sob suas ordens e o arbítrio de Rosas, o território argentino permaneceu alicerçado em um sistema de pactos. Seus inimigos eram perseguidos de forma violenta e muitos de seus opositores políticos foram para o exílio, de onde verberavam contra o opressor e propunham uma nova ordem política, inspirada nas ideias liberais. (PRADO, 1994, p.43).

Com isso pode-se perceber que uma das questões que consolidou seu poder foi a partir de sua defesa em relação “as rendas alfandegárias e as riquezas da província e não de toda a nação” (PRADO, 1994) e seu discurso populista que, ainda segundo Prado (1994):

Contando com o apoio popular que sempre o sustentou politicamente [...] alvo de muitas críticas de seus adversários liberais temiam a potencialidade das contestações populares [...] Rosas tratava seus aliados paternalmente. (PRADO, 1994, p. 42).

De acordo com Prado (1994) “Rosas foi governador de Buenos Aires de 1829 a 1832. Em 1835 voltou a esse posto para aí permanecer até 1852, quando aconteceu a derrota de seu exército, na batalha de Caseros”. Deste modo, o mesmo pode ter sido um fenômeno para a época, pois, movido por este discurso político (populista num primeiro momento) mobilizou grandes massas que o apoiaram, sem ter sido propriamente parte delas.

No entanto, abordar a breve História política de Rosas não explica completamente o nacionalismo argentino (que não é o objetivo final) posto que não seja fácil de explicar. Num primeiro momento, podemos afirmar que Rosas representa uma figura de bravura, de alguém que ama seu *pago* e que o defenderia até a morte se fosse necessário.

Por sua vez, o que permite nos aproximar de uma compreensão é o contraste bilateral do conservadorismo e do liberalismo, que juntos, terminaram de consolidar o

que se caracterizou como identificação. De um lado, vê-se a concentração do poder e o espírito caudilho de Rosas que surge num palco de disputas com a independência da Espanha em 1816, mas, vale ressaltar que o espírito liberal também se faz presente neste contexto, ao garantir um sentimento empreendedor desenvolvimentista alinhado com os mercados estrangeiros.

Além do aspecto rosista conservador, a Igreja argentina, em grande medida, apoiou a conjuntura da época ao colocar que “o conflito fundamental não se deu entre liberais e conservadores ligados a interesses da Igreja e sim entre diferentes interesses sócio-econômicos regionais” (PRADO, 1994, p.44). Assim, a igreja católica argentina era de fato antiliberal e muito provavelmente, de maneira hipotética, beneficiava-se das doações destes sujeitos ou até mesmo pode ter batizado os filhos dos mesmos, numa relação que pode ter sido próximo a um vínculo familiar e paternal entre ambos.

Em contraposição, outro personagem deste enredo é Domingo Faustino Sarmiento²⁸ que representa o antagonismo de Rosas na simbologia da conjuntura política daquele período. Como já foi mencionado, os “inimigos” de Rosas, que se mobilizaram fora do exílio, faziam parte da ala intelectual do país. Isto não foi diferente com Sarmiento, pois era professor e se tornou conhecido por escrever a obra: *Facundo ou Civilização e Barbárie*²⁹ que conta a história de Juan Facundo Quiroga³⁰ e explica o fenômeno do caudilhismo na Argentina.

Com o livro, Sarmiento quis justificar que as “luzes” do liberalismo em contraposição do conservadorismo de Rosas, era considerado uma ameaça. Ainda sobre a proposta da obra, Prado (1994, p.41-45) salienta que “para Sarmiento, o mal da Argentina era o caudilhismo rural, lugar da ignorância, do atraso, das trevas, da violência, da anarquia”. Enquanto que, em contrapartida, aos nascidos nas urbes “se contrapunha o unitarismo, nascido nas cidades, onde havia o progresso, luzes, saber, ilustração ou, numa palavra, civilização” (Op.Cit. p. 44). Aqui vemos o outro elemento que caracteriza

²⁸ Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) foi jornalista, escritor e político argentino. Ficou conhecido por fazer oposição política ao governo de Juan Manuel de Rosas por adotar uma postura liberal. Foi presidente da Argentina entre 1868 e 1874. In: (ARANHA, 2014, p.46-77.).

²⁹ Obra publicada por Sarmiento em 1845 onde o mesmo fazia o retrato da vida de Facundo Quiroga, caudilho de La Rioja; procurava explicar o fenômeno do caudilhismo e fazer uma crítica demolidora ao governo de Rosas. (PRADO, 1994, p.45).

³⁰ Juan Facundo Quiroga (1788-1835) caudilho, militar e político da província de La Rioja. Fez parte do domínio das três regiões, assumindo o comando do interior em 1831 juntamente com Rosas. In: (ARANHA, 2014, p.46-77.).

o argentino no ponto de vista político-social: aquele que representa o ideário da civilização pautado na ordem, na ciência, no progresso, ou seja, uma ótica positivista.

Deste modo, é possível perceber que o que permanece, é a tentativa de se impregnar um ideário liberal no país, assim Rosas e Sarmiento representam duas figuras históricas muito fortes para o contexto da história argentina. Assim, segundo Prado (1994):

A luta armada contra Rosas começou em 1839 e foi vitoriosa em 1852 quando se uniram o governador de Entre Rios (General Urquiza), o caudilho do partido Blanco uruguaio e o Brasil. Os vitoriosos propuseram a formação de um Estado nacional com elementos de unidade e elementos de federação [...] Em 1853 a Constituição argentina foi jurada, tendo o projeto nacional anti-rosista. A Argentina tornou-se um Estado liberal, republicano e federal (PRADO, 1994, p.45).

Mediante os dados destacados, as contradições entre os dois grupos em questão, que envolveram a constituição da História argentina, também podem ter influenciado traços junto à ideia de nação Argentina. Os conflitos entre as alas conservadora e liberal podem outrora ter despertado nos cidadãos um sentimento de rudeza ou bravura, surgida na figura do movimento caudilhista de Rosas aliada ao desenvolvimentismo de Sarmiento que colocou a Argentina no “mundo moderno” com abertura ao mercado estrangeiro. Sobre isto, salienta Prado (1994)

A grande prosperidade econômica só pode ser datada a partir dos anos de 1880, quando a produção de trigo e posteriormente a criação de gado para exportação da carne transformaram a Argentina – que então recebia enormes contingentes de imigrantes. (PRADO, 1994, p.47)

Aliados com o entreposto econômico surgem novas conjunturas sociais e culturais (uma nova Argentina se configurava). Somados aos elementos já existentes, novos traços passam a definir o cenário do Estado ao incentivar a vinda de imigrantes europeus com o intuito de não apenas branquear a sociedade e incentivar a agropecuária durante o governo Mitre (PRADO, 1994, p.47). Aqui é possível identificar as intenções deste governo em promover uma nova miscigenação (neste caso branca) por meio da imigração europeia. A partir dela, no cenário do desenvolvimento do liberalismo clássico aos finais do século XIX, o que antecede os monopólios, a economia se desenvolveria, e, concomitantemente, estaria preparada para esta nova sociedade. Podemos com isso

afirmar que esta iniciativa do governo Mitre veio a somar também na representação do argentino, agora com elementos estrangeiros.

Da mesma forma, com base nos escritos de Anderson (1993) essa compreensão da história da Argentina não foi diferente. Em tempos de desenvolvimentismo e de avanço do discurso liberal durante o século XIX, os conflitos se delinearam a partir do domínio do porto de Buenos Aires sobre as demais regiões interioranas. Deste modo, de acordo com Anderson (1993)

Que dominava o acesso a toda bacia fluvial do *Prata*, utilizando o princípio de soberania exclusiva sobre os rios interiores – e as províncias do litoral – que viam fechada a possibilidade de um comércio direto com o mercado internacional. (ANDERSON, 1993, p.40).

Assim, antes das viagens até Misiones, a Argentina foi palco de intensas disputas entre os unitários, ou seja, aqueles que defendiam a centralização do poder em Buenos Aires e os federalistas que buscavam a autonomia das províncias. A oposição entre civilização e barbárie, ocupa um espaço de destaque neste contexto com o objetivo de conquistar o Norte. (ARANHA, 2014, p.15). Assim, para finalizar esta reflexão, podemos concluir que a prevalência do ideário liberal, somado à civilidade já definido nos governos argentino das últimas duas décadas do século XIX, foram os imaginários transportados para as regiões nortistas de modo a colonizá-las, conforme veremos a seguir.

1.3. A conquista do Norte e a Questão de Palmas: os argentinos nas fronteiras

A partir das definições do tópico anterior, nos aproximamos, neste item, dos argumentos que podem justificar a presença de viajantes contratados pelo governo de Júlio Argentino Roca a partir de 1880, com a intenção de explorar, colonizar e definir as fronteiras ao Norte. Além disso, permite compreender que com esta empreitada definem-se também a representação da pátria argentina elaborada pelo então governo.

Cabe lembrar, como mostrado anteriormente, que a justificativa para a conquista do Norte está pautada sobre a dicotomia civilização x barbárie. Neste sentido, o texto de Aranha (2014) traz uma perspectiva concatenada com a pesquisa de Prado (1994) onde também se discute acerca da política expansionista do governo argentino de Domingo

Faustino Sarmiento.³¹ Este autor busca “analisar relatos realizados por viajantes contratados pelo Estado argentino à Misiones, bem como discutir as representações da dicotomia civilização e barbárie” (ARANHA, 2014, p.13). A partir de Aranha é possível perceber que estes viajantes publicaram textos entre 1882 e 1898 sobre a região a ser civilizada, no qual a descrevem o “sertão” norte da Argentina como um *vazio* e que deveria ser povoado³². Aqui cabe salientar que como justificativa para tal projeto, na construção da pátria-nação argentina, foram decisivas a demarcação e a definição de fronteiras, o que justificam desta maneira, a soberania do estado argentino.

A pesquisa de Aranha (2014) discute a necessidade do governo argentino (centralizado em Buenos Aires) povoar e civilizar a província de Misiones no final do século XIX, localizada na região Norte da Argentina. Segundo ele, o objetivo de demarcar fronteiras, como já fora apresentado, está relacionado a resolução de antigas questões litigiosas frente ao Paraguai e ao Brasil, além de civilizar uma região marcada pela “barbárie” na representação das elites do Estado argentino. Esta concepção, idealizada pelo então presidente Júlio Argentino Roca³³, efetivamente o militar das fronteiras, busca encontrar neste espaço novas fontes de ganhos através da exploração econômica da erva-mate na natureza *misionera*. A partir desta reflexão pode-se concluir, que se iniciava o que mais tarde se tornará o ciclo ervateiro, responsável pela mudança da dinâmica da região Oeste paranaense, reconhecida como por ser explorada por mercadores argentinos.

Assim, para alcançar os objetivos propostos, o então governo do presidente argentino Júlio Argentino Roca³⁴ patrocinou uma série de expedições “científicas” rumo

³¹ 5º presidente argentino, autor da obra “Facundo: Civilización y barbárie” transpõe acerca do conceito de barbárie que faz parte dos escritos, onde abordam a questão da centralidade de Buenos Aires em relação as demais províncias entendidas como regiões periféricas.

³² Os viajantes mencionados neste item são Juan Bautista Ambrosetti e Eduardo Ladislao Holmberg. Seus relatos foram publicados no final do século XIX e reeditados nos anos: 1973, 2008 e 2012 respectivamente das obras originais, pois não tiveram uma segunda edição. (ARANHA, 2014, p.21).

³³ De acordo com os escritos de Bruno Aranha (2014) “Julio Argentino Roca foi o presidente que personificou o ideal dessa geração. Antes de assumir a presidência, foi Ministro de Guerra do presidente Nicolas Avellaneda, tendo apresentado um projeto ao Congresso da Nação em 1878, cujo objetivo consistia em uma guerra ofensiva contra os indígenas das etnias Mapuche e Tehuelche que habitavam a Patagônia, território ao sul de Buenos Aires que nunca esteve sob jugo espanhol, e que até então se encontrava controlado por essas etnias indígenas. Essas guerras ficaram conhecidas como o período da *Campaña del Desierto*. A denominação pejorativa de *desierto* para caracterizar essa área habitada por indígenas e até então não submetida ao Estado Argentino, nos dá margem para localizar a dicotomia civilização-barbárie no discurso de Roca.” (Op.Cit, p.40.).

³⁴ 7º presidente argentino. Assume a presidência em 1880 e que marca a federalização da cidade de Buenos Aires e estava integrada ao Estado argentino. (ARANHA, 2014, p.46).

ao norte “selvagem” com a justificativa de conhecer o desconhecido, povoar os espaços vazios³⁵, “além de mapear os recursos naturais que poderiam futuramente servir como um potencial econômico” (ARANHA, 2014, p.64) e, deste modo, explorá-lo. Assim chegam à erva-mate,³⁶ que por muito tempo tornar-se-á a principal fonte de exploração econômica da região.

Bruno Aranha, em suas reflexões sobre as investidas do então governo argentino destaca que:

Sarmiento inclusive se inspirou na literatura típica da conquista do oeste americano. Analisando a obra *O Último dos Moicanos*, de Fenimore Cooper, o intelectual argentino exalta o triunfo da civilização frente à barbárie indígena, e já que os Estados Unidos venceram a barbárie, seria então a vez da Argentina realizar esse logro.” (ARANHA, 2014, p.17).

Aqui se percebe que o autor propõe uma discussão de como a dicotomia civilização x barbárie justificou as investidas rumo ao *Far West* argentino, ao marcar o imaginário daqueles homens que estavam à frente da gênese da pátria argentina que se configurava. Além disso, evidencia que o povoamento do território *misionero* poderia resolver outro empecilho: os problemas de litígio junto ao Brasil, como por exemplo, a Questão de Palmas.³⁷ Esta última produziu uma série de dificuldades diplomáticas, nas quais atrapalhou os projetos do então governo da Argentina em ampliar suas fronteiras geográficas, como será tratado mais adiante.

Acerca disso, destaca Wachowicz (2002) que muito antes das investidas argentinas no norte da região *misionera*, no ano de 1857 o governo brasileiro iniciou conversas a respeito das terras do norte, ou seja, as terras ocupadas anteriormente pelas missões. Na ocasião, as conversas se voltaram ao General Urquiza³⁸ de Entre Rios, por

³⁵ A proposta do autor é o de analisar relatos realizados por viajantes contratados pelo Estado argentino à Misiones, onde o mesmo investiga a dicotomia civilização e barbárie, Estes viajantes publicaram textos entre 1882 e 1898 sobre a região a ser civilizada. (ARANHA, 2014, p.13).

³⁶ Segundo Aranha (2014, p.13) “A importância de Misiones por parte de Buenos Aires, está relacionada à descoberta da erva-mate, despertando grande interesse econômico no final do século XIX”.

³⁷ Litígio territorial entre Brasil e Argentina ocorrida por volta de 1890 e 1895. A Argentina reivindicava parte do território das atuais regiões do oeste do Paraná e de Santa Catarina. O conflito diplomático foi resolvido sob o arbítrio de Grover Cleveland, então presidente norte-americano que concedeu a região disputada ao Brasil, reivindicada pelo Barão de Rio Branco, na ocasião advogado e diplomata do Brasil a partir de 1893. Rio Branco apresentou ao presidente uma documentação composta por seis volumes: A questão de limites do Brasil e da República Argentina (1894). (WACHOWICZ, 2002. p.187-190).

³⁸ Governador da Confederação argentina, cuja a capital localizava-se na cidade de Parana, na província de Entre Rios, a mesma era inimiga da unitária Buenos Aires, que a esse momento constituía um Estado separado do restante das províncias. (ARANHA, 2014, p.36).

representar uma política contrária aos interesses de Buenos Aires naquele momento, pelas disputas entre os liberais (portenhos) e federalistas (do litoral e do interior) o que antecede ao Litígio, pois que “o governo imperial brasileiro aproveitando uma guerra civil argentina³⁹, iniciou conversações a respeito. As negociações foram entabuladas com o governo separatista sediado na cidade de Parana, na Província de Entre Rios”. (WACHOWICZ, 2002, p.186).

Ainda segundo Wachowicz (2002) salienta que as justificativas argentinas, de acordo com o Tratado de Madri (1750)⁴⁰ a fronteira entre Brasil e Argentina estabelecia-se através dos Rios Peperi-Guaçu e Santo Antônio. Neste caso, Portugal e Espanha, nunca haviam chegado a um acordo quanto às demarcações estabelecidas. Esta justificativa era utilizada pela Argentina para reivindicar a região de Palmas, localizada ao sul do Estado do Paraná, onde não se levava em conta nem mesmo o tratado posterior de Santo Idelfonso de 1777 que também se mostrava nulo nesta conjuntura, devido à falta de demarcações na região. Nas palavras de Wachowicz (2002):

O referido tratado estabelecia que a fronteira passaria pelos rios Peperi-Guaçu (afluente do Uruguai) e pelo Santo Antônio (afluente do Iguaçu). [...] As expedições mistas- demarcadoras desta fronteira por parte das duas potências ibéricas – nunca chegaram a definir e colocar marcos de pedra para se saber concretamente quais os rios que receberam estas denominações. (WACHOWICZ, 2002, p.185.)

Quanto a reivindicação e a justificativa brasileiras, aponta Wachowicz (2002, p.189), eram pautadas na lei do *Uti Possidetis* desde 1839 onde populações brasileiras já ocupavam os espaços da região sul, oeste e leste (Rio Grande do Sul, Campo-Erê e União da Vitória respectivamente) as quais fazendas e comércio já eram desenvolvidas.

Durante praticamente toda a segunda metade do século XIX, a região que ia do Oeste paranaense ao sul do Estado do Paraná, foram um espaço “semi-abandonado” pelo governo do Brasil, o que facilitou a incursão de brasileiros e argentinos pelo Rio

³⁹ A guerra civil em questão está relacionada à luta armada entre caudilhos e liberais, neste caso contra Juan Manuel de Rosas que começou em 1839 e foi vitoriosa em 1852, quando uniram-se o governador de Entre Rios, o general Urquiza, o caudilho do Partido Blanco urguaiense, Rivera e o Brasil. Para dar fim ao caudilhismo regional e com base nos princípios liberais da divisão dos poderes e também do regime representativo, os vencedores propuseram a formação de um Estado Nacional com características de unidades e de federação. (PRADO, 1994, p.45).

⁴⁰ A fronteira definida pelo Tratado de Madri (1750) estabelece que após a assinatura do mesmo, delimitou primeiramente os domínios de Espanha e Portugal no período colonial e mais tarde entre Argentina e Brasil. (ARANHA, 2014, p.88).

Uruguai com objetivo de alcançar estes espaços na busca de erva-mate. Salienta Wachowicz (2002):

“Os argentinos iniciaram um processo de penetração pelo rio Uruguai, a fim de extrair a erva-mate, abundante na região [...] Passou então a ser povoado não só pelos caboclos brasileiros, como também por criminosos argentinos e brasileiros que se refugiavam na região. Escravos fugidos no Rio Grande do Sul e Paraná aumentavam a população”. (WACHOWICZ, 2002, p.187).

Situação semelhante ocorreu também com o Paraguai do pós-guerra⁴¹, como bem destaca Aranha (2014):

“Misiones nesse caso representava duas tipologias de fronteira: a econômica, representada pelo constante avanço da expansão da exploração de erva-mate, e uma fronteira política de fato, já que ela demarcava também o limite entre a Argentina e as nações vizinhas, Brasil e Paraguai.” (ARANHA, 2014, p.78).

As situações de conflito nos territórios de Misiones e Corrientes, pleiteados pelo então governo argentino frente ao Brasil e ao Paraguai, respectivamente, fizeram com que o então governo argentino tomasse providências na busca de tornar tais regiões em espaços soberanos do governo argentino.

Desta forma, tais episódios denotam a necessidade emergente do governo de Buenos Aires em se povoar a região *misionera* argentina, ao explorar as potencialidades econômicas e o de levar o progresso a uma região “inóspita”, além da “preocupação na delimitação de fronteiras frente ao Brasil, pois a questão do litígio ainda não estava delimitada o que se demonstrava certa urgência por parte do governo Roca.” (ARANHA, 2014, p. 64).

De acordo com Aranha (2014) no ano de 1876, havia a tentativa de federalizar o território de Corrientes com a intenção de combater o expansionismo brasileiro, o que acabou não concretizado pela oposição da própria Província de Corrientes. O avanço das fronteiras pode explicar-se através da reorganização territorial e econômica. Através da lei 1532⁴² que trata da Organização dos Territórios Nacionais, onde Roca cria mais oito territórios.

⁴¹ Com o fim da Guerra do Paraguai, o território de Misiones foi incorporado à província de Corrientes e convertido em Território nacional em 1881. (ARANHA, 2014, p.51).

⁴² Ainda referenciando Aranha (2014) por intermédio da Lei nº 1532 da Organização dos territórios nacionais “foram criados os seguintes territórios nacionais: Norte: Misiones, Formosa e Chaco. Sul: La Pampa, Neuquén, Rio Negro, Chubut, Santa Cruz e Tierra del Fuego.” (ARANHA, 2014, p.52).

Em certo modo, o avanço sobre Misiones demonstrou o avanço da fronteira norte da Argentina, o que se verifica também uma questão geopolítica frente ao avanço das colônias fundadas em território brasileiro. (ARANHA, 2014, p.52).

Em 1881, o governo argentino criou o Território de Misiones (ARANHA, 2014, p. 132) entre os rios Paraná, Iguaçu e Uruguai, com o intuito de tentar consolidar e legitimar os espaços. No entanto, a situação fora levada a instâncias jurídicas, arbitrada pelo presidente Grover Cleveland em 06 de fevereiro de 1895, com parecer favorável aos brasileiros⁴³.

Segundo Wachowicz (2002, p.190) no processo de arbítrio, o diplomata Barão do Rio Branco, apresenta uma cópia autêntica do mapa utilizado também por diplomatas portugueses e espanhóis na ocasião do Tratado de Madri (1750) no qual os rios Peperi-Guaçu e Santo Antônio estão mais próximos dos limites brasileiros do que propriamente da Argentina.

Desta maneira, a situação ficou marcadamente conhecida como *Questão de Palmas* pelos brasileiros e *Litígio de Palmas* pelo governo da Argentina, por haver perdido o pleito pelas disputas destas terras. (WACHOWICZ, 2002, p.188-189).

Abaixo, apresenta-se o Mapa argentino datado de 1882 onde o então Território Nacional de Misiones incluía as áreas a leste dos rios San Antonio Guazú (Santo Antônio) localizado atualmente no estado do Paraná que passou a delimitar a fronteira com a Argentina na Questão de Palmas em 1895 e Peperí Guazú (Rio Chapecó) na porção Oeste do atual estado de Santa Catarina onde abrange o espaço de Palmas. (ARANHA, 2014, p.43).

⁴³ Segundo Aranha (Op.Cit., p.78) para Estanislao Zeballos como destacado diplomata, os problemas das fronteiras junto ao Chile e o Brasil necessitavam uma urgente presença do Estado argentino nestes territórios, onde, baseava-se nos discursos do branqueamento e da ideia de civilização ao contrário das outras nações que viviam na barbárie e na miscigenação de raças. Para este autor, o elemento principal que fazia parte deste discurso era o da expansão territorial. As narrativas de Estanislao Zeballos indicam também as investidas junto ao expansionismo de Palmas.



Figura 1- Território Nacional de Misiones. Segundo o mapa, a fronteira com o Brasil estava definida através dos Rios Chapecó e San Antonio. **Fonte:** AMABLE, María Angélica; ROJAS, Liliana Mirta; BRAUNIG, Karina Dohmann. **Historia Misionera: una perspectiva integradora.** Posadas: Montoya, 2011, p. 154.

De acordo com o censo de 1890, segundo Wachowicz (2002, p.189), havia na região de Palmas por volta de 5793 habitantes, dos quais 5763 eram brasileiros e 30 estrangeiros. A partir da análise, não está registrado nenhum tipo de cidadania brasileira, o que pode, em hipótese, o número de estrangeiros ser ainda maior pela precariedade da contagem e do acesso à região pelo fato do espaço, todavia, não esta definido juridicamente junto à nacionalidade, pois que este último será empreendido pelo Varguismo somente no século seguinte.

A partir deste entendimento, uma vez resolvida as questões junto aos processos litígio-territoriais e o de povoamento através da lógica civilizatória, o que se viu é a exploração econômica dos recursos naturais: a erva-mate e a madeira em solo estrangeiro, neste caso, brasileiro.

Com base nas discussões apresentadas anteriormente, conclui-se que o Estado argentino é o resultado de lutas internas das elites do litoral e o interior, entre liberais e

caudilhos, pela soberania política e econômica, travadas há décadas por estes grupos. Esta dicotomia da civilização e da barbárie elaboradas por Aranha (2014) foi decisiva para a construção do ideário político e nacional argentino.

O papel do Estado em constituir fronteiras, por meio do processo civilizador ao modelo positivo-liberal acaba por criar aspectos para a consolidação do Estado-Nação argentino. Isto ao se utilizar das representações da própria construção nacional do Estado para criar a ideia de pertencimento através da totalidade (da pátria grande). Com o reconhecimento geográfico justificar os avanços sobre as regiões desertas que deveriam ser povoadas e colonizadas.

Assim, pode-se compreender que as sociabilidades nas ações destes sujeitos nos espaços⁴⁴ das *Misiones* e em Palmas podem ter ocorrido por intermédio do dinamismo econômico e político através dos esforços do Estado argentino já definido na delimitação das fronteiras. Com isso, a tentativa de legitimar o domínio do norte, impulsionados pelos litígios de terras, o que converte mais tarde na exploração dos recursos naturais já colocados, que foram os casos da madeira e da erva-mate. Tais recursos naturais, mais que elementos econômicos, se tornarão os instrumentos pelos quais os exploradores argentinos imprimirão sua presença e, como consequência, suas marcas e representações neste espaço do oeste paranaense como será abordado no próximo capítulo.

⁴⁴ Segundo Michel de Certeau, pode-se compreender que as “as ações de sujeitos históricos [...] (parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história). [...]”. (CERTEAU, 2007, p.203).

Capítulo 02 – A representação de argentinos no território do Oeste do Paraná

A presença argentina ou de argentinos no espaço do oeste do estado do Paraná é vastamente documentado. Mas, essa evidência é comumente marcada pelas representações deste agente produzidas pela historiografia ou por textos memorialistas. Assim, este capítulo propõe dar visibilidade a estas representações a partir das narrativas que demonstram mobilidade dos argentinos neste cenário, contexto e território paranaense.

Os primeiros dados encontrados sobre a presença de argentinos na região da fronteira registram-se desde a segunda metade do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX, quando companhias ervateiras vindas da Argentina, controlavam o comércio de Foz do Iguaçu (COLODEL, 1988, p.51-90), como uma demonstração de dependência dos habitantes da margem brasileira em relação aos negociantes platinos. De acordo com este autor, pode-se compreender que estes comerciantes além de monopolizar o contrabando e os recursos naturais ligados ao extrativismo, também acrescentaram sua cultura. Uma delas pode ter sido o idioma. Com tal vínculo, constituiu-se uma das primeiras representações do argentino na fronteira por meio de ações econômicas.

Conforme abordado anteriormente, em 1881 os argentinos iniciam a exploração de erva-mate em Misiones e, posteriormente, no Oeste do Paraná, em grandes levadas e o que antecede a instalação da Colônia Militar em 1888. Conforme aponta CURY (2010, p.154) uma vez esgotadas as fontes de erva-mate nativa *misionera*, iniciam-se a exploração dos ervatais brasileiros ao longo do Oeste do Paraná. A partir disso, podemos dizer que se iniciam os primeiros indícios da influência platina sobre o território paranaense na fronteira.

Em primeira instância, as emancipações políticas e a constituição dos estados nacionais no Prata expuseram o Oeste do Paraná às disputas entre Brasil, Paraguai e Argentina, possibilitada pela navegação dos rios e a exploração imperialista no final do século XIX e início do século XX, onde além da exploração argentina está o imperialismo inglês que também fez parte desta dinâmica (GREGORY, 2002, p.88-89). De acordo com este autor, “os empreendimentos e suas ações exploratórias, produtivas e comerciais não obedeciam a limites de fronteiras nacionais.” (Op.Cit., p.88-89) posto que não

existiam medidas de fiscalização e as fronteiras entre os três países. Este aspecto facilitou a introdução de mercados estrangeiros na região por via fluvial, por considerar que o espaço possuía pouca ou nula representação do governo brasileiro.

Segundo Colodel (1988, p.50) todos os dias as reservas de erva-mate eram esgotadas pelas empresas exploradoras “pertencentes a empresas estrangeiras, notadamente as argentinas, que desciam abarrotados o Rio Paraná”. Além de empresas argentinas, também eram evidentes obras cujos donos eram de outras nacionalidades. Como exemplo, podemos citar a obra Companhia Domingo Barthe⁴⁵, responsável pela exploração de recursos na atual região de Santa Helena até o ano de 1930, quando é cerceado pela “Marcha” de Vargas (COLODEL, 1988, p.51-90). Ao observar as pesquisas deste autor, entende-se que o monopólio da exploração não era totalmente argentino. De acordo com Wachowicz (2002, p.232) essa erva-mate saía do Paraná como contrabando, pois não havia nenhum tipo de infraestrutura instalada na região capaz de cobrar os impostos de exportação devidos. Com o objetivo de controlar este estrangeiro e cobrar impostos, pode-se conjecturar que a instalação da Colônia Militar e o litígio territorial de Palmas, as ações exploratórias tendiam a ser um pouco mais controladas. Sobre isto Ruy Wachowicz comenta que com a elaboração de mecanismos defensivos, elaborados pelas autoridades brasileiras de então, favoreceria o estabelecimento das Colônias Militares (Op.Cit., p.187) não apenas na foz do Rio Iguaçu, mas também na região do Rio Peperi-Guazú (Chapecó).

Com o intuito de analisar os primeiros anos da povoação do extremo-oeste do Paraná, o trabalho de Antônio Marcos Myskiw (2009) traz ainda mais criticidade ao relatar às narrativas de viajantes, ao salientar as dificuldades da Colônia Militar pela falta de comunicação com o restante do Brasil, o que obriga os militares a dependerem de comerciantes vindos de Posadas e Corrientes (MYSKIW, 2009, p.20). Segundo este autor, pode-se compreender que a fiscalização não se deu de forma efetiva, pois os oficiais passaram a esfera de negociação com os platinos que exploraram a região oeste.

⁴⁵ Segundo Aranha (2014, p.93) “Domingo Barthe foi um dos homens mais poderosos de Misiones. Nascido na região basca da França, em 1867 se radicou em Misiones, onde desenvolveu atividades ligadas à indústria dos vapores e a erva-mate. Barthe é outro exemplo que corrobora com a tese de Natálio Botana sobre como o poder econômico está estreitamente vinculado com o poder político, já que sua influência permeava tal âmbito, inclusive tendo chegado ao cargo de vice-prefeito”.

Como consequência, estes militares deixam de realizar o trabalho ligado a segurança das fronteiras e passam à função de facilitadores.

De acordo com a citação abaixo, há a relação entre os primeiros anos de povoamento na região de Foz do Iguaçu e a instalação do destacamento militar organizado pela Coroa brasileira por volta de 1888 com o objetivo de fixar fronteiras ao longo do território brasileiro. Sobre isto, nas palavras de Myskiw (2009):

A instalação da Colônia Militar junto à foz do rio Iguaçu era fruto de um projeto de ocupação e colonização de uma vasta porção de território paranaense situado a Oeste dos campos de Guarapuava à margem esquerda do rio Paraná e a instalação de uma Colônia Militar na foz do rio Iguaçu se traduzia no avanço inicial do homem branco sobre a fronteira em fins do século XIX. (MYSKIW, 2009, p.18)

Entretanto, os objetivos em salvaguardar as fronteiras tornaram-se cada vez mais distantes, pois, como a região carecia de muitos recursos (inclusive a falta de estradas para a comunicação com o resto do país) estes militares acabaram por lançar seus olhares para as águas, neste caso, para o Rio Paraná⁴⁶ onde a presença de grandes empresas ervateiras (obrages) buscava explorar os recursos naturais em território brasileiro.

O que se percebe, foi que estes soldados deixaram de demarcar as terras dos colonos para oferecê-las como arrendamento ao mercado argentino em potencial o que causa uma série de conflitos, pois a terra era a principal fonte de disputa. “Desde o início do avanço da fronteira, a violência, os conflitos e as mortes fazem parte do cenário cotidiano dos homens da fronteira” (MYSKIW, 2009, p.18). De alguma maneira, a falta da presença do governo brasileiro acaba por criar uma série de problemas com os moradores da região em relação à terra. Isto nos leva a compreender que nem todos os colonos eram brasileiros, pois a região estava desvinculada com a ideia de nação brasileira, posto a ausência dos limites geográficos de fato respeitados. Aqui se encontram evidências do vínculo de dependência dos brasileiros, no caso dos militares instalados na recém-fundada colônia, com o agente econômico mais importante da

⁴⁶ O Rio Paraná foi até meados da década de 60, o principal elo de comunicação e comércio entre o Brasil e Argentina. O Rio Paraná é a via principal, a comunicação e a dependência com o mundo externo, centralizada por Buenos Aires. (CURY, 2010, p.25).

região. Essa relação acaba por reforçar uma imagem dependência em relação aos argentinos.

Sobre este objeto, Ruy Wachowicz traz significativas contribuições quanto ao papel destes militares e as negociações com mercadores argentinos. Salienta Wachowicz (1987):

As memórias de Cândido Ferreira de Abreu foram utilizadas pelo historiador com o intuito de destacar que a Colônia Militar não conseguia levar adiante suas metas devido aos supostos erros e desmandos cometidos por diversos diretores e oficiais; que os colonos matriculados não faziam uso das terras que lhes foram concedidas, preferindo extrair erva-mate e madeira para ser negociada junto aos comerciantes argentinos de Posadas; que os colonos eram explorados pelos comerciantes de erva-mate. (WACHOWICZ, 1987, p.21-30).

Em fins de 1904, Cândido Ferreira de Abreu, engenheiro e ex-prefeito de Curitiba participou do serviço de medição e demarcação de terras no sertão do Alto Paraná (MYSKIW, 2009, p.60-61). De acordo com a citação, percebe-se que as necessidades materiais fizeram com que os militares da Colônia Militar mantivessem um vínculo cada vez mais próximo com os comerciantes argentinos. Essa representação é reforçada por José Augusto Colodel (1988) que observa:

As dificuldades enfrentadas pela Colônia Militar devido à ausência de comunicação com o restante do Brasil, obrigando os militares a depender dos comerciantes de Posadas e Corrientes, na Argentina, aos poucos recursos financeiros que impediam o desenvolvimento econômico da Colônia Militar. (COLODEL, 1988, p.37-50).

De maneira geral, a falta de comunicação e de estradas que dificultavam o contato com o governo central brasileiro, a má administração destes militares, no qual, extingue-se o real papel da Colônia Militar junto à defesa dos limites (WACHOWICZ, 1987, p.21-30) facilita a compreensão da representação destes platinos nas paragens brasileiras.

A relação entre militares brasileiros e obrageros pode atestar como o Rio Paraná fora um espaço de transposição de sujeitos desde a grande parte da mesopotâmia argentina (Região das províncias de Entre Rios e Corrientes na Argentina que faz divisa com o Brasil) até toda a porção do Oeste paranaense. Sobre isto, Micael Alvino da Silva (2014) comenta que:

O Rio Paraná, em seu trecho entre Foz do Iguaçu e Guaíra, era a principal rota de circulação de mercadorias e pessoas no oeste do estado. Neste espaço organizou-se um tipo de sociedade (pessoas) em torno da exploração da ervamate e madeira (produtos). (SILVA, 2014, p.25).

A falta de estradas do lado brasileiro da fronteira evidenciou a exposição e a livre circulação deste grupo social (argentinos) o que facilitou sua aproximação com o mercado brasileiro até meados do século XX (WACHOWICZ, 2002, p.231). Segundo este autor, esta proximidade foi decisiva para impregnar uma representatividade cultural argentina na região oeste do Brasil por meio do monopólio fluvial destes comerciantes.

A justificativa da exploração ervateira e madeireira no século XIX por parte destes argentinos pode estar relacionada a tratados de navegabilidade⁴⁷, como fora o caso da assinatura do tratado entre a Argentina e o Paraguai e que poderia ser estendido ao Brasil. Através dos tratados, o Brasil também obtinha permissão destes países de transitar pelos Rios Paraná⁴⁸ e Paraguai, com o intuito de alcançar a Província de Mato Grosso. Como contrapartida, a Argentina teria a permissão de adentrar pelo Rio Paraná desde a foz do Rio Iguaçu⁴⁹ até a região das Sete Quedas, num período anterior ao estabelecimento das Colônias Militares nos espaços fronteiriços, estabelecidas pelo Império por volta de 1882, anterior à de Foz do Iguaçu, criada em 1888 (MYSKIW, 2009, p.90-97). “Em março de 1882, a Colônia Militar de Chapecó foi fundada à margem esquerda do rio Chapecó. A Colônia Militar de Chopim foi fundada em dezembro de 1882.” (Op.Cit., p.97). O estabelecimento de ambas está ligada à questões litigiosas de terras junto à Argentina. Estas iniciativas estavam relacionadas com “a finalidade de garantir a posse do território, em face de limites com a Argentina” (SOUTO MAIOR, 1988, p.41) no mesmo ano em que o governo argentino da época criara o Território Nacional de Misiones. A criação deste território realizou-se com objetivo de estabelecer sua soberania sobre o Brasil e manter posse das regiões entre o oeste do Paraná e o oeste de Santa Catarina.

⁴⁷ De acordo com Cury (2010, p.112) Em julho de 1841, são assinados dois tratados entre o Paraguai e a província de Corrientes: Um de amizade, comércio e navegação e o outro de limites, o que estabelece o livre-comércio recíproco.

⁴⁸ Os Rios Paraná e Iguaçu ocupam imaginários poderosos na construção da identidade paranaense produzidos pelo Estado. Segundo Polon (2013, p.16) o imaginário é uma construção discursiva que perpassa o individual e torna-se coletiva ao passo que possui relação com os contextos históricos.

⁴⁹ “O Rio Iguaçu é o maior rio dentro do território paranaense, pois o Rio Paraná, importante rio também, corre nas fronteiras do território paranaense, mas suas nascentes e sua foz estão distantes do Paraná. O Iguaçu nasce na área metropolitana de Curitiba e segue seu leito até sua foz em Foz do Iguaçu, onde deságua no Rio Paraná”. (GREGORY, 2002, p.79).

De acordo com Silva (2014) a presença de argentinos na região da fronteira preexiste a criação das Colônias Militares e a delimitação político-geográfica de ambos os países, pois, a navegabilidade de embarcações argentinas já eram uma constante em períodos progressos:

Entre 1820 e 1940, a cidade do lado argentino na Tríplice Fronteira, hoje de Puerto Iguazú, foi a cidade mais importante e movimentada da região. Navegando pelo Rio Paraná desde as Sete Quedas (Guaíra), era possível atingir outros centros urbanos argentinos importantes como Posadas, Corrientes e Buenos Aires. (SILVA, 2014, p.63)

De acordo com o autor, pode-se compreender que o fato da exploração argentina ter se dado anos antes da Colônia Militar, pode explicar a justificativa da presença de mercadores e exploradores argentinos.

Segundo Valdir Gregory (2002) o desenvolvimento ervateiro e madeireiro no espaço do Oeste paranaense, iniciado pelo mercado argentino em meados do século XIX e que apresenta um desfecho nos anos 1930, acaba cedido à exploração de migrantes provenientes da região sul do Brasil (GREGORY, 2002, p.64-88) o que atenuou a hegemonia econômica argentina e o domínio cultural sobre a região.

Do outro lado da fronteira, a vizinha cidade de Puerto Iguazú tece-se neste espaço, definida pela travessia em embarcações através do comércio fluvial, antes mesmo da construção da Ponte Tancredo Neves⁵⁰.

Assim, a exploração de ordem econômica e a ocupação dos espaços compreendidos no Oeste paranaense, podem justificar os fatores que podem ter motivado a vinda destes argentinos para a região. Tanto a exploração quanto à ocupação pode ser entendida aqui como representações. Ambas, atestam os primeiros indícios da presença platina nestes espaços.

Da mesma forma, está relacionado à necessidade do governo argentino, centralizado em Buenos Aires, em povoar o Territorio Nacional de Misiones (Atualmente Província de Misiones) com o intuito de delimitar fronteiras, investir em possíveis potenciais econômicos e civilizar a barbárie (ARANHA, 2014, p.182). Tal medida

⁵⁰ A Ponte da Fraternidade, que liga Foz do Iguazú à Puerto Iguazú foi inaugurada em 29 de novembro de 1985 pelos presidentes Raúl Alfonsín da Argentina e José Sarney do Brasil, mais tarde rebatizada de Ponte Internacional Tancredo de Almeida Neves em homenagem ao político brasileiro e candidato eleito presidente por colégio eleitoral, no também processo de redemocratização política no Brasil ao fim dos governos militares. (CURY, 2010, p.146-147).

demonstra a representatividade política do então governo para com esta região. No item seguinte, abordaremos com mais propriedade a relação da Colônia Militar junto ao povoamento do espaço do Iguaçu e a representatividade dos argentinos contíguo à região demarcada.

2.1. A Colônia Militar e o início do núcleo urbano de Foz do Iguaçu

Neste momento serão apresentados alguns dos fatores relacionados ao início do povoamento do espaço hoje compreendido pelo núcleo urbano de Foz do Iguaçu que está amplamente relacionado ao estabelecimento da Colônia Militar em 1889. O referido ano vincula-se ao momento em que o então governo brasileiro, inicia o processo de “abrasileiramento” da região e estabelece juridicamente a fronteira frente ao Paraguai e a Argentina.

De acordo com as análises anteriormente empreendidas, a história recente do Oeste paranaense e a ocupação brasileira iniciam-se no século XIX, através das iniciativas estratégicas e de segurança das fronteiras ao estabelecimento da Colônia Militar em 1889⁵¹. O objetivo disso tudo fora o de delimitar a fronteira, o que fomentou o espaço urbano de Foz do Iguaçu, a cidade mais antiga da região (GREGORY, 2002, p.89). O fato de a região ser uma das mais antigas do estado relaciona-se com a presença argentina através da exploração dos recursos naturais empreendidas no espaço. Localizada na região sul do Brasil, no Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu obteve sua emancipação política no dia 10 de junho de 1914 (LIMA, 2001). Cabe lembrar, que a influência dos militares no poder público iguaçuense, deu-se por muito tempo, onde os mesmos revezavam-se no cargo de prefeito. Como hipótese, percebe-se a tentativa de, todavia, guardar a fronteira frente à influência argentina ou mesmo a continuidade de acordos comerciais.

⁵¹ A instalação da Colônia Militar junto à foz do rio Iguaçu era fruto de um projeto de ocupação e colonização de uma vasta porção de território paranaense situado a Oeste dos campos de Guarapuava à margem esquerda do rio Paraná e a instalação de uma Colônia Militar na foz do rio Iguaçu se traduzia no avanço inicial do homem branco sobre a fronteira em fins do século XIX; que desde o início do avanço da fronteira, a violência, os conflitos e as mortes fazem parte do cenário cotidiano dos homens da fronteira. (SILVA, 2014, p.18).

Como visto, a formação do município esteve ligada diretamente ao estabelecimento da Colônia Militar. Durante os últimos anos do governo imperial (1880-1888) havia o projeto de demarcação e controle das fronteiras e por isso enviou uma comissão para que um destacamento militar fosse incorporado à região Oeste paranaense.

Segundo Colodel (1988) o estabelecimento de uma Colônia Militar, poderia coibir a entrada de platinos na fronteira. De acordo com o autor, afirma-se que a intenção destes militares fora o controle da hegemonia econômica destes comerciantes. Abaixo, salienta Colodel (1988) a respeito da justificativa de se estabelecer o referido destacamento:

A descoberta e o efetivo povoamento brasileiro da região de Foz do Iguaçu começaram a tomar delineamentos mais concretos a partir do início da última década do século XIX. Após o término da Guerra do Paraguai (1865-1870), surgiu entre segmentos da oficialidade que compunham o ministério da Guerra uma forte pressão no sentido da instalação de uma Colônia Militar naquelas paragens, localizadas mais a Oeste do território do Império. Alegavam esses militares, apoiados por grupos civis, que a região possuía um valor estratégico extremamente valioso e que era, no mínimo, temerário deixar esta importante área isenta de qualquer tipo de fiscalização por parte das autoridades imperiais. Nesse sentido, pleiteavam junto ao Governo medidas que urgentemente agilizassem a fundação de uma Colônia Militar e também a construção de um forte suficientemente aparelhado para opor obstáculos a quaisquer tipos de intervenções não-pacíficas que ousassem empreender nossos vizinhos do Prata. (COLODEL, 1988, p.37).

Assim, a Colônia Militar foi pré-estabelecida no ano de 1888, a partir da criação da Comissão Estratégica, por Thomaz José Coelho de Almeida ao assumir a pasta do Ministério da Guerra, pois, “a criação dessa Comissão muito agradou aos militares que, desde há muito, defendiam uma retomada de interesses na região de Foz do Iguaçu.” (Op.Cit., p.41). A retomada a qual o autor se refere, está relacionada à representação econômica argentina na costa oeste paranaense. A Colônia Militar seria uma maneira de interromper não apenas os avanços, mas também os mandos e desmandos dos exploradores argentinos. Isto passa a mudar quando a Colônia enfrenta vários problemas devido ao seu distanciamento aos núcleos urbanos, o que ocasiona a necessidade de realizar acordos com estes exploradores.

A primeira expedição destes militares rumo à foz do Rio Iguaçu, ocorreu através de picadas por volta de 1846 (MYSKIW, 2009, p.74-94). “As comunicações, os caminhos

e picadas foram abertos ao longo da evolução econômica da erva-mate e madeira, no período de 1870 a 1940” (CURY, 2010, p.124). De acordo com o autor, a colonização da região deu-se à medida que os recursos naturais se esgotavam. Os mesmos encontraram um acampamento de ervateiros paraguaios, os quais se sentiram surpresos, pois jamais viram gente “tão estranha” (Op.Cit., p.43-44). A estranheza a qual o autor se refere, provavelmente, pode estar relacionada a mestiços guaranis e que também falavam a língua indígena. Assim, salienta Colodel (1988):

Longe de ser unicamente um acampamento isolado, esse primeiro contato entre brasileiros e paraguaios revelou a existência da primeira grande rede de exploração da erva-mate por comerciantes estrangeiros no oeste paranaense. Muitas outras seriam descobertas mais tarde, mas o mais importante foi a comprovação crua e nua da progressiva devastação, a nível de contrabando, que sofriam as enormes reservas nativas de erva-mate e também de madeira. (COLODEL, 1988, p. 43-44).

Segundo Curvo (1965, p.12) há indícios que por volta de 1881 havia apenas dois habitantes no território atualmente pertencente à Foz do Iguaçu, aos quais se somaram mais dois irmãos comerciantes, onde, mais tarde, várias famílias se instalaram em Foz do Iguaçu, que também trabalhavam na cultura da erva-mate.

De acordo com o autor, este primeiro contato pode ter revelado a grande rede de exploração de erva-mate e as condições precárias dos trabalhadores. No entanto, de nada adiantaram tamanha sensibilização destes oficiais, pois os mesmos acabaram por realizar acordos comerciais com os estrangeiros que exploravam a região (neste caso os argentinos) como subterfúgio da fome e da miséria. (MYSKIW, 2009, p.17). Segundo Gregory (2002, p.89) “os poucos brasileiros exerciam funções públicas, na fiscalização e na cobrança de impostos. A economia se baseava na exploração de produtos nativos extrativista e nas relações de trabalho de servidão.” De acordo com o autor, o contrato de trabalho estava relacionado à contratação precária de labutadores mestiços (de origem paraguaia) chamados de mensus pelas obrages argentinas, pois, recebiam mensalmente seus salários.

Quanto ao abastecimento, os oficiais da Colônia, consumiam os víveres fornecidos pelos comerciantes argentinos a preços altíssimos. Isto mostra o monopólio comercial destes platinos em fornecer suas mercadorias. De acordo com Colodel (1988) “os gêneros alimentícios eram fornecidos a preços exorbitantes, isto quando eram fornecidos, pois, na maioria das vezes, escasseavam a sua distribuição

propositadamente” (COLODEL, 1988, p.48) o que mostra uma estratégia em manter o mercado consumidor brasileiro.

A relação entre brasileiros e argentinos no plano econômico torna-se legitimada através da instalação da Colônia Militar em fins de 1892 que estava localizada próxima à foz do rio Iguaçu. O distanciamento da região, a falta de comunicação com o então governo central (A República recém-concebida) fizera com que estes militares se voltassem para os mercados argentinos, uma forma de escapar da fome e ver uma proposta de negócio, o que acaba por desarticular o próprio ofício (o de sentinelas da fronteira) como assinala Myskiw (2009):

O isolamento e a distância do núcleo urbano brasileiro mais próximo (Guarapuava) levaram militares e colonos a se aproximar e a depender dos negociantes argentinos para sobreviver [...] para comerciantes e negociantes argentinos, a instalação de uma Colônia Militar junto ao rio Paraná era sinônimo de lucros, de oportunidades diversas de comércio e contrabando. (2009, p.17).

Dentro deste contexto, muitas foram às privações enfrentadas pelos militares. A falta de estrutura, comunicação e acessibilidade, obrigaram os mesmos a criarem novas condições de sobrevivência, entre elas, trocas comerciais e negociações com colonos que viviam na região e oportunidade de comercialização de erva-mate e madeira com o mercado argentino, desviadas aos poucos da proposta de salvaguardar as fronteiras, conforme assinala Myskiw (2009):

Os diretores da Colônia militar contribuíram ainda mais para o acirramento dos conflitos agrários na medida em que deixaram de realizar a demarcação dos terrenos concedidos aos colonos e de não expedir os documentos provisórios e definitivos das terras aos colonos. (MYSKIW, 2009, p.17).

De acordo com a portaria de 20 de Outubro de 1892, a atuação da Comissão Estratégica deixou de se fazer presente. (COLODEL, 1988, p.49). Isto pode evidenciar o fato da Colônia Militar intensificar sua estreita dependência com relação aos negociantes argentinos, no qual os oficiais acabaram por deixar de realizar suas tarefas junto ao governo central. (MYSKIW, 2009, p.17).

Desta maneira, com os conflitos e os problemas agravados com a documentação e legalização de terras, configurou-se o que seria o início da povoação do que mais tarde se tornaria a localidade de Foz do Iguaçu, atrelada à exploração dos recursos naturais

incipientes. A partir disso, pode-se compreender que a ocupação do futuro município iguaçuense deu-se também pelas representações dos argentinos, através das embarcações que aportavam na localidade, onde, as línguas castelhana e guarani, mesclavam-se com o português.

Pode-se dizer que o contato com comerciantes vindos da Argentina (das cidades de Posadas e Corrientes) alteraram, também, as relações entre os colonos e sua relação com o trabalho na terra, pois:

Negociantes de Posadas e Corrientes passaram a interferir direta e indiretamente no projeto colonial, a ponto dos colonos notarem no mercado ervateiro e madeireiro uma oportunidade maior de renda, culminando no abandono do trabalho agrícola e pastoril para sobreviver da extração de ervamate e madeira. (MYSKIW, 2009, p.17).

Isso caracterizou um novo cenário na região e que foi balizado pela nova atividade econômica, pautada pelas transações econômicas efetivas entre militares e estes negociantes argentinos.

O que se observa a partir disso é que, de fato, a fronteira possuía conexão com o mercado platino ao ponto de mesma desenvolver características peculiares, marcadamente nas relações cotidianas, propiciadas pelo mercado ervateiro e madeireiro.

A ligação com o mercado acaba por impregnar nestes habitantes um elo com as representações dos comerciantes argentinos, o que pode ter criado laços mais firmes com a Argentina, apagado a ideia de “fronteira” física e criado proximidades mais tênues.

Assim, esta relação permite conjecturar que houve um processo de homogeneização, pelo menos do ponto de vista econômico, pois a soberania nacional esboçada pelos militares estava restrita ao destacamento, ou seja, não se traduzia aos demais sujeitos (colonos e estrangeiros) que se inter-relacionavam. O sentimento de Estado-Nação no sentido político e burocratizado não se desenvolveu num primeiro momento. É neste contexto que viviam:

Centenas de pessoas de diferentes nacionalidades habitavam e exploravam as matas e rios. Na tentativa de limitar e controlar a ação exploratória naquela porção do território brasileiro, os militares resolveram matricular como colonos muitos dos antigos habitantes brasileiros e estrangeiros. (MYSKIW, 2009, p.26)

De acordo com as análises do autor, percebem-se as intenções dos militares em aumentar o núcleo iguaçuense devido à falta de sujeitos propriamente brasileiros na condição de colonos.

Segundo estudos de Colodel (1988) “a Colônia Militar de Foz do Iguaçu passou por muitas dificuldades em épocas distintas, que culminaram num lento crescimento urbano e rural”, ou seja, não houve o que podemos chamar de “franco desenvolvimento”, mas que o comércio de madeira e erva-mate se resumia propriamente nas trocas comerciais.

2.2. O mercado ervateiro-madeireiro argentino no território brasileiro

Conforme já apontado, desde o século XIX, a representatividade argentina já fazia parte do cotidiano da fronteira nos espaços de Foz do Iguaçu e em toda a região Oeste paranaense através da influência econômica. Neste período, os mesmos iniciaram o contato ao manter uma ligação econômica com a extração da erva-mate e da madeira. Quanto às aproximações, à medida que se ligaram à economia de exploração, acredita-se que estes latinos criaram vínculos sociais para além das questões mercantilistas (WACHOWICZ, 2002, p.233-238) ao mesclar também marcas culturais. Isto pode ter ocorrido pelo fato da região estar muito distante de outros núcleos urbanos brasileiros e mais próximos das referências estrangeiras dada às circunstâncias.

A margem paranaense, desde Foz do Iguaçu até os saltos das Sete Quedas, era permeada de portos (WACHOWICZ, 2002, p.234). O cenário composto traduz um fluxo grande de sujeitos, onde os vínculos e as relações de sociabilidade restringiam-se ao do trabalho nas obrages.⁵²

De acordo com Cury (2010, p.182) outra forma de exploração e violência está relacionada com o processo de “castelhanização”, tanto na Argentina, quanto no Paraguai, na tentativa de afastar a influência da cultura guarani, por compreender que a maioria da mão de obra utilizada nesta relação econômica era de paraguaios miscigenados com índios guaranis, ou seja, também chamados de guaranis modernos.

⁵² De acordo com Wachowicz (2002, p.233) “A obrage foi um tipo de exploração ou propriedade que se desenvolveu no Paraguai e na Argentina. Obragero era o proprietário desse tipo de latifúndio. No final do século passado, ela era típica no Paraguai e nas províncias argentinas de Corrientes e Misiones”. Neste caso, tinha por objetivo a exploração dos recursos como a madeira e a erva-mate, os quais ligados aos limites brasileiros, no Oeste paranaense especificamente.

Pode-se compreender a partir disso, que as intenções principalmente do governo argentino, seja o de apagar as heranças tribais da região ao levar a ideia de urbanização e civilização para o espaço.

Segundo Wachowicz (2002, p.234) em pouco tempo (em algumas décadas) a costa oeste paranaense estava ocupada por várias empresas obrageras que empregava milhares de paraguaios (os guaranis modernos) também chamados de mensus⁵³.

A frente extrativa baseava-se no capital de procedência argentina, a mão-de-obra de origem paraguaia e a matéria-prima brasileira. (Op.Cit., 234). Assim, de acordo com o autor, pode-se afirmar que a dinâmica da tríplice fronteira começava a delinear-se baseada nas inter-relações e interdependências mútuas nos precários regimes de trabalho e produção desenvolvidos naquele contexto através da exploração da mão de obra *mensual*. O processo de transporte da erva-mate até o porto de embarque dava acesso aos vapores vindos da Argentina, onde era industrializado e comercializado. (Op.Cit., 237).

A erva-mate saía do Brasil como contrabando e ascendia à Argentina como de origem paraguaia. “Na alfândega de Foz do Iguaçu era apresentado como mate paraguaio, ou produzido em Mato Grosso. Este último pagava imposto de exportação, ainda em Mato Grosso.” (Op.Cit., 237). Acredita-se que pelo fato da mão de obra ser, em sua maioria paraguaia, associava-se ao produto talvez por problemas de documentação tanto dos funcionários como do produto. Em hipótese, para os mercados estrangeiros, como o europeu, isto poderia eliminar problemas de documentação e supervalorizar o produto internacionalmente.

Além do mercado estrangeiro da exploração da erva-mate, o comércio nacional também se fazia presente, como foi o caso da Companhia Mate Laranjeiras, que iniciou a explorar a erva-mate e a madeira no Mato Grosso e mais tarde no Paraná, com vistas na exportação platina (GREGORY, 2002, p.90). A partir das análises do autor, a mesma direcionava seus investimentos à Argentina talvez pelo fato do grande mercado consumidor e do fácil acesso ao porto de Buenos Aires.

⁵³ Mensu pode ser a “designação dada aos indivíduos que se propunham a trabalhar braçalmente numa obrage. O termo equivale-se ao peão. O seu trabalho era pago mensalmente, ou pelo menos sua conta era assim movimentada. Etimologicamente, a expressão vem do espanhol: mensual, ou seja, mensalista.” (COLODEL, 1988, p.53).

Esta empresa também dispunha de uma ferrovia entre Guaíra e Porto Mendes, no trajeto feito por terra, no trecho impedido ao acesso fluvial pelas Sete Quedas. Assim, “escoavam a produção de erva-mate e da madeira, via Rio Paraná e Estuário do Prata, para os mercados argentino (Corrientes, Entre Rios e Posadas) e Inglês” (Op.Cit.,p.90). Desta maneira, a produção da “Mate” partia de Porto Mendes em direção aos mercados argentinos. Segundo o autor, isto atesta que além do mercado argentino, o produto também ascendia os mercados britânicos, o que demonstra que a exploração não fora apenas exclusiva de comerciantes argentinos.

Abaixo, Mapa das principais Obrages do Oeste paranaense. Destaque para a Ferrovia Guaíra - Porto Mendes de posse da Companhia Mate Laranjeiras.

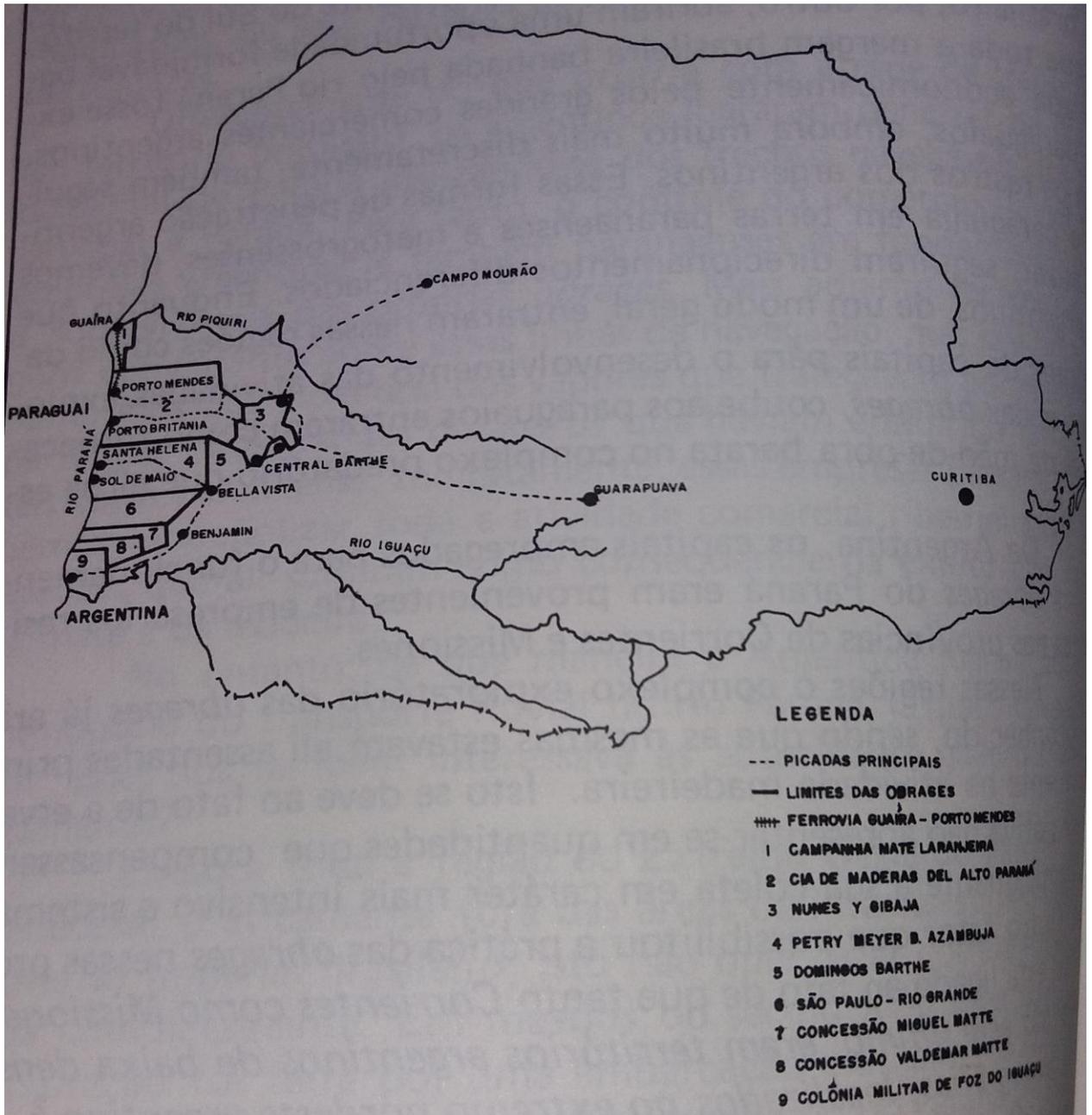


Figura 2 - Principais Obras no Oeste do Paraná. **Fonte:** COLODEL, José Augusto. **Obras e companhias colonizadoras. Santa Helena na história do Oeste Paranaense até 1960.** Santa Helena: Prefeitura Municipal, 1988, p.56. Cartografia de Pedro Giraldelel.

Assim, neste espaço, a investigação seguirá junto à reflexão sobre o entendimento de como esta ligação se consolidou, tal como se deu esta receptividade na construção do que podem ter sido as representações destes argentinos também no povoamento do núcleo urbano de Foz do Iguaçu, onde a linguagem e a cultura platina

se mesclam. A seguir, abordar-se-á a crise e o esgotamento dos recursos naturais e o processo de nacionalização do Oeste, o que caracteriza o declínio da influência platina.

2.3. A crise ervateira na fronteira e o processo de nacionalização do Oeste

Nesta localização, apresentamos as consequências da crise da erva-mate no Oeste paranaense. Neste processo, percebe-se que as Obrages argentinas perdem a influência sobre a região devido à crise de 1929, o que faz com que os mesmos se voltem para o cultivo da erva-mate nativa em terras argentinas. Diante disso, no Brasil, o então governo de Getúlio Vargas lança a campanha “Marcha para Oeste” com o intuito de nacionalizar os espaços de fronteira a partir do pressuposto da colonização. Com este novo contexto, a representação argentina na fronteira se dá de outras maneiras.

A partir de 1930, inicia-se o que pode ser chamada a decadência das exportações de erva-mate e da madeira, movida pelo plantio de ervais artificiais na província de Misiones (WACHOWICZ, 2002, p.238) o que fez com que a hegemonia argentina pouco a pouco desapareça. Até a metade do século XX, os argentinos exerceram grande influência na fronteira (SILVA, 2014, p.84-85). De acordo com este autor, pode-se compreender que a influência argentina se baseava muito fortemente nas exportações. Todavia, a representação como o da linguagem e das embarcações que faziam travessias pelo Rio Paraná ainda permanece uma constante.

Um dos motivos da decadência pode ser atribuído ao projeto “Marcha para o Oeste” do então presidente Getúlio Vargas através da Revolução de 1930, com o pressuposto da colonização (neste caso para a região Oeste) e os fluxos migratórios, onde puderam proporcionar a ocupação brasileira nos dois últimos séculos (GREGORY, 2002, p.65). Tal evento coloca-se como imprescindível no processo que irá antecipar o nacionalismo getulista. A mesma desenvolveu um processo de colonização e ocupação das terras em regiões de fronteira. Assim, a demarcação da fronteira deu-se através da vinda destas gentes para estes espaços, o que acabou não apenas nacionalizá-los, mas também, territorializá-los de acordo com as origens de seus colonos.

As intenções do governo central brasileiro em colonizar as regiões Oeste e Sudoeste paranaense estavam relacionadas com a “grande marcha”, a fim de diminuir a presença estrangeira que há alguns anos já ocorria, neste caso, na fronteira junto ao

Paraguai e a Argentina, onde “a população e a economia possuíam laços estreitos com argentinos e paraguaios, a atuação do poder público buscava evidenciar e explicitar os sentimentos nacionalistas.” (GREGORY, 2002, p.65). Segundo Valdir Gregory, esta iniciativa governamental poderia acabar com a influência estrangeira principalmente argentina e, desta maneira, nacionalizar de vez por toda a fronteira.

Deste modo, inicia-se a ocupação da região por população brasileira com vínculos junto ao mercado nacional e internacional através da agroindústria e do agrobusiness (agronegócio) no Oeste. (Op.Cit., p.89). Tal estratégia, atribuída a política do Estado Novo, fora eficiente para sobrepujar as massas estrangeiras que ocupavam o espaço fronteiro ao estabelecer uma fronteira humana.

Ao assumir o governo por meio da Revolução de 1930, Getúlio Vargas o fez junto ao apoio dos militares, onde a maioria participou nos combates à Coluna Prestes e outros do movimento Tenentista, como conhecedor das fronteiras brasileiras (GREGORY, 2002, p.90-91). Assim, por meio do decreto 19.842 de 12 de dezembro de 1930, previa duras medidas fomentadas junto a doutrina do nacionalismo e “exigia que as empresas tivessem em seus quadros de empregados, no mínimo, dois terços de trabalhadores brasileiros” (SPERANÇA, 1992, p.194). O decreto em questão cria barreiras aos estrangeiros (argentinos e paraguaios) que exploravam as terras brasileiras.

Segundo Gregory (2002, p.91) junto à política “Marcha para o Oeste”, Vargas também pretendia criar o Território Federal do Iguaçu como medida de estabelecer de uma vez por todas as fronteiras com a Argentina e o Paraguai. Assim de 1930 a 1940, ocorre um aumento demográfico na fronteira. Em 13 de Agosto de 1943, cria-se o então Território do Iguaçu pelo governo Vargas, cuja intenção foi povoar a região Oeste aliada à exploração imobiliária, mercado consumidor e mão de obra agrícola (WACHOWICZ, 2002, p.244-246) a fim de criar um ambiente mais abrasileirado concatenado com o crescimento econômico nacional por vias da colonização da região.

Na sequência, apresenta-se o Mapa do Paraná, no período da instituição do Território do Iguaçu, datado de 1944, o qual se destaca a abrangência no Oeste paranaense.

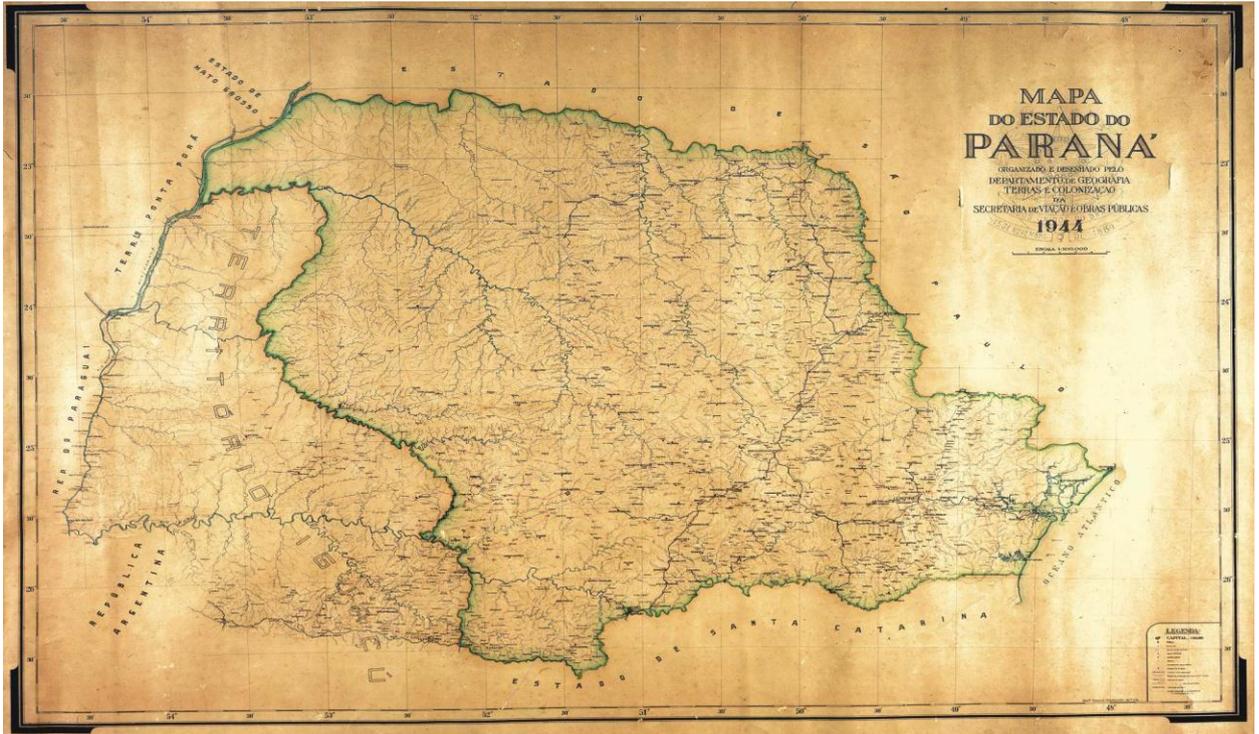


Figura 3 - Mapa do Estado do Paraná com destaque para o Território Nacional do Iguaçu. (1944). **Fonte:** Instituto de Terras Cartografia e Geociências – ITCG. Disponível em: http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/livro/livro_mapas. Acesso em: 21/12/2013.

Através do mapa, pode-se perceber a iniciativa do governo getulista na criação do Território do Iguaçu em manter um maior controle sobre a fronteira, a partir do avanço estrangeiro sobre a região brasileira.

Do início da República ao ano de 1930, no início do Estado Novo, a colonização seguiu de forma lenta. Isto muda a partir da construção de estradas de rodagem que facilita a chegada de povoadores. (SOUTO MAIOR, 1988, p.41).

Sobre esta questão, Cury (2010, p.124) também salienta que a modernização de estradas, como o caso da BR-277, representou a modernidade e um eixo de desenvolvimento. Nas palavras de Cury (2010) “A abertura e modernização das rodovias e construção de pontes vieram facilitar a ligação com Foz do Iguaçu a outras cidades do Estado do Paraná, com a Argentina e o Paraguai.” (CURY, 2010, p.124). A partir do exposto por Mauro Cury, pode-se entender que tal medida não apenas afastou a influência argentina sobre o Oeste paranaense, mas também, sobre o Paraguai ao estender sua produção até o porto de Paranaguá e não mais por Buenos Aires.

Nos primeiros anos do Estado Novo, Vargas também cria o D.N.E.R o que intensifica as estratégias de desenvolvimento da região e proporcionar grandes avanços no processo de nacionalização por meio da colonização brasileira. De modo a justificar, salienta Sperança (1992):

O Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, criado em 1938, foi incumbido de desenvolver o Programa Rodoviário Marcha para o Oeste, como parte das estratégias oficiais de desenvolver a região e propiciar um grande salto no processo de colonização. Uma das rodovias mais importantes deste programa seria a BR-35, mais tarde denominada BR 277 (Ponta Grossa-Foz do Iguaçu), passando por Prudentópolis, Guarapuava, Laranjeiras do Sul e Cascavel (SPERANÇA, 1992, p.120-121).

Com a criação da BR-35 (mais tarde BR-277) pelo Programa Rodoviário Marcha para o Oeste, em 1938 (SPERANÇA, 1992, p.120-121) junto a outras obras de infraestrutura (como o caso da Ponte da Amizade e o Tratado de Itaipu) a intenção era retirar a soberania econômica de Buenos Aires sobre o Paraguai, o que acaba por substituir pelos portos brasileiros (CURY, 2010, p.124) o que também termina por retirar da influência platina sobre o Oeste do Paraná.

O fato da cidade de Buenos Aires ocupar uma posição destacada no cenário político ao longo de sua história está relacionado ao controle da entrada e saída de riquezas, posto que fora a principal cidade do vice-reinado espanhol, pois era a mais desenvolvida e tinha uma posição estratégica, mercantil e comercial na foz do rio Paraná na bacia do Prata (GARCIA, 1990). O que poderia dificultar o comércio com outras regiões do interior, o que também promoveu a ascensão portenha em relação ao prejuízo das elites do interior das províncias platinas (CURY, 2010, p.110). Assim, historicamente o porto de Buenos Aires desde remotos períodos coloniais possuía seu poderio político econômico não apenas na Argentina, mas também a América do Sul.

De algum modo, a modernização de estradas, como foi o caso da BR-277, representou uma novidade no espaço iguaçuense: a integração com o restante do Brasil, pois, em hipótese, acredita-se que ocorre um processo de “abrasileiramento”, algo talvez que não existisse até então. Isto foi possível com a campanha getulista da “grande marcha”.

De modo a ampliar os esclarecimentos do autor, da mesma forma, Sperança (1992) contribui no sentido de reconstruir brevemente o panorama econômico do Paraná e do Oeste Paranaense, desde a exploração estrangeira dos recursos naturais

mencionados: como foi o caso da madeira e da erva-mate até a implantação das companhias colonizadoras, provindas do sul, sudeste e até mesmo nordeste do Brasil , onde implementaram o que mais tarde será conhecido como o agronegócio paranaense. Juntamente com ela, foram trazidos conhecimentos técnicos de cultivo e a lógica do acúmulo, o que inaugura uma época nova. Considera-se que o período favorece a era do capital em larga escala na região. Segundo Sperança (1992):

A ocupação econômica e a colonização do Paraná, nesta época, se relacionam com o interesse estrangeiro na exploração da erva-mate e da madeira, com a expansão das atividades dos descendentes dos tropeiros que cultivavam milho e criavam suínos soltos e de forma extensiva, com a ação do poder público federal a Foz do Iguaçu e limitados projetos de colonização e, finalmente, com a atuação de companhias de colonização organizadas empresarialmente por grupos de colonizadores profissionais (SPERANÇA, 1992, p.07).

Somados a isso, após os anos de 1930, a conjuntura mundial em crise terminou por favorecer os investimentos de iniciativas nacionais, conforme anunciado, ligadas à colonização, somadas ao cerco fechado pelo governo da época através dos decretos de cunho nacionalista o que pode ter justificado o fim das Obrages. Assim, a “legislação e encaminhamentos políticos criaram, portanto, dificuldades à manutenção dessas explorações estrangeiras, o que favoreceu a criação e o estabelecimento de companhias madeireiras e de colonização nacionais que adquiriam suas terras.” (GREGORY, 2002, p.93). Tal burocratização afastou a influência da representação econômica argentina das Obrages. O espaço é então incorporado pelas elites brasileiras de então.

Ainda de acordo com Gregory (2002):

A conjuntura mundial em crise e as incertezas das companhias estrangeiras que operavam no Oeste do Paraná fizeram com que fossem desativados seus empreendimentos ou entrassem em falência, abrindo fabulosos espaços para o investimento de capitais nacionais no Pós- Segunda Guerra Mundial. Esses fatos foram fundamentais para criar as condições de colonização da região. (GREGORY, 2002, p.91-92).

Desta maneira, as empresas estrangeiras que operavam no Oeste paranaense, apresentaram falência em decorrência do panorama mundial. As obrages que possuíam propriedades na região (fazendas) aos poucos foram adquiridas pelos capitais nacionais. Junto a isto, a dinâmica econômica, o rápido retorno dos investimentos iniciais da exploração, industrialização e comercialização da madeira, foram decisivos para a

criação de novos investimentos das companhias colonizadoras. Por fim, a partir de 1940, estas companhias adquiriram glebas e se estabeleceram na região Oeste. (Op.Cit., p.92). Este povoamento favoreceu inclusive o surgimento de novas cidades, como por exemplo: Toledo, Medianeira e Marechal Cândido Rondon.

Em hipótese, isto pode ter significado o desaparecimento parcial da representatividade dos argentinos, posto que muitos mudaram suas atividades econômicas para a de transporte de pequenos vapores que transitavam pelo Rio Paraná com maior concentração em Foz do Iguaçu, pelo fato desta última, depender por décadas do mercado platino. Desta maneira, a influência platina não cessou completamente, mas sim, mostrou-se a partir de novos vínculos.

A fim de substituir a exploração da erva-mate em virtude de sua decadência, algumas obrages do Oeste do Paraná, passaram a explorar exclusivamente a madeira. Segundo Wachowicz (2002):

As madeiras de lei passaram a ser cortadas nos sertões do Oeste com maior frequência e transportadas até as barrancas do rio Paraná através do sistema de alçapremas. Consistia este meio de transporte de um eixo de madeira, em cujas, prontas eram colocadas rodas de raios de madeira de até 2,5 metros de diâmetro. Embaixo do eixo eram amarradas as toras de madeira já devidamente descascadas. Conforme o tamanho das toras, a alçaprema deslocava uma, duas ou no máximo três toras. A tração era feita por animais. (WACHOWICZ, 2002, p.238).

Além disso, as obrages chegaram a explorar até a 100 km das margens do Rio Paraná. “Na margem do grande rio eram depositadas essas toras. Eram cedros, perobas, canelas, caviúnas, sassafrás, pau-marfim, etc.” (Op.Cit., 238).

Assim, pode-se afirmar que este argentino é de fato um sujeito que participou de maneira singular primeiramente no processo econômico das relações que se estabelecem na fronteira no contexto de tensões, aproximações e conflitos. Logo, novas conexões são estabelecidas junto à fronteira através do comércio madeireiro e de transporte via fluvial.

A partir dos escritos de Ruy Wachowicz podemos compreender que as representações do argentino, podem ser classificadas como invasor e como estrangeiro que monopolizou a economia deste espaço. Todavia, a ideia de fronteira enquanto limite não existe dado ao fácil deslocamento entre os espaços da região. As percepções destes sujeitos se deram primeiramente com a exploração dos recursos naturais e, mais

adiante, por meio das embarcações nos Rios Paraná e Iguaçu. Estes últimos, responsáveis por criar novas representações na fronteira.

2.4. As novas representações de argentinos na fronteira no contexto pós-ervateiro

Após a crise da madeira e especialmente da erva-mate após a década de 1930 (WACHOWICZ, 2002, p.238), sobretudo com o plantio de ervais artificiais (não nativos), novas relações na fronteira são estabelecidas com estes argentinos. Esta conjuntura cria representatividades ligadas ao campo social e ao cotidiano, fruto da influência econômica no pretérito. As sociabilidades entre brasileiros e argentinos que, num primeiro momento se deu através da economia de exploração, pode também ter estabelecido sentimentos dúbios. Isto é, uma espécie de gratidão e cordialidade ou até mesmo de aversão entre os habitantes dessa região e os argentinos durante o que podem ter sido os primórdios do turismo na região da tríplice fronteira. Isto pode ter ocorrido algumas décadas após a instalação da Colônia Militar, onde o transporte fluvial e de abastecimento pode ter substituído a economia de exploração realizada no passado.

Para fundamentar tais análises, utilizam-se as pesquisas de Antônio Marcos Myskiw (2009) já mencionado anteriormente, além das memórias de Otilia Schimmelpfeng (1991) pioneira de Foz do Iguaçu e filha do primeiro prefeito de Foz do Iguaçu em 1914 e que ocupou a posição da reduzida elite iguaçuense naquele contexto.

As relações conflituosas com os argentinos na fronteira, também podem ser traduzidas nas memórias de alguns dos pioneiros, como foi o caso de Schimmelpfeng (1991) que retrata em suas “lembranças” cenas do período pós - Colônia Militar onde se desenvolveu as primeiras embarcações de pessoas via fluvial (passagem de pessoas pelos Rio Iguaçu e Paraná) o que demonstra sentimentos contraditórios, oriundos do “imperialismo” madeireiro e ervateiro, o que pode ter despertado admiração pelos mesmos terem trazido desenvolvimento à região. Em contrapartida, uma perda da identidade brasileira.

Durante a dependência com o mercado argentino, todas as mercadorias consumidas em Foz do Iguaçu, eram provenientes da Argentina. (WACHOWICZ, 2002, p.233). Como o espaço do município era pequeno, a ideia de sociabilizar pautava-se com o contato dos vapores que traziam os víveres à pequena população iguaçuense.

“Alimentação, vestuário, móveis, bebidas, etc.” (Op.Cit., p.233). Desta maneira, ao consumir seus produtos, o modo de vida iguaçuense baseava-se na representação do modo de vida dos argentinos que aqui aportavam.

Nas memórias de Schimmelpfeng (1991) encontram-se duas passagens em que a mesma tece em seu imaginário duas situações, conforme segue:

Conservando sua dignidade nacional, Foz do Iguaçu viveu sob a dependência do mercado argentino [...] apagaram-se as raias da fronteira numa mistura de língua, usos e costumes, criando um ambiente tão diverso de nação brasileira que até o “mil réis” se converteu em “peso”, nas operações comerciais. (SCHIMMELPFENG, 1991, p. 60.)

Assim veio a Argentina assenhorear-se da navegação do trecho Posadas-Pôrto Mendes trazendo, sem dúvida, benefícios à região, pois oferecia o meio de acesso às povoações que se iam formando. (SCHIMMELPFENG, 1991, p. 60.)

A primeira demonstra um sentimento de submissão e encarceramento por depender deste mercado, o que pode evidenciar descontentamento, pois Schimmelpfeng (1991) recusa-se em perder sua “brasilidade”. E a segunda referência, mesmo que a autora tenha colocado a imposição do comércio platino, concorda que a navegação do país vizinho foi importante para que houvesse desenvolvimento para aqueles que habitavam na região da então Foz do Iguaçu.

Otília Schimmelpfeng (1991) não deixa claro em sua obra o período em questão, todavia, ao mencionar as moedas em circulação da época, pode-se compreender que pode ter ocorrido entre as décadas de 1910 e o final de 1930 já que o cruzeiro foi implantado pelo governo Vargas em 1942⁵⁴. O período em destaque representa o auge da vinda de argentinos para a fronteira na exploração e comercialização dos ervais.

Percebem-se em suas narrativas esta gratidão “dependente” e, talvez, sua manifestação pode dar uma ideia de como foi decisiva para a construção do mito do sujeito argentino na fronteira e que, pode ter servido de base, para entender o conceito do próprio “argentino” enquanto iguaçuenses e constrói hoje no presente.

De acordo com Pollak (1989, p.03) “uma memória também ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforçam os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”. Segundo o autor, as

⁵⁴ TRIGUEIROS, Florisvaldo dos Santos. A Reforma bancária. In: **Dinheiro no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1987. p.215-224.

experiências vivenciadas e recordadas por pioneiros como Otilia Schimmelpfeng, por exemplo, mostra o que de fato foram os sentimentos de pertencimento dados às suas recordações, quando posicionada em relação aos comentários direcionados aos argentinos e os momentos em que se fazem comentários em relação ao comércio e o seu pertencimento. As afirmações de Schimmelpfeng também demonstram resistência. Nos dias atuais, a representação que o argentino possui em relação ao iguaçuense, por exemplo, baseia-se no turismo de lazer e no circuito gastronômico, estabelecida em um período muito anterior. Isto se deu por meio da vinda de embarcações à fronteira.

Para sustentar tal hipótese, Schimmelpfeng também faz menções em suas memórias de passeios a bordo dos vapores que entrecruzavam os rios Paraná e Iguaçu e de como era bom passar o dia em tais embarcações. As narrativas da autora possuem uma carga de saudosismo em construir uma memória de seu pai. A mesma traz à tona o pioneirismo da família Schimmelpfeng, tradicional e proveniente de Curitiba. De certa maneira, os habitantes de Foz do Iguaçu daquele contexto, buscavam encontrar um padrão social-cultural. Nas palavras de Schimmelpfeng (1991):

As senhoras e senhoritas gostavam de comprar revistas argentinas de farta matéria! [...] pela manhã era apreciado o “desayuno” servido a bordo; um bife à cavalo acompanhado de batatinha frita e aquele copo de vinho.(SCHIMMELPFENG, 1991, p. 62).

Na capital argentina a estada se prolongava, com feição turísticas... A brasileira, que sabia ser “raffinée” tinha de fazer as compras da temporada, para uma apresentação condigna no meio social de sua terra. (SCHIMMELPFENG, 1991, p. 65).

A segunda citação demonstra que as “filhas” da então elite iguaçuense possuíam os padrões portenhos da moda. Buenos Aires pode ter representado para a época, a mesma ideia de ir à Europa.

Em tese, reafirma-se a ideia da tentativa de se forjar padrões sociais a partir dos platinos, além de destacar que as brasileiras que representavam a elite daquele período liam (e falavam) em espanhol, uma vez que o espaço de Foz do Iguaçu estendia seu olhar para seus rios fronteiriços e não para o governo central, dada às precariedades enfrentadas no período (a falta de estradas que ligavam a região oeste com as demais

localidades, o que gerou problemas de comunicação) o que fez os seus sujeitos se moverem para o mercado platino.

Ainda no que se refere às inter-relações fronteiriças com os argentinos, o exército brasileiro ocupou um papel preponderante no tocante às ações cidadãs na cidade. Curvo (1965, p.16) coloca que em 1941, iniciou-se uma campanha de alfabetização em Foz do Iguaçu, pois, muitas crianças atravessavam a fronteira em direção à Argentina para estudar. O autor chama a atenção para o hino nacional argentino cantado pelas crianças brasileiras em Puerto Iguaçu. Além disso, segundo o autor, a Companhia que realizava serviços de saúde na cidade estendia seu atendimento aos demais países fronteiriços. Como hipótese, pode-se pensar também que este serviço se estendeu ao Paraguai.

Tal projeto vem de encontro com a política do Estado Novo Vargasista, que estabeleceu a nacionalização do Oeste brasileiro (neste caso paranaense). A falta de estrutura e presença do Estado brasileiro na fronteira, fez com que estudantes iguaçuenses estudassem na margem argentina sem empecilhos burocráticos aparentes. O fato de o hino argentino ser cantado pelas crianças brasileiras, em hipótese, não indica propriamente o nacionalismo, mas muito mais a necessidade de estudar, pois, o espanhol era comumente falado no cotidiano iguaçuense e o português nos órgãos públicos (MYSKIW, 2009, p.183-198) o que pode atestar que não havia controle, barreiras e nem limites entre os estados fronteiriços. Isto pode ser comprovado através do trabalho exercido pela “Companhia” (militares) no atendimento médico nos três países limítrofes, onde, por meio da via fluvial, as relações eram muito mais próximas.

Segundo Wachowicz (2002, p.236) até o final de 1920, o único acesso era o Rio Paraná via Buenos Aires, dada a precariedade das picadas que ligavam Foz do Iguaçu à região urbanizada mais próxima, o que pode ter fixado padrões do país vizinho.

Além disso, não se descarta, todavia, a ideia do descontentamento em relação a esta dependência ao mercado estrangeiro, motivada por sentimento dúbio (também de aversão) o qual referido anteriormente.

De acordo com Silva (2014, p.79) segundo dados do IBGE de 1940, dos 1011 argentinos que viviam no Paraná, 501 viviam em Foz do Iguaçu, ou seja, 49% dos argentinos radicados no estado moravam na cidade. Os números podem não ter sido exatos, mas aproximados. No entanto, mostra a forte influência destes platinos na fronteira e a facilidade do acesso por parte destes na região, cuja fiscalização pode ter sido nula, já que estes estavam ligados à fronteira brasileira pela economia de

abastecimento, além dos vínculos estabelecidos pelos mesmos. Situação semelhante ocorre com os paraguaios. O município de Foz do Iguaçu pode ter representado uma extensão da própria argentina. Provavelmente existia a possibilidade de trabalho para argentinos e paraguaios, próximos aos familiares em seus países de origem. A partir disso, pode-se concluir que a fronteira desaparece dada ao fácil acesso.

Abaixo, descrição da quantidade do número de estrangeiros. Destaque para o número de argentinos e paraguaios.

COMPARATIVO ENTRE O NÚMERO DE ESTRANGEIROS - 1940

Nacionalidade	No Paraná	Em Foz do Iguaçu
Argentinos	1011	501
Paraguaios	1120	991
Alemães	12343	98
Italianos	6776	18
Japoneses	7.705	-

Figura 4 - Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE do número de estrangeiros o Paraná e em Foz do Iguaçu em 1940. Fonte: Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios. Acesso em 20 de Ago. 2015 às 9:40h.

Desta forma, este sujeito se inseriu na região, em um primeiro momento pelo viés econômico ao manter contatos com os militares da Colônia Militar, mais tarde iriam criar e mesclar padrões comportamentais em períodos em que não havia referências. De alguma maneira isto foi decisivo, inclusive, para a criação do que mais tarde viria a ser o início do turismo na região da tríplice fronteira aliada aos recursos naturais existentes na região, como é o caso das Cataratas do Iguaçu. Uma nova forma de exploração econômica após a crise dos ervais.

Assim, considera-se que as relações entre argentinos e iguaçuenses podem ter continuado, a partir do momento em que se consolida o turismo na região. A carência de transporte e a falta de comunicação com as zonas urbanizadas podem ter aproximado brasileiros de Foz do Iguaçu com os argentinos da Província de Misiones, ou seja, na região fronteira. Além da erva-mate e da madeira, o turismo também fez parte da economia, através da exploração de passeios às Cataratas do Iguaçu que eram realizados de maneira concomitante.

2.5. Puerto Iguazú: Aspectos historiográficos da representação através do turismo

Desde o início do século XX, o espaço de Puerto Iguazú já esboçara seu potencial turístico relacionado às Cataratas do Iguaçu. Acerca disso, os escritos de Mauro Cury (2010) ajudam a compreender que se trata da delimitação das primeiras tentativas na definição de um polo turístico neste município. O turismo aqui citado está relacionado a uma atividade alternativa junto à exploração dos recursos naturais.

Desde o século XIX, pode-se afirmar que já existia um “encantamento” pelos recursos naturais da região *misionera* o que “passou a tomar forma a partir da ‘descoberta’ das Cataratas do Iguaçu por parte dos viajantes argentinos que investigaram os recursos naturais que poderiam ser explorados economicamente.” (ARANHA, 2014, p.16). Consequentemente acalenta-se uma preocupação em criar no extremo norte argentino (onde estão localizadas as Cataratas do Iguaçu) um polo turístico em potencial, além de um destacamento militar e apostar em fonte energética.

Além da madeira e da erva-mate, em um período paralelo aos últimos anos da Colônia por volta do final do século XIX, do lado argentino, inicia-se altos investimentos por parte do segundo mandato de Júlio Argentino Roca⁵⁵ em transformar o ponto ao norte mais avançado em uma zona de potencial de recepção de turistas. De acordo com Cury (2010, p.144-153) em 1902, há um planejamento de instalação de uma zona turística a partir de estudos efetuados por Carlos Thays. Um dos pedidos pelo mesmo é a criação de um parque nacional, uma colônia militar e aproveitamento hidrelétrico. Passados alguns anos, no ano de 1928, o governo argentino compra as terras para a criação do parque nacional argentino em Puerto Aguirre, antiga denominação de Puerto Iguazú. Em 1934, concretiza-se materialmente a consolidação e o efetivo desenvolvimento do turismo como potencial econômico, através da criação do PNI-AR (Parque Nacional do Iguazú-Argentina) (Op.Cit., p.144-153). Assim, a incorporação regional de Puerto Iguazú, deu-se por meio de fluxos comerciais, ao estruturar as dependências das conjunturas econômicas, pelo comércio e pela atividade turística (CURY, 2010, p.145). Desta maneira, pode-se entender que o desenvolvimento de Puerto Iguazú se caracterizou por ambas as atividades.

⁵⁵ Júlio Argentino Roca foi presidente da Argentina por dois mandatos: O primeiro de 1880 a 1886. E o segundo de 1898 a 1904. (LEVENE, 1992, p.271-307).

No ano de 1928 são compradas as terras para a criação do Parque Nacional argentino em Puerto Aguirre, antiga denominação do município de Puerto Iguazú que remete à Victória Aguirre, turista que doou \$3000 para a abertura da estrada que leva a cidade até as Cataratas. A principal Avenida de Puerto Iguazú, todavia conserva o nome de sua benfeitora (CURY, 2010, p.145). O que pode caracterizar uma representação muito forte no imaginário do passado dos *iguazuenses* argentinos, pois, ao conservá-la como monumento especialmente na região central, evoca o passado e perpetua a recordação em uma acepção a Jacques Le Goff (1990, p.535).

De acordo com essa passagem, citada acima, vê-se que já há a intenção na criação de um Parque nacional e converter a localidade em atrativo, o que se concretiza em 1934 e o Parque Nacional do Iguazu na margem brasileira em 1939. O ano coincide com a crise ervateira. Segundo Cury (2010) salienta-se que:

Somente em 1934 foi criado o PNI-AR⁵⁶, que significou um impulso para o desenvolvimento da atividade turística que iria marcar a região nas décadas seguintes, além da segurança nacional e das infraestruturas para ser um centro de recepção de visitantes de todo o mundo. (Op.Cit, p.145).

A este respeito, pode-se considerar que as Cataratas já evidenciavam sua divulgação e o seu potencial turístico por volta dos anos 1930. Além disso, a natureza *misionera* mostrou-se importante para a representação do argentino de Puerto Iguazú.

De acordo com Ivo Oss Emer (1991) as Cataratas já eram visitadas “por um sempre crescente número de brasileiros, que utilizavam o transporte ferroviário até Ourinhos e a navegação por Porto Epitácio, até o Porto de Guaíra a Porto Mendes, possibilitando o acesso a Foz do Iguazu e às Cataratas, pelo Rio Paraná”. Esta viagem, com características de “Odisseia”, também indica um grande fluxo de embarcações (neste caso vapores) que não apenas vinham da Argentina, mas de outras localidades brasileiras em uma operação exaustiva.

Os vapores que eram utilizados para o transporte de passageiros até as Cataratas também transportavam erva-mate o que indica um turismo inicial e precário. Como podemos perceber a visita às Cataratas poderia ser feito, mas não era a principal atividade, pois estava abaixo da comercialização da erva-mate e da madeira. A atividade

⁵⁶ De acordo com CURY (2010, p.145) PNI-AR é a sigla que corresponde a Parque Nacional del Iguazú – Argentina.

turística iria despontar décadas depois por meio do enfraquecimento da exploração dos recursos naturais. Sobre este aspecto, salienta Schimmelpfeng (2002):

Logo vieram os barcos de passageiros movidos à vapor – os vapores, como se dizia, dotados de conforto, já visando a exploração do turismo que se iniciava em *Puerto Iguazú*, ponto de partida para as Cataratas. Estes faziam transporte misto, conduzindo a carga de erva-mate nos porões. (SCHIMMELPFENG, 2002, p.46.)

A criação dos Parques Nacionais argentinos está relacionada a uma política de segurança nacional nas áreas de fronteira, especialmente junto ao Brasil e Chile. Deste modo, segundo Cury (2003) os parques podem ser definidos como “elemento norteador de defesa de fronteira” (CURY, 2003, p.36), assim, “a política da APN (Administración de Parques Nacionales) é orientada para afirmação da soberania territorial e o desenvolvimento de áreas de fronteira e periféricas” (CURY, 2003, p.36). O estabelecimento dos Estados Nacionais na fronteira, a exemplo de Foz do Iguaçu e de Puerto Iguazú, fora adquirido através do processo de militarização nos Rios Iguaçu e Paraná. As estruturas naturais e humanas foram as definidoras no controle destes espaços. A presença das Cataratas do Iguaçu, a fundação dos Parques Nacionais do Iguaçu como zona tampão foram objetivadas principalmente para a garantia da fronteira argentina (CURY, 2010, p.221). Esta ação indica também que, da mesma maneira que o Brasil lançou o projeto da “marcha” como pressuposto de controle das fronteiras, o governo argentino também o fez através do estabelecimento dos Parques ao longo do território argentino.

O ano de 1934 também coincide com o aumento demográfico na fronteira do lado brasileiro, onde conforme descrito anteriormente, a partir das iniciativas do governo Vargas, aumenta-se a exploração imobiliária no Oeste paranaense de acordo com os projetos de nacionalização das fronteiras brasileiras, o que evitou o avanço estrangeiro (WACHOWICZ, 2002, p.122).

Na política argentina, a atividade turística é vista como um meio de desenvolvimento para a população e a conservação da natureza, como a Província de Misiones (CURY, 2010, p.89). Talvez o fato do litígio de Palmas não ter sido bem sucedido como esperava o governo argentino de então, os Parques, por sua vez, foram a tentativa (do mesmo modo que o Brasil) o de também nacionalizar suas fronteiras ao fixar suas bandeiras.

A incorporação regional de Puerto Iguazú se deu por meio de fluxos comerciais, ao estruturar as dependências das conjunturas econômicas, pelo comércio e pela atividade turística, pois a indústria era algo que ainda estava se configurando (CURY, 2010, p.145). Até os dias atuais, a exemplo de Foz do Iguaçu, o município argentino não possui grandes indústrias. O turismo é a principal fonte de renda.

Ainda, segundo esse autor, os produtos produzidos na Argentina eram principalmente agrícolas e têxteis (Op.Cit., p. 146). Atualmente, o comércio brasileiro nas proximidades da Aduana brasileira resume-se em gêneros alimentícios, entre as Avenidas Cataratas e Morenitas.⁵⁷ Através do controle intenso da Aduana argentina e a desvalorização do peso, o comércio é decadente. Ao final da década de 1980, o processo era inverso, pois, “no período de recessão econômica e alta inflação no Brasil, entre 1986 e 1988, recebiam-se milhares de paraguaios e argentinos para os mercados de Foz do Iguaçu, no sentido inverso do que acontece atualmente” (CURY, 2010, p.193-194). A dolarização da moeda brasileira em face da desvalorização do peso argentino, fez com que muitos brasileiros se voltassem aos atrativos na Argentina, tais como: O turismo, o transporte, o consumo de alimentos e bebidas.

No caso argentino, o barateamento dos produtos alimentícios argentinos está relacionado à ausência de tarifação por parte dos mesmos. Esta característica somada a diferença cambial junto a moeda brasileira, fez com que haja diferenças consideráveis de tais produtos, o que aumenta a procura dos consumidores paraguaios, iguaçuenses e de outras localidades brasileiras. De acordo com Cury (2010):

A Argentina detém produtos destinados à exportação, como o trigo, frutas, azeitona, azeites, vinho, este último isento de impostos e os vinicultores recebem incentivos para a produção. Portanto, o baixo valor comercial comparado aos vinhos brasileiros, além da diferença cambial do peso argentino em relação ao real. (CURY, 2010, p.219)

Dentro de um aspecto regional, a representatividade do espaço de Puerto Iguazú em relação à Misiones, o turismo se destaca entre as outras atividades comerciais (Agrícolas e têxteis), pois, a principal estrada que liga Puerto Iguazú ao país (Ruta 12) é um corredor que também mantém contato, além das Cataratas, com o espaço das Reduções Jesuíticas, como é o caso de San Ignacio Mini (CURY, 2010, p.147). A estrada

⁵⁷ Estas avenidas dão acesso direto à Ponte Tancredo Neves (antiga Ponte da Fraternidade), que divisa o Brasil da Argentina.

também liga à Posadas, capital da província de Misiones e ao restante do país. Isto significa o fácil acesso à Buenos Aires e ao restante do país.

Além disso, as obras como foram o caso da construção das Pontes da Amizade e da Fraternidade e da Usina Hidrelétrica de Itaipu, podem ter modificado as relações junto à Argentina, principalmente de ordem econômica. No início da década de 1990, a economia de Puerto Iguazú baseava-se também na venda de alimentos e couros. A situação ainda foi mais agravada com a crise de 2001-2002. Sobre esta questão, salienta Luiz Eduardo Pena Catta (2003):

Durante muitos anos, até 1991, a cidade argentina de Puerto Iguazú, também recebia uma grande quantidade de turistas compradores do Brasil, pois oferecia produtos de couro e peles, laticínios e bebidas (principalmente vinhos) e azeitonas que faziam a alegria não só dos forasteiros, mas também daqueles que moravam em Foz do Iguaçu. (CATTÁ, 2003, p.27-28).

Segundo Silva (2014, p.63) “Em 1990, a cidade do lado argentino tinha pouco mais de 30 mil habitantes, com uma economia estagnada e que foi ainda mais castigada com a crise econômica”. A partir dos anos 1990, houve uma queda de consumo de produtos de Puerto Iguazú devido à reestruturação econômica por que passou a Argentina, o que refletiu na dolarização da moeda (CATTÁ, 2003, p.27-28). Os produtos argentinos tornaram-se encarecidos, longe das necessidades de consumo dos compristas brasileiros.

As obras faraônicas de infra-estrutura no Brasil foram realizadas na segunda metade do século XX (CATTÁ, 2003, p.59). Entre as mesmas estão: As rodovias Transamazônica e BR-277, A Ponte Internacional da Amizade e por fim, a Usina Hidrelétrica de Itaipu. De acordo com Silva (2014) salienta que as mesmas foram iniciadas na época do desenvolvimento brasileiro, dos presidentes Juscelino Kubitschek a José Sarney, o que altera a dinâmica da fronteira, ou seja, “o espaço que hoje conhecemos como Tríplice Fronteira foi formado na segunda metade do século XX e com ele uma dinâmica sócio-econômica-cultural totalmente diferente do que havia nos séculos anteriores” (SILVA, 2014, p.64). Pode-se perceber, no período destacado, que as fronteiras nacionais já estão delimitadas. Ao contrário de épocas anteriores, onde, a região carecia de maior normatização por parte dos governos.

Deste período até os dias atuais, as relações comerciais não superaram maiores expectativas. Os produtos argentinos comercializados em Puerto Iguazú, todavia, estão

ligados ao setor gastronômico. De acordo com Silva (2014, p.86) na segunda metade do século XX, houve pouco desenvolvimento em Puerto Iguazú. Além do turismo, a “feirinha”⁵⁸ embora já exista há algum tempo no município, foi no contexto da crise argentina (por volta de 2000 e 2001) que a mesma ganha outras conotações, como é o caso do jantar e da música ao vivo. Sobre a mesma salienta Silva (2014):

De 1950 aos anos 2000, houve pouco desenvolvimento da cidade argentina da Tríplice Fronteira. Além das atividades relacionadas ao turismo e à circulação de pessoas e mercadorias, a “Feirinha” de Puerto Iguazú passou a comercializar produtos que gradativamente atraíram brasileiros e em menor número paraguaios. (SILVA, 2014, p. 86).

A partir do desenvolvimento deste tipo de prestação de serviço, a cidade argentina apostou na abertura e revitalização de restaurantes e casas de shows ligados a costumes argentinos (como é o caso de apresentações de Tango e Folklore argentino (música gauchesca) até mesmo números que também remetem ao Brasil (apresentações de samba e MPB) muito procurados por brasileiros, especialmente iguaçuenses que, aos finais de tarde e fins de semana, cruzam a ponte em busca de lazer.

Atualmente em Puerto Iguazú, além do ramo turístico e hoteleiro, as atividades econômicas giram em torno do comércio de alimentos expostos em suas feiras e na propaganda de requintados restaurantes no circuito gastronômico.

De maneira a continuar a discussão, pretende-se no próximo item a localização de outras representações dos argentinos na fronteira. Como exemplo, citamos o turismo com objetivo de caracterizar de forma mais pormenorizada estes sujeitos através de suas sociabilidades. Através da crise dos recursos naturais, a assimilação do turismo e os impactos frente à instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, a dinâmica na fronteira é transformada.

⁵⁸ Feira de produtos tradicionais, muito conhecida em Puerto Iguazú, onde são comercializados itens como: Azeitona, queijos, vinhos, salames, conservas, entre outros.

2.6. A representação argentina na fronteira frente às mudanças econômicas e sociais antes e depois da Era Itaipu. (1930-1974)

Neste item, destacam-se as mudanças econômicas em Foz do Iguaçu, com reflexos na fronteira, de modo geral, ocorridas a partir da crise da erva-mate e, da mesma forma, o início e o declínio das atividades madeireiras que posteriormente servirão de base para o que particularmente considero como “a profissionalização do turismo em Foz do Iguaçu”. O recorte temporal está justificado em dois períodos distintos, todavia, concomitantemente importantes por marcarem épocas decisivas para as bases deste item: o primeiro refere-se ao ano de 1935 que marca o início das primeiras atividades aeroportuárias de Foz do Iguaçu com a instalação do 1º Campo de Pousado do município, que veio a somar junto à profissionalização das atividades turísticas deste espaço, principalmente a partir da década de 1960. Isto mostra que a atividade turística em Foz do Iguaçu já se desenvolvera em períodos anteriores, porém, em menor intensidade. A mesma alcançou maior visibilidade com a instalação do campo de pouso⁵⁹. Este espaço pode ter representado uma ligação maior com a Argentina, principalmente, com a instalação da ponte aérea também com Buenos Aires, o que pode ter ampliado o trânsito de pessoas.

O segundo aspecto está vinculado a partir do ano de 1974, onde se iniciam as obras da Usina Hidrelétrica de Itaipu, fator que causou uma “revolução” em vários segmentos da “pacata” sociedade iguaçuense até aquele momento, tais como econômicos, sociais e culturais. Junto a isto, pretende-se localizar as representações de argentinos em Foz do Iguaçu a partir de tais mudanças. Pois, por meio das transformações, acredita-se que a influência cultural argentina é diminuída em relação aos inúmeros sujeitos de várias outras localidades, em busca de trabalho nesta obra.

Aqui nos permitimos afirmar que por longa data, o espaço iguaçuense sempre fora esquecido pelo poder público, o que refletiu em atraso ao seu desenvolvimento. Como exemplo, podemos citar o caso da cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná. Pelo fato da mesma possuir o poder público estadual representado em suas instituições, esta negligenciava a cultura dos moradores de Foz do Iguaçu, marcadamente pela interação

⁵⁹ MONGES, Fabiane Ninoff; FARIAS, Patrícia Jacinto de. **Memória Oral Coletiva como forma de exploração do turismo cultural em Foz do Iguaçu com foco no 1º Campo de pouso do município.** Foz do Iguaçu, UNIOESTE, 2006. (Trabalho de Conclusão de Curso). p.57.

das pessoas no cotidiano da fronteira, independente da nacionalidade, como veremos abaixo. A ótica atribuída pela “metrópole” demonstra o desconhecimento perante os sujeitos habitantes deste espaço. A localidade sempre fora ocupada por pessoas de várias localidades.

Sobre a questão, salienta Catta (2009):

E ao lançar o olhar da Capital, impregnado de juízo de valor, as instituições e o poder público estadual não levavam em consideração as especificidades da população de cada cidade. No caso de Foz do Iguaçu, negligenciavam a cultura de seus moradores, construída ao longo de sua história, e que tinha como uma de suas marcas o interagir das pessoas no cotidiano da imensa região de fronteira, independente de nacionalidade ou condição financeira. (CATTÁ, 2009, p.52.)

A partir das considerações de Catta (2009) as negligências se davam em relação não apenas ao oeste, mas também ao sudoeste paranaense. Por isso, necessário se faz recordar que o município iguaçuense e o Oeste do Paraná constituem-se a partir da influência platina junto à exploração dos recursos naturais por meio do extrativismo. Como destaca CATTÁ (2003, p. 22) as transações econômicas no município eram realizadas com o *peso*, o que evidencia íntima relação com o comércio argentino. A partir disso, pode-se compreender que a representação de argentinos fora ampla, onde a ideia de fronteira era quase nula.

Sobre este aspecto, a percepção de Schimmelpfeng (2002) em relação ao espaço de Foz do Iguaçu, mostra como cenário era único, carregado de distintos elementos culturais, baseado nas influências paraguaias e argentinas através dos antigos ciclos econômicos anteriores ao turismo. A presença brasileira misturava-se à dinâmica estrangeira também do argentino. Segundo Schimmelpfeng (2002):

Uma pequena localidade que se compunha de brasileiros – em minoria – argentinos e paraguaios, além de outros elementos estrangeiros, de várias nacionalidades, constituindo um ambiente heterogêneo, em relação a língua, a usos e costumes, do que resultava uma população *sui generis*, segundo os dados informativos que se vão alinhando para dar forma ao distante passado, sobre o qual assenta este presente tão auspicioso! (SCHIMMELPFENG, 2002, p.43.)

Para chegar a outras regiões brasileiras, a falta de acessibilidade e comunicabilidade pelo território brasileiro, fez com que aqueles iguaçuenses que

possuíam condições, se deslocassem pela Argentina até a cidade de Posadas, na província de Misiones. Para se chegar a Buenos Aires, se fazia necessário partir em direção ao centro urbano de Posadas, capital da província de Misiones na Argentina. Através deste movimento, a cidade era percebida como um grande centro urbano, onde o viajante poderia seguir por via fluvial ou férrea (SCHIMMELPFENG, 2002, p.48-49). Posadas era o centro urbano mais importante do período, pois desta localidade, provinha o abastecimento do município de Foz do Iguaçu.

O vínculo com Posadas era tamanho que até mesmo o espaço iguaçuense fora palco das visitas de sacerdotes *posadeños* até meados da década de 1920. Todo o mês de junho, com as comemorações do aniversário do município e do padroeiro São João Batista, a igreja católica celebrava eventos como casamentos e batizados junto à participação de padres argentinos, o que mostra uma forte ligação e proximidade com a cidade argentina (SCHIMMELPFENG, 2002, p.52). De acordo com as narrativas da autora, pode tentar imaginar que a influência era tamanha que até mesmo a prática da missa, casamentos e batizados, do ponto de vista da liturgia, eram realizadas “a moda” destes padres *misioneros*.

Juntamente com as atividades extrativistas, o turismo sempre apareceu como atividade econômica alternativa no espaço iguaçuense, de modo que aos poucos, este ramo tornava-se aprimorado e profissionalizado. E mais tarde legitimado.

Segundo Catta (2009, p. 158) “enquanto as outras cidades do Oeste paranaense se ampliavam e estruturavam a partir das atividades agropecuárias, Foz do Iguaçu desviava seu eixo para o turismo, para o comércio e para uma feição essencialmente urbana”. Na memória de antigos moradores, como o caso de Schimmelpfeng, desde há muito tempo, o turismo é colocado como o fim último em relação às outras atividades econômicas do município e que fora principiado por seus pioneiros. (SCHIMMELPFENG, 2002, p.05).

Conforme já fora colocado, por volta da década de 1930, dá-se a crise ervateira, o que favorece a exploração do Oeste paranaense por parte de empresas colonizadoras provindas do sul do país no projeto governamental "Marcha para Oeste" com o intuito de nacionalizar as fronteiras (GREGORY, 2002). O município de Foz do Iguaçu por sua vez, além de continuar no setor madeireiro, apostou no setor turístico ao enxergá-lo como um grande potencial econômico a ser explorado por ocupar as Cataratas do Iguaçu em seu espaço. Como exemplo, do lado argentino, Puerto Iguazú já esboçara certa inclinação

para esta atividade desde o ano de 1905, iniciado por Carlos Thays com a fundação de Puerto Aguirre⁶⁰ e o projeto da construção da estrada que levaria o pequeno centro urbano até as Cataratas do Iguaçu (CURY, 2010, p.145). Isto demonstra que a atividade turística poderia ser uma grande fonte de riqueza junto à erva-mate e a madeira.

A narrativa de Schimmelpfeng (2002) evidencia como a atividade turística na margem argentina em Puerto Aguirre já se desenvolvera desde as primeiras décadas do século XX. Em seu discurso, há um descontentamento. Nas palavras de Schimmelpfeng (2002):

A Argentina construíra seu grande *Hotel das Cataratas* que figurava num alto padrão de conforto, ambiente aprazível e uma completa cadeia de serviços para a manutenção de sua atividade turística, fatos que vinham obscurecer mais ainda as nossas pretensões... (SCHIMMELPFENG, 2002, p.24.)

O fragmento também indica uma disputa econômica, onde, o que estava em jogo era o receptivo hoteleiro travado pela concorrência turística. A partir disso, pode-se compreender que há tempos, havia intenções na atividade de hospedagem e na venda de passeios até às Cataratas do Iguaçu.

Segue abaixo, uma observação romântica da pioneira Schimmelpfeng (2002). Ao colocar que o “patriotismo brasileiro” de alguma maneira sobrepuja as intenções econômicas do potencial turístico das Cataratas, ao dar mais importância ao seu nacionalismo. Aqui há um receio frente ao domínio até mesmo ideológico do país vizinho. De acordo com Schimmelpfeng (2002):

O desejo que se imprimia no espírito dos precursores do movimento turístico em Foz do Iguaçu, era mais uma expressão de patriotismo do que as vantagens econômicas que pudessem advir de sua atividade. Viam que aquele cenário magnífico tinha de se descobrir para o mundo, deslumbrando para o espectador e difundindo uma das primorosas obras que a natureza dotara ao solo de nossa pátria. (SCHIMMELPFENG, 2002, p.22).

Nas narrativas de Ottília Schimmelpfeng podem ser percebidas algumas representações destes argentinos na fronteira através dos primeiros esforços do turismo na fronteira, a partir da primeira metade do século XX. Seus discursos mostram as

⁶⁰ Antiga denominação de Puerto Iguazú a época de sua fundação em 1902.

intenções de argentinos em Puerto Iguazú em estabelecer um ramo hoteleiro, com o objetivo de ofertar aos turistas as paisagens proporcionadas pelas Cataratas.

Conforme outros autores já citados, o cenário iguaçuense antes da chamada "Era Itaipu", a economia deste espaço assentava-se na exploração das matas e da madeira e em menor número através do contrabando do café do Paraguai (CATTA, 2009, p.156). Em outro plano está o início do turismo.

Com o fim dos ciclos da madeira e da erva-mate, favoreceram a busca de recursos naturais no Paraguai e na Argentina. (CATTA, 2009, p.161). Com a crise ervateira, inicia-se a exploração da madeira, onde se estende até a década de 1970⁶¹, o que deu "dinamicidade" ao porto.⁶² Neste caso, refere-se ao porto que divisa o Brasil e a Argentina conhecido como Porto Meira. Este processo acabou por retirar o poderio econômico argentino no que tange à exploração dos ervais nativos do Oeste paranaense. Muitos dos que trabalharam com o produto, migraram para as atividades madeireiras que da mesma maneira também alcançou sua decadência e assim o fizeram posteriormente com o turismo. Segundo Catta (2003, p.26) "A cidade tinha como forte suporte econômico a atividade turística, a qual foi se consolidando a partir da década de 70, atingindo em 1992 um nível privilegiado no quadro brasileiro".

A situação mostra que a crise da madeira afetou também os argentinos de Puerto Iguazú e de outras localidades *misioneras*, o que fez com que estes sujeitos buscassem novas oportunidades de trabalho no Brasil através da atividade turística. Assim, pode-se considerar que a situação dos mesmos se inverteu, pois, onde antes monopolizavam a economia de Foz do Iguaçu através da exploração dos recursos naturais, com a nova realidade, muitos se tornaram empregados no município iguaçuense. Acabaram por ser incorporados ao mercado brasileiro.⁶³ Salienta Catta (2009):

Quanto aos argentinos, vale lembrar, também, que existia uma camada excluída, sem terras e trabalho, que vivia na província daquele país, Misiones, e que faz fronteira com o Brasil. Estes argentinos, por estarem muito distantes de outros

⁶¹ Segundo o Plano de Desenvolvimento Integrado Diagnóstico Municipal (PDI-DM), o ano de 1970 representou o declínio das atividades extrativistas, no caso da madeira e da erva-mate. Nestes, onde a população iguaçuense era de 20.150 pessoas, 1,6% dedicavam-se ao extrativismo e 2,1% na construção civil onde também se utilizava a madeira. (Plano de Desenvolvimento Integrado Diagnóstico Municipal (PDI-DM). Foz do Iguaçu, 1972.). In: CATTA, 2009, p.156-160.

⁶² CATTA, 2003, p.33.

⁶³ Como hipótese, acredita-se que muitos argentinos, inclusive, acabaram por migrar para o Brasil pelas tensões políticas e econômicas vivenciadas na Argentina, principalmente a partir da instalação dos regimes militares iniciados em 1976 (LEVENE, 1992, p.70-116).

grandes centros urbanos de seu país, acorriam ao lado brasileiro em busca de trabalho. (CATTÁ, 2009, p.154-155.)

Em 1980, ao se referir à economia em Foz do Iguaçu, a revista iguaçuense *Painel*, cujas temáticas abordavam aspectos do cotidiano popular iguaçuense, esclarece que com o fim da exploração dos recursos naturais, a profissionalização do turismo através da visitação das Cataratas, poderia ser um recurso precioso na comercialização deste atrativo e uma alternativa para migrar para esta atividade econômica.

No referido período, percebe-se que jornais e revistas iguaçuenses publicaram entrevistas de antigos moradores sobre os impactos ocasionados pelo fim das atividades madeireiras e, conseqüentemente através do turismo. Através disso, podemos compreender que a ligação entre brasileiros e argentinos pode ter se dado através das Cataratas. Salienta a matéria:

A madeira findou, como também ninguém mais cultivou a erva-mate. Descobrimos que poderíamos vender muito bem a visão da paisagem, exuberante e poética das Cataratas. (REVISTA PAINEL, Foz do Iguaçu, n.86, maio/80.)

Desta maneira, muitos dos ex-trabalhadores das madeireiras construíram hotéis e passaram a trabalhar no ramo turístico, junto à exploração econômica das Cataratas do Iguaçu e produtos importados do Paraguai. Estes sujeitos investiram os recursos que possuíam nestas novas atividades. Dentre eles, está o senhor Ortega, de origem argentina. O mesmo é um dos exemplos dos argentinos que abandonaram o trabalho junto à madeira e dedicaram-se à atividade turística. Ortega realizou investimentos no setor do turismo em Foz do Iguaçu. (CATTÁ, 2009, p.157-158). Em 1981, narrou suas experiências ao conceder uma entrevista para o jornal *Nosso Tempo*, em Foz do Iguaçu:

Tanto é que em 1964 fiz um balanço e percebi que tinha uma renda de 30 cruzeiros por mês de salários e 100 por mês das casas que tinha alugado. Com isso percebi que era melhor abandonar o emprego. Foi o que fiz. Me lembro que recebi 200 mil cruzeiros de indenização e apliquei a metade desta importância desta reforma de uma das casas onde fui morar. (...) fui aventurar a vida. Comecei a fazer transações de rua, isso que o pessoal chama hoje de picaretagem, rolos. Eu fazia qualquer rolo. (...) Com os 100 cruzeiros que me sobraram da indenização eu comprava pesos e vendia aos turistas. Com aquele dinheiro e esta pastinha aqui, ganhei muito dinheiro. (ORTEGA, 1981, p.12)

A partir do fragmento, o recorte temporal entre os anos 1960 e o início dos anos 1970, as vésperas do começo das obras de Itaipu, conclui-se que a atividade turística se

mostrava muito importante e atuante na época, onde o foco principal assentava-se nas Cataratas, pois “em 1973 a cidade de Foz do Iguaçu poderia ser caracterizada como uma típica cidade do interior brasileiro e “entendida” aos olhos de sua população e daqueles que ali vinham em busca do deleite de ver e sentir as Cataratas”. (CATTÁ, 2003, p.39). O argentino na fronteira também faz parte deste processo, neste sentido, primeiramente, pelo fato das obras da Hidrelétrica ter impedido o acesso à região de Guaíra pelo Rio Paraná. De maneira geral, isto acabou por distanciá-lo do comércio fluvial e, conseqüentemente, da influência sobre o espaço brasileiro na região do Oeste do Paraná.

Para compreender o segmento turístico no espaço iguaçuense, segue abaixo a capa de uma das edições da revista de turismo Cataratas⁶⁴. Seu diretor comercial fora representado por Oscar Alliana, também responsável por ser o idealizador da *Casa de los argentinos*, o que mostra a participação de um sujeito não brasileiro na busca sua sobrevivência através do trabalho junto ao turismo em Foz do Iguaçu em uma fase completamente nova. De alguma maneira, o trabalho desempenhado por Alliana neste tipo de mídia, atesta também uma forma de representação do argentino. A profissionalização junto ao turismo pode ter sido uma oportunidade às vésperas da Era de Itaipu.

⁶⁴ A revista Cataratas fora um importante veículo na divulgação do turismo em Foz do Iguaçu e no Paraná. Possuía uma projeção regional. Um de seus redatores fora Venturino Savaris, proprietário de um dos principais hotéis da época, o Hotel Savaris, localizado na área central de Foz do Iguaçu. As edições publicadas são dos anos de 1969 e 1970.



Figura 5 - Capa da Revista Cataratas – nº05 – Abril/Maio de 1969. **Fonte:** Acervo pessoal de Oscar Alliana.

O discurso expresso na imagem da capa da revista permite perceber que o turismo a esta altura estava elaborado e profissionalizado, ao divulgá-lo nos três idiomas (Espanhol, Português e Inglês). Compreende-se que o mesmo ainda se direcionava, primeiramente, aos moradores da fronteira. Também se percebe uma preocupação muito maior com o espanhol ao colocá-lo em primeiro plano e o inglês em terceiro plano e ao demonstrar de que o português também se apresenta em segunda instância. Além disso, dá-se maior ênfase à Ponte Internacional da Amizade ao colocá-la em um tamanho maior em relação à fotografia das Cataratas do Iguazu. Através disso, pode-se compreender que a ponte passou a representar algo maior no imaginário da época, pois, a mesma caracterizou-se em uma inovação, talvez, nunca antes vista na região. O fato de ligar-se ao Paraguai por meio da Ponte da Amizade aumentou as possibilidades de atrativos turísticos na região, sendo assim, poderia ter sido considerada em mais um cartão postal.

Conforme vimos no início do segundo capítulo, o município de Foz do Iguazu permaneceu estagnado economicamente até a segunda metade dos anos 1960. Neste período, enfrentavam-se problemas de abastecimento de produtos fabricados nos grandes centros do país, precarização no escoamento da produção agrícola, problemas na infraestrutura dada à falta de representação política por parte do governo estadual.

Tais fatores mantiveram, todavia, os enlaces com os comerciantes vindos da Argentina através de embarcações como o caso dos vapores (CATTA, 2009, p.50). Esta situação mudará drasticamente em pouco tempo a partir da abertura comercial do Paraguai com o advento da Ponte Internacional da Amizade inaugurada em 1965 com o auxílio do poder público brasileiro.

Segundo Catta (2003, p.59) o período entre as décadas de 1950 e 1960, ficou caracterizado, através de seus governos, pelo modelo econômico nacional-desenvolvimentista, responsável por projetos faraônicos e continuado pelo regime militar instaurado em 1964. Como fora descrito, na realidade iguaçuense, em um destes projetos estavam a rodovia BR-277 e a Ponte Internacional da Amizade.

A rodovia BR-277, inaugurada em 1969, resolveu o problema de comunicabilidade de Foz do Iguaçu com os grandes centros urbanos ao ligar a Ponte da Amizade à Ponta Grossa. A intenção ligava interesses do governo federal em estreitar laços de amizade com o Paraguai (CATTA, 2009, p.47). Esta situação estreitou ainda mais a ligação do Brasil com o Paraguai em detrimento da influência argentina em vários segmentos, dentre eles, o econômico.

As consequências da abertura do mercado interno paraguaio aos produtos estrangeiros resumem-se em alíquotas aduaneiras em torno de 15% com intuito de se chegar à isenção o que era favorável a países exportadores de produtos manufaturados (CATTA, 2003, p.64). Ainda de acordo com este autor:

A abertura do mercado interno paraguaio a produtos estrangeiros, com alíquotas aduaneiras em torno de 15%, prevendo-se chegar à isenção, o que era muito interessante para países exportadores de produtos manufaturados; uma política pragmática frente a Argentina e Brasil durante os primeiros anos de ditadura, e nitidamente pró-brasileira posteriormente, visto que os objetivos daquele governo era conseguir cortar o cordão umbilical que os ligava historicamente ao poderio argentino. (CATTA, 2003, p.64).

Com a aproximação frente ao Paraguai, “o governo brasileiro naquela gestão procurava reverter o processo histórico de aproximação e dependência do Paraguai em relação à Argentina, tornando-o órbita dos interesses políticos e econômicos brasileiros” (CATTA, 2003, p.63). A Ponte Internacional da Amizade representou uma ampliação tanto da economia brasileira quanto da paraguaia.

Sobre esta questão, em seu trabalho de conclusão de curso, Monges e Farias (2006) realizaram uma série de entrevistas a pioneiros de Foz do Iguaçu, com o intuito

de reconstruir as memórias do 1º Campo de Pouso do município. Nos relatos, um em especial chama a atenção no que se refere ao período à instalação da Ponte da Amizade e os reflexos que a mesma causou na fronteira. As autoras entrevistaram o senhor Haroldo Alvarenga, primeiro controlador de voo do município. Nas palavras de Alvarenga (2006):

A ponte foi inaugurada em 65, cheguei 03 anos depois da inauguração da ponte, eu só sabia que a travessia de Foz para o Paraguai no caso, era feita através de balsa, não para Ciudad del Este, mas para, Ciudad del Este era chamada Porto Presidente Stroessner naquela época, era feita por Presidente Franco, aí quando houve a mudança da Ponte da Amizade, os comerciantes que estavam em Franco eles perderam a oportunidade de comércio. (MONGES; FARIAS, 2006, p.42-45).

Em sua narrativa, os habitantes do município, possuíam outra identidade, cuja memória, relata as práticas cotidianas da vida social dada aos poucos sujeitos que habitavam num espaço tipicamente interiorano (MONGES; FARIAS, 2006, p.48). Esta forma de sociabilidade leva a concluir que as relações eram mais próximas entre os sujeitos na fronteira. Apesar das tensões encadeadas pelas práticas econômicas existentes na fronteira durante toda a primeira metade do século XX, podem-se pensar que tais relações construíram inclusive laços de cortesia e amizade, dado ao baixo número de pessoas que viviam no espaço.

A partir da idealização e funcionamento da Ponte da Amizade, os sujeitos passam a perceber as mudanças que ora se desenhavam. O autor Luiz Eduardo Pena Catta (2003, p.13) classifica este período como crucial a transição de uma pacata, tranquila e "esquecida" cidade no interior do estado do Paraná para uma moderna cidade no início dos anos de 1970. O período tornou-se um marco importante no que se refere ao "redimensionamento espacial e cultural da fronteira" (CATTA, 2003, p.33.), dado as circunstâncias elaboradas pelas novas conjunturas da Usina de Itaipu. De acordo com a exposição das ideias apresentadas, podemos concluir que todos os habitantes do raio fronteiriço, "sofreram" com as mudanças empreendidas pela Usina, entre elas a socioeconômica.

Segundo Catta (2003) o maior acontecimento no município foi sem dúvida a instalação da Hidrelétrica de Itaipu entre 1973 e 1991, ou seja, o "início de uma sistemática destruição de todo um acervo cultural criado, conquistado por seus antigos moradores" (CATTA, 2003, p.17-18). Segundo o autor, a Usina de Itaipu favoreceu a "desintegração" da realidade "mansa e pacata" de cidade de interior (Op. Cit, p.46). De

certa maneira, a proximidade entre brasileiros e argentinos pode ter dado lugar ao distanciamento.

Os resultados da modernidade implantada na fronteira, no espaço entre Brasil, Paraguai e Argentina, estão relacionados à configuração acabada pela Usina de Itaipu e pelo poder emanado por ela envolvia a todos, o qual a herança mais marcante da instalação de Itaipu foi a transformação do espaço urbano de forma radical e abrupta (CATTÁ, 2003, p. 21). “A cidade teve um adensamento populacional aumentado 1,6 vezes em 10 anos no que se refere à totalidade do município, sendo de 4,7 vezes na área urbana no mesmo espaço de tempo. Crescimento pequeno se comparável com outras cidades do Paraná.” (CATTÁ, 2003, p.39). O aumento da população trouxe novos sujeitos, o que em hipótese pode ter favorecido um maior distanciamento dos habitantes da fronteira.

Tais transformações estiveram relacionadas a 03 aspectos distintos que acabaram por se sobressair na nova realidade instituída por Itaipu: a conjuntura política das últimas três décadas e meia; o poder representado por Itaipu e a chegada de uma grande quantidade de trabalhadores o que mudou definitivamente a realidade do ambiente fronteiriço. Estes barrageiros vinham de lugares muito diversos onde já traziam culturas regionais, onde na maioria das vezes, já foram plasmadas em outros lugares, fruto do itinerante modo de vida (CATTÁ, 2003, p.58).

Deste modo, reforça-se o entendimento de que com a Itaipu, o encontro de distintos grupos sociais, favoreceu a formação de novas configurações culturais, o que modificou até mesmo o cotidiano da cidade. Assim, de acordo com Catta (2003):

Nesse mosaico que foi se instaurando a partir da presença sempre crescente de pessoas que acorreram àquelas plagas vindas de distintas áreas do Brasil, Paraguai e Argentina, engendrou-se um calendário cultural no qual falava-se o “portunhol”, o Português, o Espanhol e o Guarani. (CATTÁ, 2003, p.33).

Desta maneira, conclui-se que o espaço iguaçuense possuiu três ciclos econômicos: O ervateiro, o madeireiro e o turístico, sendo que o último já mostrava evidências de sua atividade desde inícios do século XX. Nesta nova realidade, a participação de argentinos no referido processo torna-se diluída. Através disso, compreende-se que as mudanças econômicas foram responsáveis também pela modificação dos aspectos sociais, nas quais, a identidade do espaço iguaçuense

anteriormente reconhecida pela influência argentina em um período anterior à Ponte da Amizade e a rodovia BR-277 perdeu-se quase que completamente e arrematado pela Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Assim, com o fim das atividades juntos aos ervais, a exploração e comercialização da madeira tornou-se uma alternativa. Com a crise madeireira, a economia direciona-se efetivamente para o turismo, no qual, as vésperas da instalação da Usina de Itaipu e mesmo após sua conclusão em 1991, passa a ser a principal fonte de renda do município a partir da explosão demográfica em Foz do Iguaçu.

Será dentro deste contexto de diversidade populacional que (re)nasce a efervescência de marcar fronteiras culturais, onde as faces dos outros – estabelecidos e migrados, buscam se afirmar por meio de suas características, com destaque aos argentinos, como veremos no próximo capítulo.

Capítulo 03 – A representação de argentinos através das manifestações culturais e a busca de legitimidade na fronteira

Nos capítulos anteriores apresentamos as formas de representação que foram produzidas pelo argentino acerca da fronteira. Tais representações possuem uma ligação intrínseca com o ramo econômico de atuação deste sujeito. Em um primeiro momento, o argentino fora percebido como um estrangeiro que explorou os recursos naturais do oeste do Paraná, facilitado pela ausência do controle por parte do poder público junto às fronteiras brasileiras. Com o passar dos anos, este sujeito insere-se no contexto econômico e social no sentido que este se mostra a partir da inserção de embarcações no Rio Paraná em atividades de transporte e abastecimento, que o atesta como mercadores deste espaço. As crises dos recursos naturais e as obras empreendidas pelo Brasil aos finais da década de 1960 (como a BR-277 e a Usina Hidrelétrica de Itaipu) fizeram com que este argentino migrasse forçosamente para as atividades turísticas de maneira mais efetiva. Ambas o representam como sujeitos na busca de classificação e ascensão junto àquela sociedade

Assim, para este capítulo, serão apresentadas outras formas de representação, o esforço de um sujeito em criar um espaço específico de memória argentina aos finais da década de 1980 em Foz do Iguaçu. Esta experiência pode ser classificada como, igualmente, mais uma percepção acerca do argentino no espaço fronteiriço através de atividades sócio-culturais na busca de legitimidade. Isto ocorre em um período após o fim dos regimes militares no Brasil e na Argentina, o que faz dele um momento fértil para tais atividades.

Por isso, serão apresentadas as representações do sujeito de Oscar Alliana junto ao referido espaço de memória argentina. Para este projeto, Alliana recorreu à busca de apoio junto a autoridades locais e internacionais, além de participação em eventos culturais com o objetivo de obter visibilidade e notoriedade em seu projeto. Neste contexto é importante destacar a importância de Alliana no trabalho de construção da memória argentina na fronteira por meio de suas ações junto à entidade denominada *Casa de los argentinos*.

As análises que seguem pautam-se em narrativas coletadas em entrevista concedida pelo senhor Oscar Alliana e também responsável pela proposição da *Casa de los Argentinos*. Esta casa foi uma organização não governamental estabelecida em 1988

com o intuito de criar uma territorialidade argentina e o de celebrar as representações através de manifestações culturais e sociais junto a sujeitos que se identificam com a argentinidade na cidade de Foz do Iguaçu.

Como elemento norteador de análise da entidade, torna-se referência um livro de memória – chamado de Livro de Ata. Elaborado por Alliana, não lavrado, pré-numerado de 300 páginas, utilizado das páginas 01 a 288 onde o mesmo registrou sua “fundação”, bem como as ações da Casa. Esta fonte é compreendida como um suporte de memória, idealizado e construído por Alliana, compreendido neste contexto, como um guardião da memória. Esse livro é composto por textos manuscritos, fotos, folders, recortes de jornais, em sua maioria, ligados à política de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e Posadas, estes dois últimos localizados na Argentina onde apresentam incentivos e apoio à instituição e que podem ser considerados como representações. O conteúdo é composto por discursos na sua grande maioria epidícticos, ou seja, de elogios, dos quais, realizou-se um trabalho de dividi-los por nacionalidade. De um lado autoridades brasileiras e de outro, argentinas e paraguaias. Esforços dos mais diversos foram empreendidos pela Casa, no sentido de mostrar a comunidade argentina e o apoio amplo de diversos segmentos sociais.

Ainda sobre o livro de memórias e as entrevistas, cabe reforçar que os mesmos serão balizados com o apoio dos escritos de Pedro Demo (2000) no que se refere à análise das entrevistas (fontes orais). Segundo Demo (2000, p.157) o “depoimento não é feito para que se acredite nele”. Assim, os relatos serão problematizados com o intuito de captar as singularidades dos argumentos e o que está implicitamente nos discursos.

3.1. A *Casa de los argentinos* como instrumento e representação da argentinidade na fronteira

A *Casa de los argentinos* foi um centro cultural proposto em Foz do Iguaçu-PR no ano de 1988 por Oscar Alliana com o intuito, em um primeiro momento, de participar da Fartal (Feira de Artesanato e Alimentos) e da II Fenartec (Feira das Nações, Artesanato, Turismo e Cultura) ambas nas edições de 1988. Ao analisar as narrativas de Alliana, o objetivo da Casa consistia em reunir argentinos de Foz do Iguaçu (Brasil), Puerto Iguazú (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai) para eventos de confraternização e também

com caráter político e assistencialista, junto ao auxílio de argentinos sem documentação e moradia, bem como orientar brasileiros e paraguaios.

Abaixo, reproduzimos uma imagem que pode tentar traduzir algumas das intenções de Alliana junto aos argentinos não apenas de Foz do Iguaçu, mas daqueles presentes na fronteira. A fotografia foi tirada aos fundos da Câmara Júnior de Foz do Iguaçu, o mesmo espaço onde se estabeleceu a *Casa de los argentinos*.



Figura 6 - Oscar Alliana (Ao centro) e representantes da argentinidade na fronteira. **Fonte:** Acervo pessoal de Oscar Alliana.

Em entrevista realizada à Alliana em janeiro de 2016, constou-se que a *Casa* possui a atribuição de memória e não existiu de maneira oficial, mas idealizada, junto aos eventos e das cartas de incentivo e dedicatórias redigidas pelas autoridades da fronteira. Mesmo assim, a partir disso, possibilitou a produção de representações.

Em um primeiro momento, a *Casa* promove a celebração dos costumes da Argentina na cidade de Foz do Iguaçu junto aos eventos culturais como a Fartal e a Fenartec. Em entrevista, Alliana apresenta suas intenções em fundar a entidade com

objetivo de participar da Fenartec com o intuito de reforçar a importância da Casa. Em seu discurso, comenta-se sua ausência ao mencionar “voltaria a Foz do Iguaçu” ao referir-se ao período em que vivia em Curitiba, pois, desenvolvia o trabalho de divulgador da revista de Turismo Cataratas. Assim, a Fenartec seria o evento adequado para a disseminação da representação da argentinidade na fronteira através de sua participação enquanto uma “colônia”. Sallianta Alliana:

Nessa oportunidade surgiu a primeira Fenartec que é uma feira é uma atividade da Câmara Júnior, onde, juntaram todas as colônias residentes em Foz do Iguaçu, né? E fizeram a primeira Fenartec. Lá tinha de vários países, eram mais de 11 países representando. E eu fiquei admirado sentido de que a Argentina não estava presente. Sendo um país, que tem argentinos residentes aqui como estava o Paraguai, como estava até o Uruguai, estava outros países e Argentina não estava. Nessa mesma oportunidade, eu falei para os organizadores que eu voltaria a Foz do Iguaçu e pro o ano que vem, a Argentina estaria sendo representado. Então, esse foi o motivo real que iniciou a *Casa dos argentinos*. (ALLIANA, 2014)

Segundo consta na abertura da Ata de fundação da Casa observa-se outro endereço, localizada na Avenida Jorge Schimmelpfeng e esquina com a Rua 14 de Março⁶⁵. De acordo com Alliana, esse espaço foi cedido por um amigo, o senhor Zambrzycki⁶⁶. O endereço é estratégico, pois, localiza-se na região da cidade conhecida como M'boicy, que liga o centro, bem como o Marco das Três Fronteiras, às Cataratas do Iguaçu e a Ponte Tancredo Neves, com acesso a Argentina. A implantação não aconteceu neste local e o projeto acabou transferido para a JCI - Câmara Júnior de Foz do Iguaçu.

De acordo com Alliana, a JCI de Foz do Iguaçu localizava-se na Avenida Brasil (região central) e próximo à ACIFI (Associação Comercial e Industrial de Foz do Iguaçu). Acredita-se que a proximidade com esta última, poderia despertar o olhar de algum empresário em investir economicamente na entidade.

Cabe retomar que Alliana fez questão de construir suas ações por intermédio de um Livro de Ata, o qual o próprio Alliana não considerava como legítimo, enquanto livro com esta finalidade. A legitimidade deu-se de maneira simbólica, pois, para seu autor, possui um caráter documental. A seguir, citação da entrevista onde constam as propostas do livro:

⁶⁵ Fora constatado que a Rua 14 de Março trata-se na realidade da Rua 24 de Março.

⁶⁶ Zambrzycki foi um pioneiro e morador de Foz do Iguaçu já falecido. Parte da Rua 24 de março, onde seria primeiramente a instalação da *Casa de los argentinos*, foi rebatizada de Estanislau Zambrzycki. Em entrevista realizada à Alliana em 18 de janeiro de 2016.

Na realidade não era nem um livro de Ata, eu o chamo livro de Ata porque não achei nenhum outro nome pra ele, mas ali consta unicamente a fundação da *Casa dos argentinos*, a Ata de fundação que fizemos o dia, a hora e os argentino que nesse momento representava, estavam representando a *Casa dos argentino*. Dali pra frente, inclusive para minha surpresa, em princípio, foi as mensagem de saudação das autoridade, então isso já era uma constância. (ALLIANA, 2014).

De modo a auxiliar na compreensão, destaca-se o fragmento de abertura do Livro de Ata e das metas da entidade em Foz do Iguaçu:

Los argentinos conocidos que residen actualmente en esta Ciudad, cuya nomina relacionamos a continuación para tratar sobre la creación de la misma, donde a partir de la fecha de su fundación se reuniran en su sede social sita en la Av. Jorge Shimmelpfeng e esq. 14 de março, para temas de interés y de actualidades que interesen a los argentinos en el exterior, en faz de una real y verdadera confraternización para con los visitantes de habla hispana. (Livro de Ata, p.01).

Ao analisar a citação, destaca-se a redação da abertura em espanhol, pois em hipótese, pode apontar a criação da ideia de coesão. O discurso é direcionado aos argentinos fora da Argentina, com manifesta preocupação de Alliana em produzir o material no sentido de proporcionar autenticidade e oficialidade ao evento, ao organizá-lo de maneira sistemática e progressiva. Por sua vez, de acordo com informação colhida por meio de entrevista, observa-se que o mesmo solicita junto ao poder público, a possibilidade do evento fazer parte do calendário de comemorações do município. Na sequência, conforme se observa:

Concordaram, inclusive, fizeram presença uma quantidade bastante considerável de autoridades argentinas. O próprio cônsul me ajudou nos convite inclusive, né? E a Câmara Júnior ofereceu a *Casa* que tinha, então, aí, ficamos com que, seria a sede da *Casa dos argentinos*, né? Sem nenhum ônus para a *Casa*, para os representantes convidei pessoas que se dedicava a cultura e consegui trazer um grande número de representantes culturais, tanto é que nessa inauguração da *Casa dos argentinos* que foi o dia 10 de junho comemorativo ao aniversário de Foz do Iguaçu. Também falei com as autoridades daqui e fizeram constar inclusive na programação na programação do aniversário de Foz, a inauguração da *Casa dos argentinos*. (ALLIANA, 2014).

A data colocada no livro está registrada como 10 de junho de 1988, o que coincide com o aniversário da cidade e o deslocamento dos convidados. No entanto, observa-se que o referido evento ocorre em 10 de junho de 1989, alusivo às comemorações do aniversário de Foz do Iguaçu, na qual a Prefeitura Municipal organizou várias “atrações”

com o objetivo de festejar o 75º aniversário da cidade. O adiamento da inauguração pode estar relacionado à atribuição de um caráter oficial à Casa ao colocá-la no calendário municipal.

Abaixo, segue fragmento do folder de divulgação das festividades em 1989. Destaque para o dia 10 de junho onde consta a inauguração da *Casa de los argentinos*. Ao observar a programação pode-se perceber que a prefeitura de Foz do Iguaçu propôs elaborar uma espécie de “mega evento” para a cidade ao integrar toda a população em atividades diferenciadas desde teatro de fantoches à apresentação da “Esquadrilha da Fumaça”:

PROGRAMAÇÃO

Dia 01

- II Mostra Música
Show com Hermeto Paschoal e Grupo Floresta Clube – 21:00 hs

Dia 02

- II Mostra Música
Shows com: Mário de Trevor, Charles da Foz, Grupo Alusa
Floresta Clube – 21:00 hs
- IV Concurso de Saltos “Cidade de Foz do Iguaçu”
Clube Hípico

Dia 03

- II Mostra Música
Shows com: Coral Floresta Clube, Grupo Chamindí Baton
Floresta Clube – 21:00 hs
- IV Concurso de Saltos “Cidade de Foz do Iguaçu”
Clube Hípico
- Show com Simoni
Ginásio Costa Cavalcante – 19:00 hs

Dia 04

- II Mostra Música
Shows com: Banda do Tempo, Grupo Musicenter
Floresta Clube – 21:00 hs
- IV Concurso de Saltos “Cidade de Foz do Iguaçu”
Clube Hípico

Dia 05

- Teatro de Marionetes
9:00 hs – Proflurb I
13:30 hs – Jardim das Flores
16:00 hs – Jardim das Flores

Dia 06

- Abertura do I JEMFI – Jogos Escolares Municipais de Foz do Iguaçu
Ginásio Costa Cavalcante – 08:30 hs
- Abertura de II Taça Brasil de Clubes Infante de Futebol de Salão
Ginásio Costa Cavalcante – 20:00 hs
- Teatro de Marionetes
9:00 hs – Morumbi III
13:30 hs – Morumbi II
20:00 hs – Morumbi II

Dia 07

- I JEMFI - Jogos Escolares Municipais de Foz do Iguaçu
Ginásio Costa Cavalcante
- II Taça Brasil de Clubes Infante de Futebol de Salão
Ginásio Costa Cavalcante
- Teatro de Marionetes
9:00 hs - Porto Belo
13:30 hs - Vila S. Sebastião

Dia 08

- I JEMFI - Jogos Escolares Municipais de Foz do Iguaçu
Ginásio Costa Cavalcante
- II Taça Brasil de Clubes Infante de Futebol de Salão
Ginásio Costa Cavalcante
- Noite do Cinema
Cine Iguaçu - 20:00 hs
- Teatro de Marionetes
9:00 hs - Jd. Ferropolis
13:30 hs - Portal da Foz
20:00 hs - Três Lagos

Dia 09

- I JEMFI - Jogos Escolares Municipais de Foz do Iguaçu
Ginásio Costa Cavalcante
- II Taça Brasil de Clubes Infante de Futebol de Salão
Ginásio Costa Cavalcante
- Abertura da XIII FARTAL - Feira de Artesanato e Alimentos
CTG Charrus - 18:00 hs
- Sorteio da Loteria do Estado do Paraná
CTG Charrus - 18:00 hs
- Show com Sula Miranda
XIII Fartal - CTG Charrus - 21:00 hs
- Comemoração dos 20 anos da AMOP - Assoc. dos Municípios do Oeste do Paraná
Oeste Paraná Clube - 20:00 hs
- Teatro de Marionetes
9 hs - Colapáris II
16:00 - 2ª Praça da JK
XIII Fartal - CTG Charrus

Dia 10

- I JEMFI - Jogos Escolares Municipais de Foz do Iguaçu
Ginásio Costa Cavalcante
- II Taça Brasil de Clubes Infante de Futebol de Salão
Ginásio Costa Cavalcante
- Teatro de Marionetes
XIII Fartal - CTG Charrus
- XIII FARTAL - Feira de Artesanato e Alimentos
CTG Charrus - 10:00 hs
- Desfile Cívico Militar
Av. Brasil - 9:00 hs
- Inauguração da Casa de Los Argentinos
Av. Brasil, 1.924 - 18:00 hs
- Show com Cezar e Paulinho
XIII Fartal - CTG Charrus - 21:00 hs
- Baile Municipal
Oeste Paraná Clube - 23:00 hs

Dia 11

- Teatro de Marionetes
XIII Fartal - CTG Charrus
- XIII FARTAL - Feira de Artesanato e Alimentos
CTG Charrus - 10:00 hs
- Show com Berenice Azambuja
XIII Fartal - CTG Charrus - 21:00 hs

Dia 18

- 4º Etapa do Campeonato Brasileiro de Fórmula Ford
Autódromo da Vila “A” de Itaipu
- Apresentação da Esquadrilha da Fumaça

Figura 7 - Folder de divulgação das comemorações alusivas ao 75º aniversário de Foz do Iguaçu. O mesmo consta no Livro Ata de Alliana. Destaque para o dia 10 correspondente à inauguração da *Casa de los argentinos*. **Fonte:** Acervo pessoal de Oscar Alliana.

Durante a fundação, vários sujeitos participam da “solenidade”, mas nem todos eram propriamente “autoridades”. Muitos dos mesmos foram convidados em parceria com Alliana junto ao consulado argentino em Foz do Iguaçu, por meio de convites emitidos direcionados a convidados mais “especiais”. Já os demais provavelmente atraídos pela propaganda do folder. Nas observações, percebe-se que o consulado além de uma representação oficial do governo argentino, também possuiu representatividade no sentido de divulgador da cultura argentina na fronteira em trabalho conjunto com Alliana.

Segundo Alliana, a *Casa* realizou um trabalho não oficial em parceria com o consulado argentino. Na ocasião, o Cônsul participou do esforço de convidar autoridades da Argentina e do Paraguai, bem como da Câmara Júnior do próprio Paraguai. Segue transcrição de parte da entrevista realizada à Alliana que pode trazer justificativas a este argumento:

No ano seguinte eu chamei os argentinos residentes aqui em Foz do Iguaçu, programei com eles essa criação da *Casa dos argentinos*, entrei em contato, principalmente com o cônsul argentino que ele deu um incentivo muito grande porque também era de muito interesse do cônsul que os argentinos se representasse mais ao país, né? Logicamente fiz então contato com as autoridades argentina: Com o prefeito, com o máximo de autoridades de lá, né? Exército, gendarmeria, prefeitura, polícia, com todos eles, mostrando o meu desejo dessa criação da *Casa dos argentinos* (ALLIANA, 2014).

Aqui é importante destacar que o consulado possuía contato direto com as autoridades argentinas. Bem como, a função da *Casa de los argentinos* também seria de intermediária não oficial do consulado. Uma “mão direita” como afirma Alliana. Assim, esse caminho permitira a Alliana, um morador antigo da cidade, influência e o acesso às autoridades brasileiras em Foz do Iguaçu. Nisto, verifica-se a necessidade de o consulado possuir um “porta-voz” no Brasil mediado por Oscar Alliana dentre projetos turístico e cultural. Isto é verificado na entrevista realizada à Alliana no ano de 2014:

A *Casa dos argentinos* foi uma “mão direita” do consulado argentino. Porque o consulado argentino tá restrito ao que eles podem fazer oficialmente e inclusive com autorização das embaixadas e nada podia se sair do Consulado argentino e para as autoridades argentina, tendo um representante aqui e como todas autoridades dos 03 países tem a necessidade de um contato permanente com as autoridades vamos dizer locais daqui de Foz do Iguaçu, então foi um dos motivo principal da *Casa dos argentinos*.(ALLIANA, 2014).

Abaixo, reproduzimos o convite elaborado por Alliana em parceria com o Consulado argentino e a JCI (Câmara Júnior) no município. O mesmo fora direcionado apenas às autoridades brasileiras e argentinas:

Tem a grata satisfação de passar em mãos de Vv. Ss. O convite a participar da entrega da sede da “Casa de los Argentinos no Brasil” pela Câmara Junior de Foz do Iguaçu – No dia 10 de junho às 18 horas na Av. Brasil nº 1924 – E posteriormente compartilhar a programação da XIII Fartal, que comemora mais um aniversário do Município. (Convite da inauguração da *Casa de los argentinos* em 1989 direcionado às autoridades. Fonte: Acervo pessoal de Oscar Alliana.)

De acordo com o convite, há um destaque na frase “*Casa de los argentinos no Brasil*”. Pode-se observar que há uma importância em se destacar a bandeira argentina fixada fora de seu país, ou seja, atesta-se uma territorialidade. Uma representação da Argentina no Brasil.

Entre os objetivos da *Casa* está a representação da argentinidade através da participação em eventos culturais (festivos) e interesse no turismo, além de promoção de intercâmbio com a Argentina e aliança política entre Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú, como destaca, Alliana no texto de abertura do Livro Ata:

Sera asi mismo el mecanismo que se podrá utilizar entre otros para la elaboración de programas festivos y de interés turístico, hacer efectiva la presencia argentina en todo el fue hacer fronterizo, pues estará en estrecha colaboración con las autoridades de las distintas áreas del espectro político y ciudadano, buscando promover el intercambio cultural y deportivo de nuestras respectivas ciudades. (Livro de Ata, p.01-02).

O foco no turismo pode ter sido uma reafirmação dos trabalhos realizados por Alliana no final dos anos de 1960. Conforme anteriormente anunciado, o mesmo possuía o cargo de diretor comercial da revista de turismo *Cataratas*. Deste modo, nem todos os convidados para a inauguração eram propriamente vinculados à cultura argentina. Muitos deles, no entanto, eram brasileiros e amigos de Alliana residentes em Foz do Iguaçu. Com isso, pretendeu-se construir uma identidade argentina por meio do viés cultural.

Como o planejamento de estabelecer a *Casa* na Avenida Jorge Schimmelpfeng e esquina na Rua 24 de Março, a entidade transferiu-se para um espaço cedido nas dependências da JCI (Câmara Júnior de Foz do Iguaçu) responsável pela organização da FENARTEC (Feira das Nações, Artesanato, Turismo e Cultura) a qual todos os anos reuniam grupos étnicos. Sua última edição realizou-se no ano de 2009. Além da FARTAL (Feira de Artesanato e Alimentos) ambas organizadas no Centro de Tradições Gaúchas *Charrua* (CTG Charrua) localizada na BR-277. As feiras foram uma das formas onde a *Casa* manifestou a representatividade da cultura argentina junto à fronteira entre 1988 e 1992.

De acordo com anotações do próprio Alliana, a data de “Fundação” corresponde ao aniversário da emancipação política de Foz do Iguaçu (10 de Junho) concomitante à

Fartal⁶⁷ onde vários grupos com a denominação de “colônias” (entre elas a argentina) iriam participar com a exposição de seus produtos. A importância da integração neste evento pode ser percebida em um fragmento de um breve relatório em que Alliana manifesta sua participação junto ao evento e menciona as “visitas ilustres” no *stand* durante a XII Fartal⁶⁸ em 1988.

Durante el transcurso de XII Fartal fuimos honrados con la visita de diversas personalidades que en nuestro stand manifestaron su aprobación por la gestión realizada tanto en la presentación como en la representación y iniciativas de la creación de la asociación argentina. (Livro de Ata, p.06).

O mesmo apresenta o Livro Ata para as autoridades e pede que manifestem seu apoio através de dedicatórias. As pessoas não ligadas a nenhuma liderança, seja da política, da cultura ou do turismo, não assinavam. Após o registro de abertura relacionado à “fundação” da Casa, Alliana reserva o espaço para as dedicatórias das autoridades, recortes de jornais que comentam as ações da entidade junto à comunidade e fotos das feiras e também destas autoridades. Desta forma, as mesmas fazem o papel de divulgadores. Isto é evidente em sua narrativa:

Já com fatos acontecidos e com comentários da imprensa, praticamente, dali pra frente depois da Ata de fundação, não escrevi uma palavra, nesse livro, e sim, eram os que diziam que estava acontecendo com a *Casa dos argentinos*, que eram as próprias autoridades, que era a imprensa em geral. (ALLIANA, 2014).

O ano de 1988 é um ano eleitoral nos municípios do Paraná e é a primeira eleição direta para prefeito e vereador desde o regime militar. Muitos políticos da época passam a circular na sociedade, principalmente em eventos ao público como foi o caso das feiras. O que de alguma maneira é aproveitado por Alliana na divulgação de seu trabalho. Vale ressaltar que as autoridades fazem questão de colocar o cargo no poder público junto às assinaturas.

⁶⁷ A Fartal (Feira de Artesanato e Alimentos) é uma feira muito tradicional na cidade. A mesma se realiza desde o ano de 1977 de maneira ininterrupta sempre na semana próxima a data do aniversário de Foz do Iguaçu, no dia 10 de Junho. Na feira são expostos stands, músicas, danças, artesanato e gastronomia.

⁶⁸ Eis a primeira edição da Fartal no CTG Charrua em 1988. As anteriores eram realizadas, na Avenida Juscelino Kubitschek, na região central de Foz do Iguaçu até o ano de 1987. A mudança se deu pelo fato de um automóvel ter invadido um stand, o que causou o atropelamento de dois jovens. In: JORNAL NOSSO TEMPO. “Motorista atropela dois menores na Fartal”. Foz do Iguaçu, 12 de Junho de 1987. Nº 264. Ano VII.

Desta maneira, pode-se definir que Alliana se utiliza de vários instrumentos e várias frentes para que o trabalho desempenhado por ele pudesse alcançar o êxito. A primeira delas é o estabelecimento do espaço de memória argentina representada pela Casa. Outras se referem à participação e o culto da argentinidade nos eventos público-sociais da cidade de Foz do Iguaçu que possuíam cunho cultural. O período é de grande fertilidade política, pois o final da década de 1980 marcou grandes expectativas no campo político no Brasil. Assim, Alliana aproveitou a busca por apoio junto às autoridades, tanto do Brasil como da Argentina em uma época de grande efervescência política para realizar seu trabalho de difusor da cultura.

Portanto, a partir desta análise pode-se afirmar que este sujeito produziu algumas representações do argentino segundo as manifestações culturais. Se anteriormente, o platino fora o explorador estrangeiro que por muito tempo “usurpou” a matéria-prima na fronteira pré-abrasileirada, agora é aquele que tenta produzir sua sobrevivência através da territorialidade argentina, representada por uma entidade sem fins lucrativos na fronteira. Segue abaixo, uma fotografia da fachada da *Casa de los argentinos* na ocasião de sua inauguração em 10 de junho de 1989:



Figura 8 - Sede da *Casa de los argentinos* cedida pela Câmara Júnior de Foz do Iguaçu durante sua inauguração em 10 de junho de 1989. O evento é celebrado com folclore argentino (música gauchesca) e danças típicas o que marca a territorialidade argentina representada pela casa. **Fonte:** Acervo pessoal de Oscar Alliana.

3.1.2. As cartas de incentivo das autoridades iguaçuenses e representantes culturais

A partir deste item, procura-se apresentar as homenagens redigidas no Livro de Ata de Alliana, realizadas por autoridades argentinas, iguaçuenses e representantes culturais. Os mesmos manifestam sua cordialidade e se colocam à disposição no que fosse preciso para a difusão da *Casa de los argentinos* e que a mesma obtenha certa oficialidade perante a sociedade. Ao assinarem o “livro”, estes sujeitos imprimem e manifestam suas representações acerca da *Casa* e dos argentinidade presente neste espaço.

Um destes exemplos é o caso de José Cláudio Rorato, político e então presidente da Câmara Municipal dos vereadores, que é o primeiro a assinar o Livro de Alliana. Escreve Rorato:

Que a integração brasileiros e argentinos se solidifique ainda mais a partir desta brilhante ideia. Cláudio Rorato – Presidente Câmara Municipal Foz do Iguaçu – 10/06/1988. (Livro de Ata, p.06).

O incentivo de José Cláudio Rorato como representante político dos vereadores também pode esboçar o desejo do mesmo em se candidatar a prefeito da cidade conforme matéria jornalística⁶⁹, o que não acontece. Neste caso, o discurso de Rorato é a de que a relação junto aos argentinos caracteriza integração.

Outro a desejar os auspícios de incentivo é o de Wadis V. Benvenuti. Este sujeito é também um conhecido político na cidade e filantropo. Na época exercia o cargo de presidente da Paranatur.⁷⁰ Nas palavras de Benvenuti:

Nesta região de tríplice fronteira somos todos irmãos, de três países que se unem em três cidades mas que formamos uma só comunidade de irmãos, falando o mesmo idioma: o idioma da fraternidade e da paz. – Wádis V. Benvenuti – Presidente da Paranatur. (Livro de Ata, p.07).

De acordo com sua fala, o mesmo categoriza a representação de ser argentino como irmãos, ou seja, parentes da mesma família e membros de uma comunidade

⁶⁹ JORNAL NOSSO TEMPO. “Rorato quer ser candidato a prefeito e garante que PMDB vence”. Foz do Iguaçu, 10 a 17 de Junho de 1988. Nº 312. Ano VIII.

⁷⁰ Atual Secretaria de Estado de Turismo, localizado em Foz do Iguaçu anexo ao SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

fraterna e que vive em paz. Em 1985, Wadis V. Benvenuti fora o primeiro prefeito de Foz do Iguaçu durante a transição junto ao processo de redemocratização (LIMA, 2001, p.181) e como filantropo, também presidente da Casa D'Itália, centro cultural italiano em Foz. Assim, percebe-se que não é por acaso que Rorato e Benvenuti são escolhidos por Alliana para serem os primeiros a compor as páginas iniciais do Livro de Ata. O trabalho desempenhado na política por estes sujeitos naquele período se coloca como "legitimador" da Casa.

Abaixo, reprodução de um ofício dirigido a Oscar Alliana como reconhecimento dos trabalhos prestados pela *Casa de los argentinos*, na ocasião da II Fenartec em 1989:

Foz do Iguaçu, 26 de Dezembro de 1989. Prezado senhor: Apraz-me dirigir-me a Vossa Senhoria para testemunhar a importância do trabalho que vem sendo desenvolvido pela Casa dos Argentinos de Foz do Iguaçu. Guiada pelos mais elevados objetivos, de integrar a Argentina com demais países latino-americanos e incentivar a confraternização entre argentinos residentes em nossa cidade, a Casa dos Argentinos se constitui em mais uma importante entidade sem fins lucrativos que veio para atuar e beneficiar as nossas relações com nossos irmãos argentinos. Como presidente da Casa D'Itália, entidade co-irmã que também busca atingir os mesmos ideais, congratulo-me com os dirigentes da Casa dos Argentinos, augurando sucesso em suas atividades. Ao ensejo renovo minhas expressões de consideração e apreço. Atenciosamente Wádis V. Benvenuti – Presidente. (BENVENUTTI, Wádis, 1989).

Na carta, Benvenuti salienta as ideias de "integração latino-americana" e "irmandade". O mesmo coloca-se também como membro de uma comunidade não brasileira (a italiana) e se expressa de modo que sua territorialidade se assemelha ao de Alliana no sentido de que ambos são estrangeiros em outro espaço (neste caso o Brasil). Desta maneira, representantes de uma comunidade imaginada. (ANDERSON, 1993).

Também estão os incentivos de outros quatro políticos, que na época ocupavam o cargo de vereadores: Sérgio Lobato Mota Machado, Antônio das Graças, Osmarino da Silva e Arialba Freire. Ambos registram seu interesse na mesma data, também durante as festividades da Fartal, na qual homenageiam o país platino, através de representações:

Esta *Casa dos Argentinos* será uma maravilha – espetacular – interessante e oportuna. Ela representará a união – o elo de ligação entre pessoas bem intencionadas que em verdade pretendem o quê? Pretendem a união e a aproximação entre irmãos argentinos e brasileiros, além é evidente dos irmãos guaranis e ela representará também o tango, A Carne maravilhosa, A inteligência argentina, A Cordilheira dos Andes, A Terra maravilhosa, enfim, a Argentina

espetacular que sempre foi e continua sendo. Aos cidadãos, vereadores e amigos a mensagem de coração de fraternidade e o estender de mão amiga dos vereadores. Sérgio Lobato, Antônio das Graças e Osmarino da Silva. Foz do Iguaçu, 15/06/1988. (Livro de Ata, p.13).

Queremos cumprimentar os amigos argentinos pela brilhante ideia, da fundação “Casa do Argentino” em solo brasileiro. Que este local sirva para estreitarmos cada vez mais os laços de amizade e respeito que unem os nossos países. Atenciosamente Arialba Freire – vereadora. Foz do Iguaçu, 15/06/88. (Livro de Ata, p.13).

De acordo com os dois excertos, os políticos em questão ressaltam as qualidades do argentino por meio de substantivos que tentam identificá-lo. No primeiro relato evidenciam traços como: a “carne maravilhosa”, a “inteligência”, a “cordilheira”, a “terra maravilhosa”. Nas falas destas autoridades, o argentino pode ser visto através do alimento, da sapiência e da natureza. No outro discurso, a amizade mais uma vez é colocada como objetivo fundamental. Na expressão “solo brasileiro” cede-se o espaço para quem vem de fora. A Casa do Brasil dá as boas vindas para a Casa argentina.

Conforme já fora colocado, o ano de 1988 fora um ano eleitoral. Os políticos Sérgio Lobato Mota Machado e Arialba do Rocio Cordeiro Freire, concorreriam ao pleito de vice-prefeito nas eleições daquele ano. O primeiro pelo PFL, como vice do candidato Tércio Alves Albuquerque que já fora prefeito e a segunda pelo PDT, como vice de Emerson Wagner.⁷¹

Não apenas políticos fazem parte dos discursos dirigidos a Casa. O filho de Oscar Alliana, André Alliana, escreve seus votos, não como familiar, mas como estudante e membro da UMEFI (União Municipal dos Estudantes de Foz do Iguaçu) onde ocupou o cargo de secretário. De acordo com André Alliana:

O estudiantado paranaense aplaude convicta a iniciativa salutar da comunidade argentina que nos brinda com sua importante presença em nosso estado, com referência especial aquela radicada em Foz do Iguaçu, que não mede esforços para aproximar cada vez mais os nossos concidadãos, criando laços firmes e indissolúveis de amizade e demonstrando o solidarismo internacional, caráter que lhe é peculiar, na busca da integração social e cultural do povo latino americano que não deseja viver sob os entraves fronteiriços. Fica registrado o

⁷¹ O resultado das eleições de 1988 estabeleceu-se da seguinte maneira: Em segundo lugar Tércio Albuquerque com 22.727 dos votos válidos e em terceiro lugar Emerson Wagner com 5.137 dos votos válidos. O cargo de prefeito ficou com Álvaro Apoloni Neumann, do PMDB, com 27.597 dos votos válidos. In: <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>. Acesso em: 28/12/2015 as 15:00h.

apoio da classe estudantil paranaense à fundação da Casa do Argentino em Foz. André Alliana. (Livro de Ata, p.10).

Em seu discurso, além da amizade e da solidariedade, o mesmo traz a preocupação dos “entraves fronteiriços”. Podem-se compreender os lamentos das diferenças culturais, todavia existentes junto às fronteiras latino-americanas. Neste caso, o mesmo coloca Foz do Iguaçu como anfitriã para os “de fora” como também de um local que possui o poder de sublimar as fronteiras. Necessário se faz recordar que neste período, firma-se em Buenos Aires o Tratado de Integração, Cooperação de Desenvolvimento entre o Brasil e Argentina com o objetivo de estabelecer um acordo comercial. Isto antecede o MERCOSUL.

Além da representação dos estudantes, empresários também se fazem presentes nas homenagens dirigidas à Casa. Fora o caso de Kamal Osman, antigo comerciante no município e de origem árabe. Na época, o mesmo possuía participação junto à Colônia árabe como representante do Centro Cultural Islâmico. Nas palavras de Osman:

Deus criou os seres humanos, e formou-nos em nações livres, e aproximou-nos uns aos outros, através da amizade e da fraternidade que o povo árabe e argentino permaneçam unidos pela fraternidade e amizade. Kamal Osman. Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu, 12/06/1988. (Livro de Ata, p.11).

Naquele período, Kamal Osman apresentava um programa aos sábados entre 12:00 e 13:00 da tarde, na antiga emissora do Grupo Paulo Pimentel (atualmente Rede Massa). Nele, o mesmo ensinava a falar o idioma árabe. Este é mais uma evidência da efervescência cultural do momento, junto com outras colônias étnicas, entre elas a italiana, destacada acima.

Em 1988, depois de transcorridos alguns dias da Fartal, Alliana inicia o que seria algo semelhante a uma “peregrinação” junto a autoridades e representantes de outros movimentos culturais. Estes últimos se solidarizam ao trabalho em que Alliana desenvolve inicialmente na feira. Foi o caso também da representação do Movimento de Tradições Gaúchas, através do então presidente do CTG Charrua, Miguel Gerson Aires dos Santos:

A Patronagem do Centro de Tradições Gaúchas **Charrua** de Foz do Iguaçu, sabe muito bem o que significa a Fundação de uma entidade, especialmente a “Casa do Argentino” que ora surge com força e vigor, com toda característica de raça forte, porque assim o é o Povo Argentino, tão bem representado pelo Misionero

e o Correntino, que traduzem no Chamamé toda beleza, toda sabedoria e toda força desse sofrido povo. Nosso chasque é para que não afrouxem o garrão, mesmos nas horas incasas que virão, mas tenham isso como incentivo e não se empolguem com facilidades oferecidas. Com nosso respeitoso, Fraternal e sincero “quebra-costelas”, transmitimos nossos cordiais. Saudações Gauchescas. Miguel Gerson Aires dos Santos. 1º Sota Capataz. Foz do Iguaçu, 20 de Junho de 1988. (Livro de Ata, p.14)

De acordo com a carta de Santos, o mesmo assemelha a cultura gaúcha com a argentina através do Chamamé⁷². Em sua percepção, o povo argentino é representado pelas províncias de Misiones e Corrientes cuja constituição histórica identifica-se com os costumes gauchescos do Brasil.

Outro grupo em destaque foi o dos paraguaios. Por eles manifesta-se Martín Brizuela Gómez, membro do “Centro Social y Cultural Paraguayo”, escreve na Ata, o seu apoio. Em suas palavras, o mesmo também fala em nome de sua “Casa” e compreende a necessidade de se preservar e difundir a cultura, assim como as dificuldades em se manter um centro cultural também com esta finalidade:

Nadie tiene mas compromiso con su tierra que um hombre con consciéncia de la necesidad de preservar y divulgar la cultura de su Pueblo. El centro social y cultural paraguayo, se solidariza con los Hermanos argentinos en el afán de fundar la Casa de los Argentinos. Martín Brizuela Gómez – Centro Social y Cultural Paraguayo. (Livro de Ata, p.16)

Ao analisar o discurso de Gómez, a representação da casa pode ser percebida através do seu “chão” o que remete à preservação de seu *pago*. A ideia de “divulgar a cultura de seu povo” conforme sua narrativa fortalece a representação de levar a territorialidade a outros lugares, a exemplo da oferecida pela *Casa de los argentinos*.

Os profissionais liberais de Foz do Iguaçu, do mesmo modo, atestam suas menções. O advogado Álvaro W. de Albuquerque escreve em nome da Organização dos Advogados do Brasil (OAB). Na sequência, o relato de Albuquerque:

Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Estes são os nossos ideais. Cumprimos nossos irmãos argentinos pela organização da “Casa do Argentino” no Brasil. Não há dúvida de que para a concretização de nossos ideais de ver um mundo sem fronteiras físicas e políticas, este é um passo importante e fundamental. A Ordem dos Advogados do Brasil presta esta

⁷² Ritmo musical folclórico do nordeste argentino, na fronteira com o sul do Brasil muito semelhante à música gauchesca do Rio Grande do Sul. Igualmente com ritmos do Mato Grosso do Sul e do Paraguai como a *polca* e a *guaraña*.

homenagem e se coloca e inteira disposição. Fraternalmente. Álvaro W. de Albuquerque. Ordem dos Advogados do Brasil - Subseção de Foz do Iguaçu. (Livro de Ata, p.17)

Como profissional liberal, o mesmo inicia com a citação aos ideais da Revolução Francesa. Um hino ao liberalismo e da burguesia francesa no século XVIII na ocasião em que buscavam maior participação política frente ao Absolutismo.⁷³ Por “coincidência”, anseia-se também por um mundo sem fronteiras políticas. Pode-se compreender sua intencionalidade frente à perspectiva econômica.

Ao final do mês de junho de 1988, após vinte dias da constituição da *Casa de los argentinos*, Alliana organiza sua primeira participação junto à Fenartec. No próximo fragmento, apresentam-se os escritos de Jorge Winckler, nesta ocasião, presidente da JCI (Câmara Júnior de Foz do Iguaçu). O mesmo cede o espaço para a implantação da Casa no mesmo prédio. A entidade também era responsável pela organização da feira. Winckler escreve:

Dentro do espírito de liderança sentimos o prazer de ver surgir em nossa cidade mais uma organização voltada ao ser humano e como reza em nosso credo Junior que a fraternidade dos homens transcende a soberania das nações, e sentindo-me como madrinha dessa nova organização, visto que conseguimos aglutinar dentro da II FENARTEC nossos irmãos argentinos, nos sentimos honrados em deixarmos uma mensagem de paz, amor e acima de tudo a fé em Deus, para que a união e o progresso seja sempre uma busca em nossa região, nos colocando ao inteiro dispor para ajudar ao crescimento e que essa ideia se desenvolva e se multiplique como trigo plantado em boa terra. Junioristicamente. Presidente Jorge Winckler. Sala das Sessões, 30/06/1988. (Livro de Ata, p.19).

Ao expressar o termo “aglutinar”, deve-se recordar que dias antes desta carta, a Casa havia participado da Fenartec. O presidente esforça-se em acrescentar a participação argentina também no evento organizado pela Câmara Júnior. Neste caso, a Fenartec.

Abaixo, fotografia permeada de representações da argentinidade, atesta a participação da Casa na Fenartec quando o evento era realizado no CTG Charrua:

⁷³ Conferir: HILLS, Ken. **A Revolução Francesa**. Coleção Guerras: Que mudaram o mundo. São Paulo: Ática, 1991.



Figura 9 - Participação da *Casa de los argentinos* na III Fenartec em 1988. **Fonte:** Acervo pessoal de Oscar Alliana.

A imagem acima evidencia representações nos discursos da imagem: Primeiramente através das comidas típicas (Asado criollo, chorizos, morcillas e empanadas) ao colocar em primeiro plano o “asado criollo” como a principal referência na identificação do povo argentino. Em segundo, tem-se a palavra “Argentina” entre duas bandeiras do país e pintadas ao centro da mesma. Pode-se compreender que a bandeira celeste e branca é a maior representação da ideia de pátria construída pelo Estado argentino. Logo abaixo, obtêm-se a frase “Casa de los argentinos”, onde temos a extensão da Argentina em Foz do Iguaçu.

Além dos vereadores e candidatos à prefeitura, também deixa seu registro o chefe do gabinete da prefeitura da época, Plínio Ricardo Scappini. Este sujeito é um dos participantes da cerimônia de inauguração na ocasião da fundação da *Casa de los argentinos* na Câmara Júnior, na qual representa sua esposa e dois filhos. Na Ata, o mesmo relata:

Aos irmãos argentinos. Congratulo-me pela grandiosa iniciativa da Fundação da “Casa do Argentino”, nesta nossa querida e hospitaleira Foz do Iguaçu, aqui não consideramos fronteiras, aqui em Foz, convivemos todos como irmãos sem discriminação de cor, raça, religião ou nacionalidade, portanto a “Casa do Argentino” virá a somar a tudo aquilo que aqui já temos, estreitando ainda mais os laços de amizade que existem entre o argentino e o brasileiro, parabéns pela iniciativa. Plínio Ricardo Scappini – Secretário Chefe do Gabinete. (Livro de Ata, p.20).

De acordo com a proposta da *Casa de los argentinos*, pode-se perceber que o incentivo ao turismo está presente em um de seus objetivos. Por isso, Alliana também tomou a liberdade de procurar Névio Rafagnin. Da mesma maneira ocupou um cargo na prefeitura, o de secretário do turismo na cidade. De acordo com Rafagnin:

Que esta casa seja mais um elo para consolidar e identificar um convívio desejado, alimentando as nossas aspirações comuns, as quais – venham a beneficiar igualmente as comunidades que se desenvolveram harmonicamente às margens dos grandes rios Paraná e Iguaçu. Sucesso total para *Casa de los argentinos* em nosso meio. Névio M. Rafagnin. Secretário Mun. De Turismo. (Livro de Ata, p.21)

Nas palavras de Rafagnin, por ser um dos representantes do turismo em Foz do Iguaçu, enxerga os Rios Paraná e Iguaçu não como divisores, mas como elos e que se colocam de maneira pacífica entre os dois países. Isto fica claro quando cita o termo “harmonicamente”. Uma extensão sem conflitos.

Névio Rafagnin possui um vínculo muito antigo com os inícios do turismo aos finais da década de 1960 em Foz do Iguaçu. Sua família é proprietária de uma das principais redes de hotéis da cidade.

Além de Rafagnin, outro secretário de Turismo de Foz do Iguaçu escreve seus votos. Neste caso é o sujeito de Antônio H. Gonzales Júnior, quem viria a substituir Névio Rafagnin na então gestão do prefeito empossado Álvaro Neumann. De acordo com as palavras de Gonzales Júnior:

Parabenizo o povo Argentino, na pessoa do Sr. Oscar Alliana, esse incansável buscador da amizade pela iniciativa de criação da “Casa dos Argentinos” na terra das Cataratas. Tal iniciativa, representa prova incontestada da Liberdade, igualdade e fraternidade que une brasileiros e argentinos, sempre convictos de que não existe fronteiras quando se fomenta a paz sem distinção de raças. Capital do Turismo. Antônio H. Gonzales Junior. Secretário Municipal de Turismo. 23/05/89. (Livro de Ata, p.53).

Em seu discurso, há uma tentativa de construção de uma representação argentina que pode ser visto no sujeito de Alliana. Antônio H. Gonzales Júnior também se utiliza dos ideais revolucionários para definir a “aliança” entre as nações. Assim, pode-se compreender em sua narrativa que por um momento as fronteiras são apagadas. Por ser um representante público do turismo, o mesmo trata argentinos e brasileiros igualmente neste aspecto.

No mesmo dia, Alliana também tem acesso ao gabinete da prefeitura, onde se encontra com o então recém-empossado prefeito Álvaro Neumann. O mesmo realiza uma fala em que se intensifica a percepção que foge a questão do Estado. Na união dos dois povos (Brasil e Argentina) as fronteiras não existem no discurso do então prefeito. Escreve Neumann:

Que a união entre os povos, argentino e brasileiro nesta iniciativa de criação da Casa dos Argentinos em Foz do Iguaçu, se expanda por toda a América Latina para que tenhamos um continente onde as fronteiras sejam simbólicas e acima de tudo se vise o desenvolvimento, a justiça e a paz social entre os nossos irmãos. São os votos sinceros de Álvaro Apolloni Neumann. Prefeito de Foz do Iguaçu, 23/05/1989. (Livro de Ata, p.53).

Mediante observações, reitera-se que após o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento firmado em 1988, já existem diálogos entre os dois países para o estabelecimento do MERCOSUL em março de 1991 por intermédio do Tratado de Assunção⁷⁴.

Em Maio de 1989, a Casa se faz presente na II Fenartec. O grupo de cultura ucraniano “Vesselka”, que também participava da Feira, de igual maneira manifesta suas homenagens sobre a iniciativa dos argentinos se organizarem. Segundo Teodósia Magur, a mesma escreve no livro Ata de Alliana:

Sincera saudação da Colônia Ucraniana de Prudentópolis estado do Paraná presente na III Fenartec – Foz do Iguaçu representada nesta pelo Grupo Folclórico “Vesselka” o qual parabeniza os queridos irmãos Argentinos pela

⁷⁴ O Tratado de Assunção foi um acordo firmado em 26 de março de 1991 entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai com objetivo de estabelecer o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). O Tratado visou a integração dos Estados membros através da livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, do estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC), da adoção de uma política comercial comum, da coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais, e da harmonização de legislações nas áreas pertinentes. In: <http://www.mercosul.gov.br/>. Acesso em: 10/01/2016 às 8:00h.

Fundação da CASA ARGENTINA em Foz, desejando-lhes sucesso na confraternização dos povos e das Etnias de ambas as nações. Teodósia Magur. Presidente do Grupo “Vesselka”. 01/05/1989. (Livro de Ata, p.43).

Aqui se percebe que Magur teve a preocupação de representar suas origens e sua importância na difusão de sua cultura. O aspecto cultural em seu discurso faz com que “sua” colônia ucraniana esteja no mesmo patamar junto à “colônia” argentina. Ambas são igualadas pelos vieses culturais. Percebem-se em sua narrativa o reforço da representação ucraniana.

De acordo com as análises dos discursos aqui apresentados, pode-se compreender que as autoridades se utilizam de eventos municipais no sentido de “aparecer” junto à comunidade. Por isso, ao assinarem a Ata fazem questão de colocar o cargo de que possuem. Provavelmente, tais políticos pedem indiretamente os votos na promessa de que, em troca, mais adiante estes apoiarão as “colônias” da cidade. Quanto aos sujeitos das demais instituições culturais, pode-se afirmar que os mesmos se identificam com a proposta de Alliana ao chamar os argentinos de “irmãos” e das dificuldades de se fixar uma bandeira de seu país em solo brasileiro, neste caso estrangeiro por meio da representação ao se utilizar de uma imagem presente. Portanto, segundo os discursos produzidos sobre a *Casa de los argentinos* nesta parte, podem ser percebidas as muitas representações do argentino e sobre a Argentina na fronteira. As mesmas podem ser percebidas desde atributos da terra e da natureza ou mesmo dos valores psicológicos. No próximo item, serão analisados os discursos produzidos sobre a Casa por autoridades argentinas e a manifestação de apoio em favor da entidade.

3.1.3. As cartas de incentivo das autoridades argentinas

Os esforços de Alliana pela implantação da Casa se estendem a Argentina, conforme registrado no livro ata do idealizador. Sumariamente são homenagens e demonstrações de apreço por parte de autoridades daquele país. Conforme abordado em outro momento, Alliana segue em direção aos seus conterrâneos, em Misiones, na busca de apoio para seus projetos com a *Casa de los argentinos*. Neste sentido, pode-se afirmar que o mesmo atua como uma espécie de intermediário. Primeiramente, Alliana se dirige ao Cônsul argentino em Foz do Iguaçu e em seguida segue até Puerto Iguazú

onde mantêm diálogos com a *municipalidad* junto à Secretaria de Turismo e Cultura. Com a mesma abordagem, em 1989, desloca-se à Posadas com intuito de buscar apoio ao governo da província de Misiones. Evidencia-se que na compreensão de Alliana haveria um interesse por parte deste último, na difusão cultural da *Casa*. A partir disso, compreende-se que Alliana busca a aceitação e legitimidade através de seus “pares” para o seu trabalho junto à sua representação de argentino em uma região de fronteira, tal qual o espaço ocupado pelos três países.

Como hipótese, deduz-se que o Consulado fora um dos maiores incentivadores do estabelecimento da *Casa de los argentinos*. Através dele, o trabalho que seria extra-oficial empreendido pela *Casa*, torna-se legítimo e um acesso às autoridades percorridas mais tarde por Alliana. Essa situação pode ser evidenciada em relato do próprio Alliana, ao destacar a entidade como intermediária e representante não apenas dos argentinos na fronteira, mas também do Consulado:

A Casa dos argentinos foi crescendo de uma maneira até surpreendente pelas atividade que tinha (suspiro) então eu entrei por intermédio do cônsul que também são rotativo e que vinham continuamente (suspiro) e mandava fotocópias do que estava sendo o livro de Ata para a “cancilleria” argentina né? E pra fazer ver de que tinha grande apoio, tinha um trabalho muito bem feito e precisava desses apoio, como também solicitei para o governo nacional, da argentina e do estado um apoio que conseguisse subvencionar, pagar as despesas que possa eu continuar fazendo muito mais (ALLIANA, 2014).

De acordo com o discurso, a *Casa de los argentinos* possuía uma parceria junto ao consulado de Foz do Iguaçu. Nesta ocasião, Carlos Etcheverry o então Cônsul faz suas contribuições no Livro de Ata da entidade. A participação deste sujeito nos relatos sobre a *Casa* torna-se fundamental no sentido de acrescer em mais uma representação argentina nos trabalhos desenvolvidos por Alliana, principalmente ao tratar-se de uma figura pública. Abaixo o discurso de Etcheverry sobre a *Casa*:

La creación de la “Casa del Argentino” en esta Ciudad por parte de un grupo distinguido de residentes argentinos, es un hecho de gran importancia que me hace sentir orgulloso y que produce una gran satisfacción. Tal noble emprendimiento cuyos objetivos van acrecentar las relaciones entre Pueblos Hermanos, difundiendo nuestra cultura y haciendo conocer nuestros productos es digno del mas caloroso aplauso, que les hago llegar, a través de estas líneas como argentino y como Cónsul de la República. A todos los compatriotas organizados mis notas de éxitos y felicitaciones, junto con mis más cordiales saludos. Carlos R. Vidal Etcheverry – Cónsul General. Foz do Iguaçu, 27 de Junio de 1988. (Livro de Ata, p.15)

De acordo com o relato, o Cônsul argentino no Brasil além de mostrar a cultura, evidencia as relações comerciais ao grafar “conocer nuestros productos”, ou seja, as representações da argentinidade dão-se através das mercadorias típicas e que são comercializadas tipo exportação, tais como: A carne, a azeitona, o salame, o queijo, entre outros. Além disso, salienta que antes mesmo de deixar claro em ser Cônsul, faz questão de mostrar que é argentino o que faz com que se identifique e se iguale junto aos colaboradores da Casa.

Somado ao Consulado, está a narrativa de Dellacroce, diretor do Turismo na cidade de Puerto Iguazú na Argentina, o qual da mesma maneira torna evidente o pertencimento. Escreve Dellacroce:

La creacion y fundación de la *Casa de los Argentinos* en Foz do Iguazú (Brasil) nos llena de orgullo pués ello es produto de gran cariño que se siente por nuestra querida tierra argentina estando fuera de sus fronteras. Esta realidad debe ser conocida ampliamente ya que es una prueba mas de la indestruible unión de todos los argentinos sin exclusivas de ninguna naturaleza, tarea que estuviera a cargo de Nuestro Representante Oficial ante las autoridades brasileñas, compañero Oscar Alliana. De aqui en mas las relaciones con nuestros Hermanos del vecino país, se desarrollaran en un clima de amistad, de confraternidad y de mutuo acuerdo para el engrandecimiento de nuestros respectivos municípios. – Ramón Rolon Dellacroce – Director Municipal de Turismo – Misiones. (Livro de Ata, p.05).

A partir de sua narrativa, o secretário de Turismo de Puerto Iguazú, reforça a identidade e o apreço pela territorialidade ao passo em que a Casa se localiza em território estrangeiro. Quando o mesmo trata da “união de todos os argentinos”, enxerga-se a ideia de comunidade imaginada conforme assinala Anderson (1993, p.23) onde o conceito de nação é socialmente construído e imaginado por pessoas que acreditam fazer parte do mesmo grupo.

Em abril de 1989, Alliana segue em direção à Posadas, capital da província de Misiones com o intuito de estender sua representatividade na fronteira. O mesmo busca apoio para a Casa junto à sede do governo provincial e é recebido pelos deputados que representam os ministérios. Inicia-se uma série de homenagens direcionadas a ele por parte dos representantes destes políticos. De acordo com as análises realizadas, Alliana esteve na capital misionera nos dias 23 e 24 de abril de 1989, uma semana antes do início da Fenartec. Desta maneira, aproveitou também para que estes parlamentares fossem prestigiar a feira e a *Casa dos argentinos*. A visita de Alliana aos políticos

argentinos, fora fundamental para que seus conterrâneos pudessem visualizar a “pequena extensão da Argentina” a ser construída na fronteira, especialmente em solo brasileiro.

Na fala de Alliana, pode-se compreender a necessidade de ir à cidade argentina pela mesma tornar a entidade um órgão com uma projeção mais legítima. De acordo com Alliana:

Fui a “Posadas” porque é capital do estado de Misiones onde eu mais representava era justamente esta fronteira. Agora precisava realmente de um apoio mais concreto, precisava manter essa Casa, oficializar ela, né? Então foi o motivo que eu me vi obrigado a ir à “Posadas”, eu tive apenas três dias em Posadas, o suficiente para fazer uma entrevista com o governador. (ALLIANA, 2014).

Na sequência, parte da entrevista onde Alliana reúne-se com o então governador da província de Misiones, Júlio César Humada onde apresenta suas propostas:

Quando ele pensou as vezes que ele teria assim, com dez minutos para atender, ficamos conversando porque se interessou realmente pelo objetivo da *Casa dos argentinos*, ficamos mais de uma hora conversando, no ato ele pediu inclusive, de que o assessor dele, o secretário dele, me levasse pessoalmente a todos os seus secretariados, que lá chamam de ministro, então todos os secretários do governo, tomaram conhecimento da mesma maneira com minha explicação pessoal, o objetivo que eu tinha para a Casa, a necessidade de apoio que eu tinha de cada secretaria. (ALLIANA, 2014).

O primeiro a realizar o registro no livro é o ministro de governo, Hugo Roberto Caballero, onde escreve:

Al felicitarlos por tan noble emprendimiento que sin dudas servir para acrescentar los lazos de hermandad que nos une a los amigos Brasileños y desearles que el éxito corone la tercera fiesta de las naciones haga propicia la oportunidad para saludarlos. Hugo Roberto Caballero. Ministro de Gobierno. Provincia de Misiones. 06/04/1989. (Livro de Ata, p.24).

Embora o ministro Hugo Roberto Caballero tenha mencionado a III Fenartec, Alliana convida estes políticos a prestigiarem em 1989 a II Fenartec. Nesta ocasião, a Casa participa pela primeira vez do evento e pede apoio para obter continuidade. Pode-se perceber também reconhecimento.

Outro político que faz uso de suas palavras é o deputado Emílio Olsson, o qual também parabeniza o presidente da Casa e mostra interesse pelo então projeto. Olsson escreve:

El sueño de muchos argentinos ilustres, entre ellos San Martín, Rosas y Perón, fue la integración de todos. Los pueblos de Latino América quienes hoy hacemos nuestro ese anhelo, que nace con la pátria, y sentimos el orgullo de nuestras tradiciones y de nuestras glorias saludamos la fundacion de LA CASA DE LOS ARGENTINOS, en Foz do Iguazú, Brasil como una prolongación en la tierra hermana de nuestros sentimientos de paz, de amor y respeto a los derechos de todos los pueblos de la Tierra. Emilio Carlos Olsson. Diputado. (Livro de Ata, p.31).

Conforme análise do discurso, este deputado relaciona a entidade como uma espécie de realização íntima dos “heróis” nacionais da Argentina. Estes ocupam uma carga muito grande no imaginário estatal argentino e conseqüentemente para a nação argentina. Os heróis representam em sua fala a ligação do passado com o presente e as ambições destes sujeitos em forjar o espírito das províncias do sul e do nacionalismo através de San Martín. José de San Martín fora um dos militares que participou da campanha de luta contra o imperialismo espanhol (PRADO, 1994, p.40-41).

O general Juan Manuel de Rosas, conforme retratado, representou o federalismo, o qual era defensor dos interesses regionais econômicos em oposição ao monopólio portenho ligado ao mercado estrangeiro em meados do século XIX (PRADO, 1994, p.40-47). No caso de Juan Domingo Perón, talvez o maior entre os citados, pois no imaginário político representa a doutrina do populismo na Argentina da segunda metade do século XX. O mesmo é venerado por grande parte dos políticos argentinos até os dias atuais (LEVENE, 1992, p.206-304). Ao citar os “heróis”, Olsson classifica o nacionalismo argentino. Na expressão “prolongación” podem-se compreender as intenções de se manter a extensão do território argentino por meio da territorialidade.

Segundo a narrativa de Pedro Wieremiej, outro deputado misionero, mostra como a questão da Ponte Tancredo Neves que liga a Argentina com o Brasil, todavia é recente em sua memória. Nas palavras do deputado:

Los pueblos se integran a través de distintos puentes, físicos, espirituales, culturales, comerciales, etc. Y en esta ocasión lo han hecho ya nuestro presidente Alfonsín con los Hermanos brasileños indicandonos el camino. No perdamos mas tiempo y esforcemo-nos en concretar el nuestro. Pedro Wieremiej. Diputado. (Livro de Ata, p.33).

Em sua narrativa, ao se referir à Raul Alfonsín coloca-o como principal intermediário (até mesmo um pacificador) da transição democrática (LEVENE, 1992, p. 267-307). Junto ao então presidente do Brasil, José Sarney, o presidente Raúl Alfonsín foi também responsável pela inauguração da Ponte Internacional Tancredo Neves. No imaginário de Wieremiej, a ponte pode representar além da ligação de duas nações, um marco na nova política de ambos os países marcadamente constituídos pela redemocratização. Além disso, a instituição da mesma muda a dinâmica econômica e cultural na fronteira entre os dois países. Os antigos laços estabelecidos no passado passam a ser diminuídos. A ligação de argentinos na fronteira junto às embarcações é anulada. O movimento realizado por comerciantes argentinos em direção aos mercados brasileiros inverte-se.

Na sequência, outro político faz referência à Perón, o qual se utiliza do discurso populista ao buscar elementos do passado com o intuito de justificar a política do presente. Segue abaixo a carta do deputado Oscar Baez:

Para el tema en cuestión, cual és la integración argentina brasileña y como dijera el más grande argentino de este siglo, “Mejor que decir es hacer y mejor que prometer es realizar”. Entonces hago votos el logro efectivo de los propósitos de esta institución pero que ella sea una defensora más del valor institucional de ambos países y nunca más haga golpes de estado ni se produzcan violaciones a los derechos humanos. Diputado Oscar Baez. (Livro de Ata, p.33).

Conforme análise, a partir do peronismo, Baez pede que a Casa de Alliana seja também uma defensora dos direitos humanos. O idealismo feito em relação à Perón pode ser capaz de fornecer uma espécie de solução aos problemas, todavia arraigados, mesmo após as transgressões cometidas pelo Estado durante o regime militar na Argentina (1976-1982) o qual se mostra recente em seu imaginário.

O próximo relato é o de Mafalda Queirolo de Montes, secretária de Ação Social e dos Direitos Humanos de Puerto Iguazú. Em sua narrativa, há um peso emocional muito grande, onde também faz um reforço grandioso de sua representação através da terra a qual pertence e representa. Assim, segundo Mafalda Queirolo:

Entre lágrimas y arrebatos de gloria, los hombres aprendieron a amar la Patria, y en suelo extranjero, más flerte es el amor al terreno. Por eso bendita sea la Fundación de la *casa de los Argentinos* en Foz de Iguazú (Brasil). Felicitaciones a los fundadores. Mafalda Queirolo de Montes. Delegada de Iguazu. Sec. Acc. Social y Derechos Humanos (AMAP). 23.04.1989. (Livro de Ata, p.35)

Desta maneira, Queirolo reforça a identidade e o pertencimento a partir da diferença do espaço onde o argentino se encontra como foi o caso do Brasil, além de fazer votos que o projeto de Alliana seja bem sucedido. Sua observação sobre identidade, pode ser percebida que algumas diferenças podem ser mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e momentos particulares (WOODWARD, 2000, p.11) ao se referir à fundação da Casa. Assim, a instituição da Casa pode ser vista como um reforço da legitimidade perante os “não argentinos” na fronteira através de suas representações.

Para finalizar esta seção, somamos a contribuição do (intendente) prefeito de Puerto Iguazú em 1989, Roberto Velázquez. Em seu relato, o mesmo coloca a *Casa de los argentinos* como elo importante entre Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú. Destaca-se a questão econômica. Percebe-se que o então prefeito utiliza-se da influência de Alliana para buscar recursos junto à *municipalidad*. Escreve Velázquez:

Representamos una Patria que vive desde sus Orígenes los principios de la libertad. Esta iniciativa fortalecerá la presencia Argentina promoviendo nuevas formas de acercamiento y complementación apuntando a una acción mas comunada de las Naciones de América/Latina, con la finalidad principal de integrar y elevar los niveles sócio-economicos y culturales de nuestros Pueblos. El año 2000 nos debe encontrar unidos. La Firma del Acta de Santa María del Iguazú – de Asistencia recíproca de los Municipios de las Tres Fronteras es un ejemplo de hermandad, seguiremos trabajando para afianzar aún más esos Lazos de Amistad y confraternidad. “Muchas gracias y éxitos en esta gran iniciativa. Roberto Velázquez. Intendente. Puerto Iguazú, 24 de Abril de 1989. (Livro de Ata, p.34).

Sobre o ano 2000, em hipótese, acredita-se que pode ser um desejo íntimo de uma nova era que se possuía naquele período. Um salto temporal. Em outras palavras, que o terceiro milênio poderia de alguma maneira representar algo novo na tecnologia, na economia e, talvez, nas relações entre os indivíduos. Em hipótese, pode-se compreender uma menção ao MERCOSUL, pois fora muito citado nos discursos da época em tempos anteriores à sua constituição especialmente nas mídias impressa. Em sua concepção, pode-se pensar que brasileiros e argentinos não possuem amizade, mas “*hermandade*”.

Nos escritos do então intendente, há em seu discurso o apoio na Acta de Santa María del Iguazú⁷⁵ de 1985. Isto se repete em um ofício encaminhado em menos de um mês a Oscar Alliana, onde Velázquez solicita o empréstimo de caminhões de carga junto à diretoria da Itaipu Binacional. O resultado pode ser traduzido como o então prefeito de Puerto Iguazú deposita confiança em Alliana.

Na sequência, reprodução da carta redigida por Velázquez de seu gabinete, onde o mesmo reitera:

Puerto Iguazú, 17 de Mayo de 1989. Por la presente solicito a ud., muy especialmente tenga a bien gestionar ante el Directorio de Itaipu Binacional, nos conceda en Carácter de préstamo / Camiones volcadores. Fundamento el presente petitório en la necesidad de proceder de manera inmediata al mejoramiento de zonas bajas, rellenos de Puentes y alcantarillas. Apelo también para el espíritu de la CARTA DE SANTA MARÍA DE IGUAZÚ carta firmada entre los Municipios de las Tres Fronteras con la finalidad de proceder a la Asistencia Recíproca y promover el Desarrollo de Nuestros Pueblos. Atentamente Roberto Velázquez. (VELÁZQUEZ, 1989).

De acordo com as análises, nota-se como Alliana contava com o interesse dos políticos argentinos como fonte de divulgação, o que de fato acabou por não ser levada a cabo. O apoio em seus projetos não existiu.

Como exemplo, Alliana apresenta sua insatisfação perante a Casa na ocasião da visita do presidente Menem durante as negociações para reverter a crise em Puerto Iguazú em virtude da dolarização do peso argentino em 1992⁷⁶. De acordo com o mesmo, teria entregado para o então presidente, fotocópias das páginas do Livro de Ata das

⁷⁵ O referido acordo foi elaborado como Declaração do Iguazu, acordo bilateral firmado pelos presidentes Raúl Alfonsín da Argentina e José Sarney do Brasil na ocasião da inauguração da Ponte Internacional Tancredo Neves em 30 de novembro de 1985. O mesmo é composto por 32 cláusulas. Entre estas se destaca a cláusula 18 onde se prescreve: "Dentro desse espírito, expressaram sua firme vontade política de acelerar o processo de integração bilateral, em harmonia com os esforços de cooperação e desenvolvimento regional. Expressaram sua firme convicção de que esta tarefa deve ser aprofundada pelos Governos com a indispensável participação de todos os setores de suas comunidades nacionais, aos quais convocaram a unir-se a este esforço, já que lhes cabe também explorar novos caminhos na busca de um espaço econômico regional latino-americano". O prefeito Velázquez aproveitou-se do acordo para solicitar apoio mútuo em momento oportuno. In: http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1985/b_74/ Acesso em: 01/03/2016 às 4:00h.

⁷⁶ Em 1992, o presidente Menem visitou três vezes a cidade de Puerto Iguazú na Argentina. O motivo da visita era resolver questões referente a dolarização do peso ocorrida naquele período. Em virtude deste fator, muitos estabelecimentos comerciais foram fechados o que inviabilizou a ida de compristas estrangeiros, principalmente brasileiros em direção aquele município. IN: JORNAL SEGUNDA MÃO. Caderno Negócios e Cia. "Oscar Alliana, integração muito antes do Mercosul. Foz do Iguazu, 28 de Maio à 03 de Junho de 1992.

ações realizadas pela Casa. Abaixo, a narrativa de Alliana sobre o encontro com o presidente Carlos Menem:

O presidente da República Argentina, o Carlos Menem, esteve em Puerto Iguazú e eu pedi uma entrevista e ele me deu uma entrevista pessoal, né? Onde, eu dei uma fotocópia do livro de Ata já com 298 páginas e expus pra ele que se eu tinha um mínimo de apoio, eu passaria a ampliar o trabalho da *Casa dos argentinos* (suspiro) passaria a abrir outro livro de Ata, que esse já era de 300 páginas, eu só tinha duas folhas, disponível, e eu passaria inclusive a ampliar o trabalho que já vinha fazendo, né? A entrevista foi muito boa, me atendeu muito cordialmente, mas nunca tive uma resposta, então ali foi o motivo pelo qual eu também vi que não tinha condições de dar continuidade sem o pequeno, mínimo apoio do meu país (ALLIANA, 2014).

A situação com o presidente da Argentina pode ter marcado profundamente este sujeito, pois, fez questão de registrá-la no Livro uma foto de Menem. Acredita-se que a insatisfação pode ter sido atribuída ao fato do mesmo não ter demonstrado maior interesse nas ações desenvolvidas por Alliana, nem sequer encaminhar uma resposta. Este ocorrido pode ter sido um dos fatores para o fim da *Casa de los argentinos*. Da mesma forma a cessação de suas lutas pela sua representação através da entidade.

Assim, percebe-se que Alliana busca apoio junto às autoridades brasileiras e argentinas para o desenvolvimento de seu projeto. As lideranças brasileiras poderiam fornecer legalidade pelo fato da Casa estar inserida na fronteira. No caso dos políticos argentinos, o apoio requerido por Alliana não era de ordem financeira, mas cultural, pois, a entidade fora uma extensão da Argentina no Brasil: uma territorialidade. O próximo item a ser discutido serão as ações sociais realizadas pela *Casa de los argentinos* na fronteira. As mesmas podem ter caracterizado formas de representação da argentinidade no espaço fronteiro.

3.1.4. As ações filantrópicas da Casa e suas representações

O presente item tem como proposta apresentar o trabalho de Oscar Alliana como ajudador e difusor da argentinidade na fronteira. O mesmo fora desenvolvido através de ações sociais filantrópicas realizadas pela Casa. O objetivo destas ações baseava-se em auxiliar argentinos com problemas de documentação no Brasil.

Além das ações culturais promovidas pela *Casa de los argentinos*, a entidade também se ocupou em auxiliar argentinos, não apenas vindos de seu país de origem, mas de outras regiões como o Paraguai. Talvez por esta questão a entidade fosse corriqueiramente solicitada pelo consulado argentino no Brasil, com o intuito de fazer um trabalho sócio-cultural. Um trabalho “assistencialista” junto aos seus conterrâneos.

Isto também está registrado em sua entrevista. O serviço desempenhado pela Casa possuía uma ligação indireta com o Consulado argentino em Foz do Iguaçu. Na sequência o relato de Alliana que evidencia estas ações:

Às vezes vinham pessoas que não tinham nem condições econômicas, né? E, eu fazia um trabalho praticamente anexo ao consulado argentino, né? E um trabalho de muita utilidade de que eles oficialmente não podiam fazer (ALLIANA, 2014).

O trabalho não oficial mencionado por Alliana pode caracterizar as ações culturais e assistenciais desenvolvidas pela entidade. As mesmas não competiam ao consulado.

A seguir, parte da entrevista onde Alliana justifica seu auxílio aos argentinos “de fora” o qual propõe ligações com a cidade de Cascavel, com o objetivo de manter negociações com este município. Aqui Alliana pode ter feito o papel de intermediário de investidores. De acordo com Alliana:

Foi uma defesa para os argentinos que vinham e se encontravam às vezes, com dificuldade aqui em Foz do Iguaçu. Na parte comercial, da mesma maneira, né? Tinham gente que vinham aqui para se estabelecerem ou para fazerem contatos comerciais e eu tinha essa facilidade pelos contatos que eu conhecia né? Então daqui até Cascavel nós fazíamos diversos contatos que estava ao meu alcance (ALLIANA, 2014).

Os empreendimentos de argentinos no Brasil podem trazer evidências das aproximações de países vizinhos ao mercado brasileiro, principalmente pela abertura de mercados latino-americanos em tempos da elaboração do MERCOSUL. As tentativas de

união e acordos entre os países sulamericanos entre os anos 1960 e 1990, podem ter sido em certo modo, a diminuição de atritos e da possibilidade integracionista regional. (CURY, 2010, p.28). A partir disso, pode-se compreender que a fronteira, além da questão cultural, buscou-se uma maior aproximação comercial e o MERCOSUL pode ter sido o instrumento adequado para este trabalho.

Por se tratar de um pioneiro em Foz do Iguaçu, se deduz que Alliana possuía acesso e conhecimento de sujeitos com influência pública na época. Em entrevista realizada ao mesmo, destaca-se sua “influência” também junto às autoridades do Paraguai. O intuito era de auxiliar outros argentinos neste país:

Eu tinha contato com praticamente todas as autoridades, não só de Foz como do Paraguai. Eu fiz como uma ponte de apoio, a *Casa dos argentinos*, para aqueles que precisassem de alguma coisa aqui do Brasil e do Paraguai, que também tinha meus contatos. Foi também um resguardo muito grande para os argentinos que vinham às vezes de passeio ou vinham com finalidades de trabalho e acharam na *Casa do argentino* uma grande orientação (ALLIANA, 2014).

A narrativa evidencia que Alliana possuía acesso junto a Câmara Júnior também do Paraguai. Outro fragmento de sua entrevista traz ao conhecimento que o mesmo teria conversado com o próprio governador do Departamento de Alto Paraná, no Paraguai. O fato de Alliana obter acesso à Câmara Júnior em Foz do Iguaçu pode ter representado o “aval” junto aos “juniores” também do Paraguai na defesa de interesses com a *Casa*. Abaixo, parte da entrevista transcrita em que Alliana teria mantido diálogo com o então político:

Também, conversei com o governador do departamento do Paraguai que também fez a sua mensagem, seu apoio, né? Então, eu tinha uma base muito grande do trabalho que pretendia fazer e só não fiz um trabalho formal que seria autorizado pelas autoridades. Mas foi um serviço muito grande, muito prestativo a nível informal (ALLIANA, 2014).

Em suas palavras, o mesmo reforça a informalidade, o que pode ter dado a *Casa* também um caráter filantrópico. Assim, acredita-se que este sujeito tinha a intenção de pretender um trabalho na fronteira em conjunto com os três países (Brasil – Paraguai – Argentina). Segundo Alliana, o então governador pode ter manifestado interesse em apoiar os projetos da *Casa de los argentinos*.

No mesmo período tem-se toda uma cena política dada pela nova Constituição em 1988. Por isso, uma das hipóteses seria o de que na época pequenos grupos sócio-culturais tenham a oportunidade de ter voz na sociedade iguaçuense, o que pode ser caracterizadas como minorias. Isto pode ter (re)acendido o (re)aparecimento destes grupos. Por isso, a *Casa de los argentinos* também esteve inserida neste contexto ao participar de eventos de cunho cultural na fronteira.

Para este esforço, dispõem-se de duas citações coletadas em entrevistas concedidas por Alliana, presentes no artigo *Os argentinos de Foz do Iguaçu* (2006) publicado pela editora Uniamérica também em Foz do Iguaçu. A intenção fora o de analisar seus discursos sobre o papel da *Casa* junto à comunidade iguaçuense e a representação argentina a partir da mesma. De acordo com Alliana (2006):

Nós trabalhamos muitíssimo com a cultura argentina, participando em diversos... este...programações que se faziam aqui. Nós mesmos trazíamos artistas daqui (Argentina) como também levamos daqui para lá, não é? (ALLIANA, 2006).

Cobríamos a necessidade de certos argentinos aqui com pequenos e grandes problemas, que, às vezes por falta de conhecimento, outras vez porque surgem espontaneamente e estando num terreno, num país, que não é o seu, ignorando as leis, tudo isso, a *casa dos argentinos* se prestava à colaborar com eles com grande apoio inclusive do consulado argentino. (ALLIANA, 2006).

A primeira referência remete a participação em eventos culturais promovidos na cidade com a intenção de estabelecer intercâmbios com a própria Argentina. O objetivo era o de justificar a representação de argentinos na fronteira. Em outra citação, atesta-se o trabalho da *Casa* em um caráter assistencial, onde auxilia os “argentinos vindos de fora”. Firma-se novamente a parceria com o Consulado argentino estabelecido na cidade de Foz do Iguaçu.

A partir do referencial, entende-se que ao enaltecer o trabalho da *Casa* em assistir aqueles que “precisam”, a mesma busca reconhecimento perante as autoridades. Entre elas está o Consulado que neste entendimento está a representatividade de um órgão legalmente constituído.

Ao analisar o centro de memória, recorre-se ao estudo da *Casa* a partir dos relatos de Oscar Alliana. Este sujeito é colocado aqui como o guardião da memória⁷⁷. Além

⁷⁷ Para identificar o senhor Oscar Alliana como o “guardião da memória”, cabe aqui o referencial de Michael Pollak, quando diz que “o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e

disso, compreende-se que a representação da argentinidade na fronteira através da Casa pode ter se dado diante de quatro aspectos principais: enquanto espaço cultural⁷⁸, de patrimônio⁷⁹, memória⁸⁰ e imaginário⁸¹. O objetivo a partir disso é o de compreender fatores que motivaram a constituição de uma territorialidade. A mesma pode ser entendida como uma zona de refúgio estrangeira (GIMENEZ, 1996, p.11). Os aspectos aqui enumerados podem ser compreendidos enquanto representações.

A *Casa de los argentinos* pode ser entendida enquanto *patrimônio*, pois “pode existir pela vontade ou interesse pessoal” (POLON, 2013, p.89). O momento de sua configuração é muito fértil já que a época⁸² envolve fatores de ampliação da noção de valores culturais junto à Carta de 1988. A mesma pode ter sido o resultado do esforço de Alliana em criar um espaço físico ao criar certa cristalização⁸³ à suas expressões e manifestações culturais. Sobre este aspecto, Fonseca (2003) afirma que:

Quando se fala em patrimônio imaterial ou intangível, não se está referindo propriamente a meras abstrações, em contraposições a bens materiais, mesmo porque, para que haja qualquer tipo de comunicação, é imprescindível um suporte físico. (FONSECA, 2003, p.65)

apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”. (POLLAK, 1992, p.204).

⁷⁸ O espaço cultural neste aspecto em que referimos pode ser entendido de acordo com a colocação de Paulo Henrique Heitor Polon (2013) onde afirma que “As culturas transformam em espaço físico em lugar, território ou lar, de acordo com suas vivências particulares e coletivas neste. Como lugar pode ser entendida a porção do espaço que apresenta características de proximidade com o indivíduo, que se remete ao pertencimento. Quanto ao território, pode ser entendido como porção espacial caracterizada por relações de poder em diversos níveis”. (POLON, 2013, p.91).

⁷⁹ Segundo Polon (2013, p.16) “o patrimônio cultural, muito embora os demais conceitos sobre o patrimônio, como o patrimônio histórico e artístico, o patrimônio urbano, natural, edificado, etc, também não deixam de serem resultados da produção cultural de um povo, conquanto que suas análises e abrangências sejam mais específicas e não dispõe da produção cultural total e complexa que uma população produz”.

⁸⁰ Entende-se a memória, de acordo com os estudos de Jacques Le Goff (1990, p.423) “como propriedade de conservar certas informações [...] remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

⁸¹ Em concordância com Polon (2013, p.22) “Uma imagem pode ser entendida pela mente por meio de um complexo sistema de decodificação do simbólico, criado pelo cérebro em uma relação recíproca com o ambiente humano, por meio dos aspectos culturais. O imaginário também possui um caráter coletivo”.

⁸² A época em questão é marcada pela redemocratização política e pela nova constituição (1988). De acordo com Polon (2013, p.17) “com a promulgação da constituição de 1988, ampliaram possibilidades de discutir diferentes composições e concepções a respeito de patrimônio [...] os diversos saberes podem ser reconhecidos como patrimônios e, portanto, passíveis de institucionalização decorrente das necessidades sociais, políticas e institucionais”.

⁸³ Segundo Polon (2013, p.16) “quando se patrimonializa o imaterial, acarreta-se uma tentativa de cristalização daquilo que é abstrato”.

Desta maneira, o ambiente físico é também, através de suas manifestações e ações ser considerado como um espaço praticado (CERTEAU, 2007, p.202) de natureza imaterial. Sobre isto Polon (2013) salienta que:

O patrimônio cultural em suas divisões – material e imaterial – agrega sentidos e apropriações que os “homens simples” estabelecem no cotidiano para as suas produções culturais, e nisso engloba tudo que é relacionado à cultura. (POLON, 2013, p. 16).

Portanto, o trabalho da *Casa* enquanto patrimônio pode ter existido tanto materialmente porque possuía local estabelecido quanto imaterialmente, pois buscava sua existência através das chamadas manifestações culturais (SANTOS, 1983, p.45).

Considerada como um espaço de memória⁸⁴ é também político (POLON, 2013, p. 26). Em seu interior, criam-se imagens de representações da argentinidade, sejam elas de um passado vivenciado provavelmente por ele em algum momento ao selecionar elementos de determinado grupo social como representativo, pois, “o imaginário também é o meio que o sujeito encontra para compor uma representação.” (POLON, 2013, p. 94).

Por isso, considera-se que a existência de elementos previamente selecionados ao criar a ideia dos símbolos culturais⁸⁵, sejam elas: danças, músicas, comida típica, entre outros. Através destes “valores” procura-se compreender que pode existir uma espécie de redescoberta do passado e que é parte de um processo de construção da identidade (WOODWARD, 2000, p. 12). Por isso a necessidade de estabelecer a territorialidade por meio das manifestações culturais empreendidas pela *Casa*.

Segundo Michael Pollak (1989) “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade.” (POLLAK, 1989, p. 09). Diante disso, a *Casa* ocupa um local de culto, de comemoração e celebração (POLLAK, 1992, p. 202), um local de encontro de sujeitos com o apoio da memória. Assim, o patriotismo construído no passado pelo estado argentino torna-se um poderoso elemento que uniu seus sujeitos junto à celebração ao culto da argentinidade.

⁸⁴ Através dos escritos de NORA (1993, p.65) a compreensão de espaços de memória tem como objetivos: parar o tempo, bloquear o esquecimento e fixar o estado de coisas.

⁸⁵ Sobre isto concordamos com Frederik Barth (1998) que “O vínculo positivo que liga vários grupos étnicos em um sistema social englobante depende da complementariedade dos grupos no que concerne a certos traços de suas características culturais. Essa complementariedade pode fazer emergir uma interdependência.” (BARTH, 1998, p.200).

Por meio da *Casa*, pode-se visualizar o sujeito de Alliana enquanto portador de uma identidade sociológica⁸⁶. Em uma acepção atribuída a Michael Pollak (1992) a identidade de Alliana pode ser considerada como um fenômeno produzido em relação aos outros, diante dos critérios de aceitação, admissão e de credibilidade através de negociação com estes mesmos outros (POLLAK, 1992, p.204). Suas lembranças, guardadas e perpetuadas, estavam prontas para serem colocadas para fora, exteriorizadas (POLON, 2013, p.24). Conforme colocado, o momento político fora favorável para a constituição da *Casa*. Da mesma maneira como o seu espaço.

Assim, a memória ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia em relação aos outros, termina por reforçar sentimentos de pertencimento, além das fronteiras sócio-culturais (POLLAK, 1989, p.03). Os resultados da construção da *Casa*, enquanto espaço praticado e não apenas enquanto lugar como assinala Certeau (2007, p. 203) demonstra que a memória possibilitou criar imagens escolhidas, propositalmente ou não, para criar representações por meio de símbolos culturais, caracterizadas através de Alliana e seu sentimento de pertencimento enquanto portador da argentinidade.

⁸⁶ Em referência a Stuart Hall (2003, p.11) “A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura- dos mundos que ele/ela habitava. G.H.Mead, C.H.Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboravam esta concepção “interativa” da identidade e do eu. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”.

3.1.5. O “guardião da memória” e seus discursos

Nesta seção, apresentamos os elementos que fazem de Alliana um guardião da memória. Suas lembranças acerca de sua permanência na fronteira podem ser classificadas também como representações. Através de seus discursos, estas últimas mostram como um argentino pode ser percebido neste espaço. Para este trabalho, foram utilizados fragmentos de entrevistas concedidas por Oscar Alliana entre outubro de 2014 e janeiro de 2016. O objetivo fora o de produzir conclusões com o apoio de teóricos sobre o seu papel desempenhado na fronteira a partir das representações junto a *Casa de los argentinos*.

Suas experiências de vida representam informações, muitas vezes veladas e que não aparecem ou não são levadas em consideração, por conta de que não pode contar sua própria História. Segundo Thompson (1998) “a história oral possibilita o acesso às experiências daqueles que vivem à margem do poder, em que suas vozes estão ocultas” (THOMPSON, 1998, p.44-45). Aqueles que não possuem uma posição privilegiada na sociedade e frequentemente não podem contar sua história.

Ao referir Alliana (2014) compreende-se que o mesmo busca reconhecimento através de suas ações junto ao trabalho desempenhado na Casa. Embora, em seus aproximadamente 58 anos de moradia em Foz do Iguaçu tenha sido percebido na sociedade iguaçuense. O mesmo reforça seus préstimos junto à localidade. Poderíamos definir seu papel como o de “utilidade pública”. De acordo com Alliana:

Aqui em Foz do Iguaçu, eu tive pequena indústria, eu fui correspondente de jornal, eu tive revista de turismo, né? E por lógica, me considerava um, graças a Deus, uma pessoa de utilidade e eu vejo até o dia de hoje, né? E com muito sentimento por que isso aconteceu na Argentina assim como eu vim de Puerto Iguazú porque eu não tinha futuro ali, de acordo a meus anseios, a minha capacidade, né? Fui correspondente de jornal de Buenos Aires, mas, ali em Puerto Iguazú quando a população era pequena não tinha um grande, então aqui em Foz do Iguaçu, aqui no Brasil, já era muito mais amplo, pra mim demonstrar meu serviço com maior facilidade. (ALLIANA, 2014).

O fragmento acima demonstra a necessidade de Alliana em ser percebido através de seu trabalho o que vai além da questão cultural. Este prestígio pode ser percebido por meio de seus relatos utilizados pelo mesmo quando se refere às representações. Desta maneira, segundo Jacques Le Goff (1990):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 423).

Com este entendimento, procura-se compreender que Alliana ao estabelecer a *Casa de los argentinos*, cria interconexões com o seu passado. Isto pode ser operado através de lembranças ligadas à busca por reconhecimento e prestígio no presente, a partir da constituição da *Casa*.

Ao mostrar à sociedade os trabalhos efetivados pelo seu “centro cultural” busca reforçar sua legitimidade. Salieta Pollak (1989) que:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (POLLAK, 1989, p. 09).

A partir do entendimento de Michael Pollak, pode-se compreender que o trabalho com a *Casa* na fronteira fora o de definir a identidade argentina a partir de aspectos culturais que representam a argentinidade. Assim, a *Casa* torna-se uma espécie de repositório. Ao defini-la, Alliana também se auto-define, pois, a *Casa* passa a ser ele próprio.

Quando se evidencia o trabalho desempenhado nas festas, aos políticos da cidade e a outros sujeitos é o mesmo que se mostra aos demais. Ao dar visibilidade a *Casa*, pode-se compreender que Alliana faz o papel de sua própria representação.

Estes valores remetem a costumes daquele país. As memórias de Alliana possuem a necessidade de serem ouvidas e problematizadas.⁸⁷ Isto pode ser percebido em sua narrativa ao selecionar representações pátrias ao colocá-las como universal o que fica claro em suas memórias. Segundo Alliana:

Me emociono, ao pensar no meu país, ao escutar meu hino nacional, né? Ao representar como fiz muitas vezes, mostrando a cultura, mostrando o folclore, mostrando a alimentação que usa a Argentina, quer dizer, eu sempre representei

⁸⁷ De acordo com Pollak (1992) “a crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer [...] ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta.” (POLLAK, 1992, p. 207).

nesse sentido, né? E valorizo muito, porque, cada um de nós, quando estamos num determinado lugar é um lugar diferente do que nós temos no coração realmente (ALLIANA, 2014).

Um lamento evidente nas narrativas de Alliana fora o fato de não possuir nenhum tipo de auxílio por parte das autoridades argentinas. O apoio não era apenas financeiro, mas logístico. As cartas e as mensagens de incentivo não significaram propriamente que seus anseios foram completamente atendidos. Em hipótese, entende-se que Alliana fora utilizado como veículo político importante e mais tarde dispensado. Sua representação cultural junto à fronteira pode atestar sua existência às autoridades em que o mesmo manteve uma série de diálogos. A seguir parte da entrevista em que estas “queixas” são evidentes:

Consegui muito mais do que esperava, mas realmente faltou o principal que era a boa vontade das autoridades argentinas, mas a pouca e nada colaboração de parte deles, né? Então, esse foi o início e como nasceu a *Casa dos argentinos* (ALLIANA, 2014).

Em algumas situações percebe-se uma negociação de sua identidade perante outros sujeitos. Isto é verificado quando o mesmo mostra resistência em fazer seu documento de identidade onde Alliana apesar da aceitação em residir no Brasil, o mesmo sente o desejo de carregar consigo a “argentinidade”. Na sequência, apresentamos um trecho de sua entrevista, onde atesta esta negociação:

Logo que entrei, tratei de me legalizar, logicamente: Polícia Federal me apresentei fiz o meu documento de entrada no país em 1964, passado 20 anos eu não tinha uma documentação oficial legal, a não ser essa pequena entrada porque pedi pra eu me naturalizar brasileiro, né? Porque eu acredito que, fazem as pessoas que é de utilidade. Eu não sou contra o Brasil, ao contrário, eu até admiro e aplaudo esse sistema deles, aproveitaram os elementos de capacidade, né? Só que eu com o meu coração de argentino, nunca quis, abandonar o meu país, né? Então meu grande sentimento era esse de que eu estava num país estranho, né? Mas conseguia fazer porque, graças a Deus, fazia as coisas bem feitas então era bem respeitado também. (ALLIANA, 2014).

Apesar da legalidade com a documentação, percebe-se a identificação com o país de origem. Para Alliana, criar vínculos com o Brasil possibilitava negar suas origens, o que não aconteceu. Uma forma de ser aceito no atual país seria a quitação com as leis brasileiras, ou seja, cumprir com as obrigações civis.

O ano em destaque em que Alliana “se legaliza” junto às autoridades brasileiras (1964) marca o início dos vinte anos em que se sucederam os governos militares no Brasil. Por se tratar de um período que significou o endurecimento e perda das liberdades, nota-se que o mesmo tenha “acelerado” sua regularização no país. O intuito fora o de evitar problemas com órgãos públicos a exemplo da Polícia Federal. Vale lembrar que Alliana declara em entrevista residir no Brasil há pelos menos 58 anos.

3.1.6. A representação cultural argentina na fronteira nas décadas de 1980 e 1990

Nesta seção, analisamos as representações por meio da projeção cultural argentina na cidade de Foz do Iguaçu através da participação da *Casa de los argentinos* em eventos como a Fartal e a Fenartec no recorte proposto. Este trabalho foi realizado por meio de pesquisa de jornais (mídias impressas) produzidos no município de Foz do Iguaçu⁸⁸ à época em que divulgavam tais festividades. Os informativos podem trazer a participação de Alliana na fronteira através de trabalhos de utilidade pública e que também podem ser classificados da mesma maneira como representações.

Conforme colocado, os eventos citados no período em destaque marcam um momento muito particular na política brasileira por ocasião da “Nova Constituição”. A mesma pode ter sido decisiva no favorecimento das expressões culturais de forma plural. Por isso, minorias sócio-culturais passam a ter uma maior participação e respeitabilidade por parte do poder público o que talvez tenha justificado o afloramento destas mesmas expressões e manifestações culturais.⁸⁹ Nesta conjuntura, insere-se a *Casa de los argentinos* ao escolher se auto-representar em oportuno momento da transição política brasileira.

Desta maneira, podemos compreender que a *Casa* está relacionada à visibilidade cultural argentina na fronteira além das questões jurídicas através de sua

⁸⁸ Conforme já citado anteriormente, os jornais utilizados são: *A Gazeta do Iguaçu, Hoje e Nosso Tempo*, no período de 1989 à 1993. O recorte foi delimitado pelo fato de ter sido um período onde há maior projeção dos eventos culturais na cidade e que marcam novas conjecturas que dão início ao MERCOSUL, o que acaba por atingir os países da região de fronteira.

⁸⁹ Conforme já colocado, a nova Constituição (1988) representou uma ampliação no que se refere a garantia de direitos e, da mesma forma, à nova concepção de Patrimônio cultural, definindo-o também como imaterial .

representatividade.⁹⁰ Igualmente, visualizá-la também como espacial⁹¹ a partir do recorte proposto durante sua atuação social.

Além disso, defende-se a ideia de que a entidade enquanto grupo social pode ser classificado como grupo étnico⁹² (BARTH, 1998, p.193-194). A Casa pode ser entendida como organização social e ambiente de identidades reunidas por meio de um mesmo propósito: Afirmar sua representação na fronteira.

Abaixo, destacamos parte da entrevista onde Alliana se utiliza do viés cultural para realizar seu trabalho na fronteira. Entre eles de cunho político com os demais países do espaço de fronteira:

Eu tomei como base, a cultura justamente, né? Porque a cultura é a base de um país, então, meus contatos eram realmente, “con” as fundações culturais, tanto daqui, do Paraguai, como mais da Argentina. Então, os interesses que eles tinham em participar em conjunto, eu era a ponte deles. (ALLIANA, 2014).

De acordo com suas narrativas, a carência de acesso a informações de cunho cultural fez com que a Casa se transformasse em um acervo bibliográfico. A partir dela a comunidade fronteiriça poderia realizar consultas com uma espécie de central de informações. Com isso, compreende-se que Alliana mantinha o desejo de fazer da entidade uma fonte de divulgação cultural da argentinidade. Através da mesma, o mesmo também possuía a intenção de buscar apoio no sentido de providenciar um colaborador que pudesse fazer este trabalho como pode ser percebido em sua narrativa:

Tava na minha previsão inclusive de início, mas não pude continuar de uma biblioteca cultural. Eu recebi, tinha muito material demonstrando que era a Argentina, mas, tinha que ter alguém pra também atender um público que vinha, que precisava ver esse material e que a maneira como digo daí dessa forma de divulgar a Argentina, né? E Então, esse era o apoio que eu pedia, né?

⁹⁰ Neste aspecto, sob o entendimento da História cultural, a *Casa de los argentinos*, enquanto representatividade pode ser entendida como exibição de uma presença ou mesmo como apresentação pública de algo ou de alguém. (CHARTIER, 1990, p.20).

⁹¹ A *Casa de los argentinos*, mais do que apenas um lugar, também pode ser compreendida por espaço praticado de relações humanas, dotadas de sentimentalismo que vão além, propriamente dos objetos físico-materiais. Por isso, segundo Michel de Certeau: “Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.” (CERTEAU, 2007, p.202).

⁹² Considera-se grupo étnico, pois segundo Frederik Barth (1998, p.193-194) “Uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional.”

Insignificante, pouca coisa, às vezes colocar um funcionário a minha disposição. (ALLIANA, 2014).

A biblioteca cultural acabou por não existir, pois dependia do interesse de outros sujeitos, neste caso das autoridades. Ao analisar tal iniciativa, pode-se perceber um foco no aspecto turístico muito em evidência ao final dos anos de 1980 com o desenvolvimento dos mercados latino-americanos no período pré-MERCOSUL. Além da questão da argentinidade.

Através disso, estão as percepções de como os argentinos são representados na fronteira nas últimas décadas do século XX, por se tratar de um recorte onde existem mudanças importantes não apenas no plano cultural, mas também nos campos político e econômico da fronteira.

Desta maneira, a *Casa* enquanto representação pode ser considerada como “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma “imagem” capaz de reconstituir em memória e de figurá-lo tal como ele é” (CHARTIER, 1988, p.20). Segundo o autor, compreende-se que a entidade através de suas representações evoca a argentinidade na busca da verdade.

A partir das fontes iconográficas⁹³ em poder de Alliana, seus símbolos são utilizados para definir a territorialidade. Assim, as cores “alvi-celeste” (que correspondem à bandeira argentina) representam, muito provavelmente, a imagem que possa ter remetido quase que instantaneamente a argentinidade. Isto, a partir da utilização desse emblema construído pelo Estado argentino na busca de unidade.

Apoiado através do conceito da História cultural⁹⁴, o trabalho da *Casa de los argentinos* durante sua atuação possuía visibilidade cultural ao criar a representatividade ao eleger traços da cultura argentina previamente selecionada. O objetivo seria o de mostrar a *Casa*. A título de exemplo, em 1937 cria-se no Brasil o SPHAN (Serviço de Patrimônio Artístico Nacional) quando ocorre a “entronização” do Barroco como a

⁹³ As fontes a qual me refiro, são fotografias guardadas do arquivo pessoal de Oscar Alliana em um portfólio, chamado por ele de “Ata da Fundação da Casa”, do período em que a *Casa de los argentinos* atuou na Fartal e na Fenartec. (1988-1993). Em algumas delas estão “membros” da organização social segurando uma faixa com os escritos “Argentinos de Brasil y Paraguay”. Tenta-se compreender a partir disso a escolha de um símbolo para atestar a apresentação pública destes “alguéns” para a sociedade de maneira geral, bem como a ideia de coesão do grupo.

⁹⁴ Segundo Chartier (1988, p.17) “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”

representação da identidade nacional. Isto ocorreu pelo fato de seu diretor, Rodrigo Melo Franco de Andrade, ter nascido no estado de Minas Gerais, alicerçada a ideologia da “mineiridade” (MICELLI, 1987, p.44-47). Por conta de suas origens, o mesmo “selecionou” imagens representativas que poderiam servir sem quaisquer problemas, à proposta da identidade nacional brasileira através do culto às artes sacras.

O caso da bandeira argentina foi um destes objetos de construção. De acordo com Chartier (1988) “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado, na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1988, p.17) e assim ter sido construída a partir de acepções antigas (Op.Cit, p.23). Desta maneira, a Casa buscou elementos culturais por intermédio de símbolos para reafirmá-las naquele contexto para criar a ideia de representação com o intuito de dar-lhe visibilidade.

Enquanto representante de grupo social, a Casa buscou seu prestígio e necessidade de afirmação, junto à fronteira de forma plural no exercício do papel político. De acordo com Roger Chartier (1988):

As percepções do social [...] produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1988, p.17).

A partir do autor pode-se compreender que a conservação da identidade dos membros participantes da Casa em relação aos “não argentinos”, evidenciam-se critérios para determinar os mecanismos para a manifestação do pertencimento. As escolhas pelas representações argentinas deduzem formas de organização que são produzidas a partir da realidade social no tempo e no espaço. Neste caso, a fronteira.

Assim, o contexto social composto pelos “não argentinos” ajuda a produzir e reforçar a necessidade de se criar e firmar a representatividade e a necessidade de auto-afirmação em relação a outros sujeitos. Para isso, a entidade selecionou bandeiras, faixas, cores, entre outros, previamente escolhidos por Alliana e seus membros. Atestam-se desta maneira, estratégias para justificar a representação da Casa.

Na sequência, segue uma das fotografias da fundação da sede da *Casa de los argentinos* na Câmara Júnior de Foz do Iguaçu, localizada na Avenida Brasil, número 1924, na região central. A solenidade ocorreu em 10 de junho de 1989 e não 1988 como

consta no livro de Ata. A data da fundação é alusiva não apenas ao 75º aniversário de Foz do Iguaçu, mas também fez parte do calendário de comemorações da cidade.



Figura 10 - Interior da *Casa de los argentinos* em 10 de junho de 1989 durante sua inauguração. O segundo da esquerda para a direita é Oscar Alliana. **Fonte:** Acervo pessoal de Oscar Alliana.

De acordo com a imagem acima podem ser percebidas representações da argentinidade. Ao fundo a frase “A Casa de los argentinos” escrita em azul, onde se mescla o português com o espanhol. À direita a bandeira argentina. Juntamente com Alliana, ao centro, fazem parte da fotografia representantes do Brasil e da Argentina. Entre eles está o de Jorge Winckler (ao centro) na época presidente da Câmara Júnior de Foz do Iguaçu e é o mesmo que cede o espaço para a instalação da Casa. O abraço dos argentinos pode representar comunhão, irmandade. Além disso, uma outra leitura possível seria o fato dos membros serem ladeados por “folkloristas” (músicos argentinos) o que pode representar a legitimação da argentinidade e o propósito da entidade.

Desta maneira, mostrar a Casa enquanto representação através das demonstrações públicas, como nos eventos culturais como a Fartal e a Fenartec. Além do mais, são relevantes os esforços de Alliana em divulgar seus trabalhos através dos

meios de comunicação da cidade⁹⁵ com o intuito de atestar a existência da entidade. No entanto, a *Casa de los argentinos*, também pode ser compreendida como organização social que representa um grupo étnico (BARTH, 1998, p.193-194) na escolha de elementos culturais para sua existência.

Por meio dos trabalhos desempenhados pela *Casa*, visualiza-se o estabelecimento de afirmações de sua identidade. De acordo com as mesmas, busca-se a compreensão de que a entidade tenha imposto fronteiras ao canalizar para si a vida social (BARTH, 1998, p.196). Ao delimitar seu próprio grupo, possui o intuito de separar aqueles que não compartilham das mesmas noções e representações. A fronteira étnica também pode definir o grupo e não somente a matéria cultural que ela pode abranger (BARTH, 1998, p.195). Desta maneira, a mesma define-se também como uma representação étnica.

Assim, reafirma-se o papel da *Casa* enquanto representação, pois selecionou elementos em sua constituição que podem atestar a sua visibilidade perante aos demais sujeitos de grupos distintos. Assim, é possível perceber símbolos, tais como: as cores da bandeira celeste e branca, as danças, a música e a fala em espanhol. O que caracteriza as imagens conforme descrito por Roger Chartier.

Através da classificação como grupo étnico compreende-se que a *Casa* ao possuir membros, estabeleceu identidades e proclamou proximidades entre os mesmos. O entendimento que pode se fazer é de que estes compartilham dos mesmos ideais, bem como as fronteiras culturais em relação aos outros grupos. Estas últimas apresentam-se de maneira pública a outros sujeitos no trabalho de reforçá-las com o papel de dar-lhe legitimidade social e política.

De maneira elucidativa, apresentam-se algumas matérias jornalísticas que evidenciam a participação de Alliana junto a feiras como a Fartal e a Fenartec, tradicionais em Foz do Iguaçu. As matérias podem mostrar não apenas a “cultura” dos argentinos representada pela *Casa*, como também as intenções de Alliana no campo turístico e econômico na busca de uma projeção ainda maior na fronteira.

⁹⁵ Em alguns casos, Oscar Alliana fala de seu trabalho com a *Casa de los argentinos* e divulga a importância desta, indo além propriamente, dos aspectos culturais, não apenas da promoção da *Casa* nas feiras, mas da mesma forma políticos, podendo ser percebido nas fontes jornalísticas já mencionadas, contudo, uma matéria em especial chama a atenção, do Jornal Gazeta do Iguaçu, de 25/04/1990, intitulada: “Notas tur” que aborda a possibilidade de Alliana assumir a Secretaria Provincial de Turismo de Misiones – Argentina, atestando sua intencionalidade no papel político. In: A GAZETA DO IGUAÇU, **Caderno Notas tur**. Foz do Iguaçu. 25 de Abril de 1990.

O acesso de Alliana à imprensa pode estar relacionado à sua influência, pois o mesmo fora conhecido por se tratar de um sujeito com mais de 50 anos de residência em Foz do Iguaçu. Isto se justifica pelo fato do município ter sido menor onde os pioneiros eram mais conhecidos.

A entrevista realizada em 2014 aponta evidências importantes de como os jornais eram mais próximos. Compreende-se que os meios de comunicação eram realizados por colaboradores e não por profissionais:

Na imprensa que muitos não conseguiam inclusive, porque a gente não pode estar captando tudo que, né? E, achei importante, demonstrar nesse livro de Ata, o que se falava da *Casa dos argentinos*. (ALLIANA, 2014).

A primeira notícia aborda a fundação da *Casa de los argentinos* em 1988. O Jornal em destaque, além de apresentar a visibilidade cultural a partir da capital do Estado (Curitiba), a chama de embaixada cultural, ou seja, uma espécie de um representante de Puerto Iguazú (Argentina) na fronteira. Segue abaixo a matéria:

Um grupo de argentinos, residentes em Foz do Iguaçu, deu início na última Fartal, a um movimento destinado à instalação da *Casa dos Argentinos*. Um dos idealizadores é Oscar Alliana que representa a Diretoria de Turismo de Puerto Iguazú. Para ele o novo espaço servirá para reforçar ainda mais os elos já existentes entre os dois países e, principalmente, para a troca de experiências e conhecimentos. (O ESTADO DO PARANÁ, 1988).

Conforme as análises, a matéria do Jornal O Estado do Paraná, coloca como relevante a instalação da *Casa* para a comunicação entre as cidades de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú. Também coloca Alliana como diretor de Turismo em Puerto Iguazú. Desta maneira, Alliana é visto como um porta-voz da Argentina em Foz, ou seja, da cultura e do turismo. Sua representação transpassa a “questão” argentina e alcança patamares também políticos.

A próxima matéria jornalística apresenta uma reportagem em que antecede a Fenartec em Abril de 1989. Nela, se estabelece uma homenagem à Alliana pelo seu trabalho com sua *Casa*. De acordo com a notícia:

Felicitemos al presidente de “LA CASA DE LOS ARGENTINOS”, Sr. Oscar Alliana por la importante labor que desarrolla su grupo de colaboradores para el mantenimiento de la unión de los argentinos, residentes em los países vecinos y

mantener vivas las costumbres propias de nuestra tierra. (A GAZETA DO IGUAÇU, 1989).

Conforme observado, o Jornal criou um espaço especial em espanhol intitulado *Caderno Iguazú Dia a Dia*. Segundo ele, compreende-se que há um estreitamento econômico especificamente neste período entre os três países que compõe a fronteira. Cria-se a necessidade de comunicação junto aos países de fala hispana como é o caso da Argentina e do Paraguai por se caracterizar na fronteira. Assim, conclui-se que estes países realizam o trabalho de representantes do MERCOSUL.

As próximas reportagens encaminhadas tratam da participação da *Casa de los argentinos*, antes e após a Fenartec de 1989. A exemplo da Fartal, também se realizou no espaço do CTG Charrua. As matérias são do Jornal Nosso Tempo⁹⁶, edições de Abril e Maio de 1989. Na sequência, as reportagens em destaque:

A Fenartec será neste final de semana (29, 30 de abril e 1º de maio), no local do CTG Charrua. Durante os três dias do evento, os argentinos residentes em Foz do Iguazu, pretendem dar mais um passo na solidificação da Casa dos Argentinos, um velho sonho da comunidade. (Matéria: Argentinos entusiasmados com participação na III Fenartec. Jornal Nosso Tempo, de 28/04 a 04/05/89.)

A Colônia Argentina, representada pela *Casa do Argentino* de Foz do Iguazu, esteve presente na II Feira das Nações, Artesanato, Cultura e Turismo, realizada no Parque de Exposições do CTG Charrua. Nesta edição da Fenartec que é organizada pela Câmara Júnior, estiveram representados 11 países. Os argentinos marcaram presença, com apresentações de grupos folclóricos que mostraram as diversas expressões culturais do vizinho país. Fizeram muito sucesso as apresentações do Grupo Musical Andresito e o grupo infantil da Escola de Fronteira de Puerto Iguazú. “É importante, para nós da Casa dos Argentinos de Foz do Iguazu, a participação de um evento como a Fenartec, contando sempre com o apoio das autoridades e de todos os argentinos que residem em nossa cidade”, diz Oscar Alliana, fundador e atual presidente da entidade. (Matéria: Casa dos Argentinos, Presença marcante na Fenartec, Jornal Nosso Tempo – 12 a 18/05/89).

A presente matéria coloca como se a *Casa* fosse um desejo dos argentinos moradores de Foz do Iguazu, ao colocá-la como um “velho sonho”. A primeira matéria apresenta a ideia de “solidificar” a *Casa* como “um sonho da comunidade”. Pode-se compreender que o sonho de Alliana fora o de uma continuação do trabalho feito na Fartal. A segunda reportagem reitera a participação da *Casa de los argentinos* na

⁹⁶ Atualmente o jornal está disponível em formato on-line.

Fenartec, na qual participaram 11 países. A representação argentina deu-se através dos grupos folclóricos vindos da Argentina. Ao mostrar as crianças, procura cativar e sensibilizar o público. Vale ressaltar que Alliana reforça o apoio das autoridades. Sem estas últimas não é possível sua legitimidade.

Portanto, mediante ao que foi apresentado, destaca-se que a *Casa de los argentinos*, a exemplo dos aspectos econômicos e políticos desenvolvidos neste espaço no passado por argentinos, também pode ser classificada como mais uma representação da territorialidade argentina na fronteira. Neste aspecto, através dos elementos culturais a argentinidade também é utilizada como amplitude econômica através do turismo em fértil período de desenvolvimentismo econômico através do MERCOSUL.

Considerações Finais

Mediante o estudo apresentado sobre as representações do argentino na fronteira, neste momento, se faz necessário observar os objetivos alcançados desta dissertação. Desta forma se faz pertinente a apresentação dos resultados obtidos juntamente com sua importância para o desenvolvimento deste trabalho, onde se colocam os avanços e as limitações durante a trajetória e a construção deste texto.

A partir dos estudos empreendidos, podemos dizer que os objetivos foram alcançados em sua totalidade, pois, as bibliografias consultadas para este trabalho puderam responder aos questionamentos elaborados previamente. Desde o início, a pesquisa se propôs a investigar as representações do argentino na fronteira, ou seja, como este sujeito fora visto, percebido e mostrado através de várias percepções, sejam eles: a partir da economia, dos espaços, da cultura, do turismo e das relações de sociabilidade. Assim, elencamos os resultados obtidos nesta pesquisa de maneira a considerar sua importância dentre os rumos tomados no decorrer desta dissertação.

De início, a pesquisa buscou reconstruir a formação do estado argentino. Neste entendimento, concluímos que as lutas políticas no Prata durante a segunda metade do século XIX, foram decisivas para a construção do nacionalismo argentino naquela sociedade.

Os conflitos entre os caudilhos das regiões interioranas e os liberais portenhos, ou seja, a bravura *criolla* mesclada à defesa de interesses das “luzes” de Buenos Aires e seus anseios internacionais foram os responsáveis no forjar do “patriotismo de estado” argentino. Os sujeitos de Juan Manuel de Rosas e de Domingo Faustino Sarmiento, na representação do caudilhismo e do liberalismo respectivamente, caracterizam duas figuras muito fortes no imaginário do estado-nação argentino.

Após o fim dos embates ao final do século XIX, as propostas civilizatórias do então presidente Júlio Argentino Roca em colonizar os “vazios geográficos” e a conquista do norte através das definições das fronteiras no Território de Misiones e a *Questão de Palmas* junto ao Brasil, consolidaram a formação dos limites da República Argentina e foram importantes na busca de potenciais econômicos como a erva-mate e a madeira. Da mesma forma, nos setores turístico e energético como foi o caso das Cataratas do Iguaçu, além também, da criação de imaginários a partir da flora *misionera* na construção

do que mais tarde seriam os chamados símbolos nacionais. Tais como a própria erva-mate e a natureza de Misiones.

No espaço hoje compreendido por Puerto Iguazú, intensificou-se sua demarcação e soberania também pelo estado argentino, através da política de segurança nacional e de medidas como a criação de um polo energético e turístico pelas Cataratas do Iguazu. A fundação deste município está atrelada com estes intentos.

Em 1902, foram realizados por Carlos Thays estudos do território para a possível definição de um espaço turístico. Assim, elaborou-se um projeto de construção de uma estrada que ligava a barranca do Rio Paraná e as Cataratas. Este plano foi patrocinado pela turista Victória Aguirre que doou cerca de \$3000 que, até o ano de 1951, deu seu nome à cidade. As terras que abrangiam o espaço das Cataratas foram compradas em 1928. O Parque Nacional do Iguazu argentino estabeleceu-se somente em 1934. O presente relato nos apresenta que, desde há muito tempo, o então governo argentino preocupava-se também em defender seus interesses ao criar possíveis fontes econômicas a partir de investimentos no setor turístico, além de estabelecer limites fronteiras físicas frente ao Brasil. As mesmas iniciativas perpassaram as décadas porvindouras o que fez de Puerto Iguazú um espaço essencialmente turístico e pouco desenvolvido na industrialização em larga escala.

No caso do território do Oeste paranaense, as representações do argentino se deram a partir da exploração da madeira e da erva-mate nativas através das *obrages*, com a utilização de precária mão de obra paraguaia, os chamados *guaranis modernos*. Os platinos ligaram-se à fronteira brasileira primeiramente pelo viés econômico por meio destas empresas.

Tais contatos foram facilitados através da relação entre negociantes vindos de Posadas e Corrientes e os militares, estes localizados na margem brasileira desde 1888 denominada de Colônia Militar. Isto ocorreu pelas limitações de comunicabilidade com os núcleos urbanos mais próximos como Guarapuava. A falta de víveres fez com que estes oficiais deixassem de realizar suas funções ligadas à segurança nacional e a demarcação de terras dos colonos.

Em 1930 deu-se a crise da erva-mate nativa no Oeste paranaense, o que obrigou estes argentinos obrageros a cultivarem ervais artificiais nas províncias de Misiones e Corrientes. No Brasil, concomitantemente, no mesmo período, Vargas insere através do Estado Novo a nacionalização e controle das fronteiras frente aos argentinos, com o

objetivo de fixar bandeiras à influência estrangeira. Como estratégia, cria o projeto de colonização *Marcha para Oeste*, no qual, famílias brasileiras provindas do Rio Grande do Sul se estabelecem no Oeste paranaense nos espaços anteriormente ocupados pelas obrages argentinas, agora utilizadas para o cultivo e que mais tarde convertem-se no *agronegócio*.

Com o fim do ciclo ervateiro e madeireiro, a influência argentina não cessa em sua totalidade. Todavia, a partir da década de 1940, dos 1011 argentinos estabelecidos no estado do Paraná, 501 residem em Foz do Iguaçu. Os números indicam que mesmo com o fim da exploração de tais recursos, novas configurações econômicas e sociais entre argentinos e brasileiros passam a preencher o cotidiano na fronteira através do tráfego de vapores e demais embarcações, nas quais se ocupam em atividades de transporte de pessoas e mantimentos. Além destes vínculos, destacam-se o transporte de pessoas rumo às cataratas por via fluvial. As condições de acesso à fronteira por via terrestre continuam precarizados, o que acaba por facilitar ainda mais a proximidade destes platinos na fronteira e com o espaço iguaçuense.

Por muito tempo, a presença argentina na fronteira despertou sentimentos contraditórios. No caso de Foz do Iguaçu, os relatos de pioneiros que compõe parte integrante deste trabalho, puderam afirmar que em razão da precariedade de acesso da comunidade iguaçuense com as demais localidades do Brasil e a aproximação com o comércio fluvial, fez destes argentinos da fronteira uma espécie de familiar próximo, onde, por exemplo, viagens à Buenos Aires eram muito mais acessíveis do que diligências ao Rio de Janeiro.

Não bastasse isso, o idioma espanhol se mostrava corriqueiro entre a população local, onde o português reservava-se aos documentos e aos órgãos oficiais. Talvez daí visualiza-se o termo *hermano* frequentemente utilizado no imaginário dos iguaçuenses ao se referir a estes sujeitos.

Por outro lado, a dependência do mercado argentino também foi a responsável em algum momento pelo desenvolvimento do nacionalismo brasileiro. A presença destes platinos no cotidiano iguaçuense desenvolveu de igual maneira certa rejeição. Talvez, uma sensação de que os moradores da fronteira estivessem a ponto de perder sua identidade, neste caso, sua *brasilidade* dada a grande influência destes sujeitos. Neste sentido, os argentinos também podem ter sido vistos como intrusos, ou seja, estrangeiros fora de seu país de origem que buscavam altos ganhos através dos afluentes e rios.

Nos anos seguintes, a partir da década de 1980 podemos destacar o papel de Oscar Alliana como o guardião da memória e das representações sobre o argentino de Foz do Iguaçu através da criação da *Casa de los argentinos* em 1988. Este sujeito possuiu uma tarefa de grande importância a respeito da divulgação das representações do argentino por meio da *Casa* na defesa de sua territorialidade na fronteira.

Em um primeiro momento a *Casa*, assim como representações de outros grupos sociais, fora pensada em um período de grandes expectativas políticas em forma de lei e presidida pela nova Constituição em 1988 que garantiu os direitos civis, políticos e sociais, ou seja, cidadania a todos. Principalmente no aspecto cultural favorecido pelas manifestações culturais de modo plural.

A representatividade se deu primeiramente através da “fundação” da instituição em 1989 através do apoio do consulado argentino em Foz do Iguaçu e da Câmara Júnior da mesma localidade. Isto sucede junto ao calendário de participações dos 75 anos de emancipação do município, no qual Alliana convida várias autoridades para tal evento. Em um segundo momento, por meio da participação de feiras culturais em Foz do Iguaçu como foram os casos da Fartal e da Fenartec e pela busca de apoio de autoridades tanto brasileiras quanto argentinas de vários matizes, com o objetivo de tornar a *Casa* conhecida na fronteira.

Ao analisar seus discursos, percebemos que o trabalho com a *Casa* reuniu interesses culturais, políticos e individuais. Culturais no sentido de que promoveu o esforço de Alliana na divulgação das representações do argentino em Foz do Iguaçu na manutenção da territorialidade. Políticos porque seu trabalho também envolvia contatos com autoridades dos países fronteiriços na realização e promoção de serviços de cunho social. Isto fez de Alliana um importante representante não apenas da cultura, mas também de trabalhos assistenciais onde o próprio consulado argentino no Brasil o coloca como intermediário entre os dois países. E por último, de interesse individual, na certeza de que seu ofício como entusiasta da *argentinidad* na fronteira possa ser reconhecido por todos, de maneira que o mesmo possui vários anos de domicílio no Brasil. Este feito pode ser uma forma de manter seu contato com seu país de origem.

Assim, segundo as observações realizadas, podemos dizer que a *Casa* não existiu fisicamente, enquanto organização jurídica, mas residiu na mente de Alliana, através de seus sonhos e desejos. Ao se referir aos trabalhos realizados pela *Casa* nas

várias áreas de atuação, seja nas feiras, na representatividade política, nos projetos ou na busca de apoio, atribui-se a responsabilidade à Alliana. Em suma, a *Casa é Alliana*.

De modo geral, espera-se que o tema proposto possa auxiliar no sentido de dar maior visibilidade a este grupo social e maiores contribuições para a historiografia local e regional de acordo com o recorte proposto. Principalmente, a partir do entendimento que os sujeitos estudados nesta pesquisa possuem destaques relevantes na História e na memória deste espaço.

O trabalho de compreender as representações dos argentinos em Foz do Iguaçu e na fronteira pode ajudar no entendimento destes sujeitos que são mostrados a partir de aspectos como: o econômico, político e cultural. Este último através da promoção de festividades e outros eventos culturais que possuem o poder de aflorar tais identidades. As relações sociais deste grupo são imprescindíveis na compreensão dos primeiros contatos destes sujeitos na fronteira a partir das últimas décadas do século XIX, ao passar pela exploração dos recursos naturais, pelo advento do turismo e pelo comércio fluvial até chegar as atuais conjunturas do novo século.

As memórias revelam modos de vida e cenas do cotidiano na ótica destes sujeitos na sociedade iguaçuense dentre o referido recorte temporal e espacial, tais como: anseios, desejos, tristezas, sonhos, dificuldades, o que pode contribuir para o entendimento de fragmentos da história de Foz do Iguaçu e das fronteiras – no sentido plural, que a envolvem.

Referências bibliográficas

AMABLE, María Angélica; ROJAS, Liliana Mirta; BRAUNIG, Karina Dohmann. **Historia Misionera: una perspectiva integradora**. Posadas: Montoya, 2011, p. 154.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Conceptos y definiciones. México: Colección popular. 1993.

ARANHA, Bruno P.L. **De Buenos Aires a Misiones: Civilização e barbárie nos relatos de viagens à terra do mate (1882-1898)**. São Paulo: USP, 2014. (Dissertação de Mestrado).

ARAÚJO FILHO, José Tadeu Campos. **Uma análise Geopolítica da Questão de Palmas**. Palmas: Kayngangue, 2009.

BARTH, Fredrik. *Grupos Étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BOTANA, Natalio R., **El Orden Conservador, La Política Argentina entre 1880 y 1916**. Buenos Aires: Hispamérica 1986.

BRASIL. Constituição (1988). **Artigo 215. Seção II – Da Cultura**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRITO, José Maria de. **Descoberta de Foz do Iguaçu e a fundação da Colônia Militar**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.

CASANOVA, Pablo González. **As novas ciências e as humanidades: Da academia à política**. São Paulo: Boitempo, 2006.

CATTA, Luiz Eduardo Pena. **O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade**. Cascavel: Edunioeste, 2003.

CATTA, Luiz Eduardo Pena. **A Face da desordem: Pobreza e estratégias de sobrevivência em uma cidade de fronteira (Foz do Iguaçu/1964-1992)**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 13ª ed. Vozes, Petrópolis: 2007.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

COLODEL, José Augusto. **Obrages e companhias colonizadoras**. Santa Helena na história do Oeste Paranaense até 1960. Santa Helena: Prefeitura Municipal, 1988.

CURY, M. J. F. **Visitação em áreas naturais protegidas**: um estudo comparado dos Parques Nacionais del Iguazú e do Iguaçú. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação, Área de concentração em Relações Públicas, Propaganda e Turismo), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CURY, Mauro J.F. **Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI): Interconexões, Interdependências e Interpenetrações nas cidades da tríplice fronteira: Foz do Iguaçú (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR)**. Curitiba: UFPR, 2010. (Tese de Doutorado).

CURVO, A. M. **1º Batalhão de Fronteira**. Livro de ouro. Ministério da Guerra, III Exército, 5ª RM, 5ª DI, Foz do Iguaçú, 1965.

DEMO, Pedro. Pesquisa Qualitativa. In: **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000. P.145-159.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.). **Memória e Patrimônio**: Ensaio Contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DELALEU, Didier, 1981, "Les Avatars de la région et identité collective". In: GIMENEZ, Gilberto. **Território y Cultura**. Estudios sobre las culturas contemporâneas. Colima: Universidad de Colima. 1996. p.11.

EMER, Ivo Oss. **Desenvolvimento Histórico do Oeste do Paraná e a construção da escola**. Rio de Janeiro, 1991. 339 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Administração de Sistemas Educacionais – Fundação Getúlio Vargas.

GARCIA, Emanuel Soares da Veiga. **As duas Argentinas**. Coleção Princípios. São Paulo: 1990.

GREGORY, Valdir. **Obrages nos sertões do Paraná: Exploração, Trabalho e Fronteiras**. In: Revista Ideação. V.14. Nº 01. Foz do Iguaçú: Unioeste, 2012, p. 43-65.

GREGORY, Valdir. **Os Eurobrasileiros e o espaço colonial: Migrações no Oeste do Paraná (1940-70)**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

GIMENEZ, Gilberto. **Cultura, identidad y memoria: Materiales para una sociología de los procesos culturales en las franjas fronterizas**. Frontera Norte. V. 21. Nº 41. Ciudad de México: UNAM, Enero-Junio, 2009. p. 07-32.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HERNÁNDEZ, Rafael, **Cartas Misioneras: reseña histórica, científica y descriptiva de las misiones argentinas**. Buenos Aires: Luz del Alma, 1887.

HILLS, Ken. **A Revolução Francesa**. Coleção Guerras: Que mudaram o mundo. São Paulo: Ática, 1991.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEVENE, Gustavo G. **História de los presidentes argentinos**. Segunda parte. 5ª edición. Buenos Aires: STE, 1992.

LEVENE, Gustavo G. **História de los presidentes argentinos**. Tercera parte. 5ª edición. Buenos Aires: STE, 1992.

LYNCH, John. **The Spanish-American Revolutions**. 1808-1826, Norton, Nueva York, 1973.

LIMA, Perci. **Foz do Iguaçu e sua história**. Foz do Iguaçu: Serzegraf, 2001.

MAGNOLI, Demétrio. **O corpo da Pátria**. São Paulo: Unesp/Moderna, 1997.

MICELI, Sérgio. **SPHAN: refrigério da cultura oficial**. Revista Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, nº 22, 1987.p.44-47.

MILITELLI, Edson M. **Os argentinos de Foz do Iguaçu**. In: STERLING, German.(Org.) Abordagens Historiográficas na Fronteira. Foz do Iguaçu: Uniamérica, 2006. (Artigo).

MONGES, Fabiane Ninoff; FARIAS, Patrícia Jacinto de. **Memória Oral Coletiva como forma de exploração do turismo cultural em Foz do Iguaçu com foco no 1º Campo de pouso do município**. Foz do Iguaçu, UNIOESTE, 2006. (Trabalho de Conclusão de Curso).

MYSKIW, Antonio Marcos. **A fronteira como destino de viagem: A colônias militar de Foz do Iguaçu (1888-1907)**. Niterói: UFF, 2009. (Tese de Doutorado).

NAIRN, Tom. **The Break-up of Britain**. Londres: New Left Books, 1977.

PELLEGRINO, P. et.al. 1981, “**Espace, représentations du territoire et identités regionales**”, in Michel Bassand (ed.), L’identité régionale, Saint-Saphorin, Suiza: Éditions Georgi.

POLON, Paulo Henrique H. **A construção do Patrimônio cultural em Marechal Cândido Rondon-PR a partir dos imaginários acerca do lugar de memória**. Foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2013. (Dissertação de Mestrado).

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol.02. N. 03. p. 03-15.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

PRADO, Maria Lúcia. **A formação das nações latino-americanas**. São Paulo: Atual, 1994.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHIMMELPFENG, Otília. **Retrospectos iguaçuenses: Narrativas históricas de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Tezza, 1991.

SCHIMMELPFENG, Otília. **Retrospectos Iguaçuenses**. 2ªed. Foz do Iguaçu: Tezza editores, 2002.

SILVA, Micael A. **Breve História de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

SOUTO MAIOR, Laércio. **História do município de Assis Chateaubriand: o encontro das correntes migratórias na última fronteira agrícola do estado do Paraná**. Maringá, Clicheter, 1996.

SPERANÇA, Alceu A. **Cascavel: a história**. Curitiba: Lagarto, 1992.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. 2ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRIGUEIROS, Florisvaldo dos Santos. A Reforma bancária. In: **Dinheiro no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1987. p. 215-224.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, mensus e colonos: História do Oeste Paranaense**. 2ªed. Curitiba: Ed. Vicentina, 1987.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 10ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 7-72.

Fontes

ALLIANA, Oscar. **Livro de ata da Casa de los argentinos**. 300 páginas. Foz do Iguaçu. 10/06/1988 à 10/2013.

ALLIANA, Oscar. **Convite de inauguração da Casa de los argentinos**. Foz do Iguaçu, 10/06/1989.

BENVENUTTI, Wádis. **Carta Ofício**. Foz do Iguaçu, 26/12/1989.

VELÁZQUEZ, Roberto. **Carta Ofício**. Puerto Iguazú, 17/05/1989.

Jornais e Periódicos

A GAZETA DO IGUAÇU. **Presencia argentina em la tercera Fenartec.** Foz do Iguaçu, 28/04/1989.

A GAZETA DO IGUAÇU. **Argentinos agradecem a ação da Prefeitura.** Foz do Iguaçu, 19/07/1990.

A GAZETA DO IGUAÇU. **Brasileiros e Argentinos buscam a integração comercial.** Foz do Iguaçu, 13/10/1989.

A GAZETA DO IGUAÇU. **Colônia argentina.** Foz do Iguaçu, 06/05/1989.

A GAZETA DO IGUAÇU. **Etnia Argentina busca apoio em seu país.** Foz do Iguaçu, 16/03/1990.

A GAZETA DO IGUAÇU. **Caderno Notas tur.** Foz do Iguaçu, 25/04/1990.

HOJE. **Casa de Los Argentinos instalada em Foz.** Foz do Iguaçu, 18/06/1989.

HOJE. **Casa dos argentinos - Foz em destaque.** Foz do Iguaçu, 09/05/1989.

HOJE. **Integração BRA-ARG terá comitê em Foz.** Foz do Iguaçu, 23/08/1989.

NOSSO TEMPO. **Laurindo Ortega: O tio Patinhas iguaçuense.** Foz do Iguaçu, 11 a 18/02/1981, p.10-13.

NOSSO TEMPO. **Motorista atropela dois menores na Fartal.** Foz do Iguaçu, 12 de Junho de 1987. Nº 264. Ano VII.

NOSSO TEMPO. **Rorato quer ser candidato a prefeito e garante que PMDB vence.** Foz do Iguaçu, 10 a 17 de Junho de 1988. Nº 312. Ano VIII.

NOSSO TEMPO. **Argentinos entusiasmados com a participação na III Fenartec.** Foz do Iguaçu, 28 a 04/05/1989.

NOSSO TEMPO. **Casa dos argentinos: presença marcante na Fenartec.** Foz do Iguaçu, 12 a 18/05/1989.

NOSSO TEMPO. **Instalada em Foz do Iguaçu A Casa de Los Argentinos.** Foz do Iguaçu, 16 a 22/06/1989.

O ESTADO DO PARANÁ. **Foz ganhará “embaixada” cultural.** Curitiba, 01/07/1988.

SEGUNDA MÃO. Caderno Negócios e Cia. **Oscar Alliana, integração muito antes do Mercosul.** Foz do Iguaçu, 28 de Maio à 03 de Junho de 1992.

REVISTA CATARATAS. Foz do Iguaçu. Editora Cataratas Ltda. Ano 01. Nº 03. Janeiro/Fevereiro 1969. (Bimestral).

REVISTA CATARATAS. Foz do Iguaçu. Editora Cataratas Ltda. Ano 01. Nº 04. Março 1969. (Bimestral).

REVISTA CATARATAS. Foz do Iguaçu. Editora Cataratas Ltda. Ano 01. Nº 05. Abril/Maio 1969. (Bimestral).

REVISTA CATARATAS. Foz do Iguaçu. Editora Cataratas Ltda. Ano 01. Nº 05. Abril/Maio 1970. (Bimestral).

REVISTA CATARATAS. Foz do Iguaçu. Editora Cataratas Ltda. Ano 02. Nº 10. 1970. (Bimestral).

REVISTA PAINEL, Foz do Iguaçu, n.86, maio/1980.

Sites

IBGE. Comparativo entre o número de estrangeiros – 1940. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios. Acesso em 20/08/2015 às 9:40h.

Instituto de Terras Cartografia e Geociências – ITCG. Disponível em: http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/livro/livro_mapas. Acesso em: 21/12/2013 às 12:30h.

Ministério das relações exteriores. http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1985/b_74/. Acesso em: 01/03/2016 às 4:00h.

Tratado de Integração, cooperação e desenvolvimento. <http://www.mercosul.gov.br/>. Acesso em: 10/01/2016 às 8:00h.

Tribunal regional eleitoral. <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr> Acesso em: 28/12/2015 às 15:00h.

Entrevistas

Entrevista concedida por ALLIANA, Oscar. [Ago. 2004]. Entrevistador: Edson Matias Militelli. Foz do Iguaçu, 2004.

Entrevista concedida por ALLIANA, Oscar. [Out. 2014]. Entrevistador: Edson Matias Militelli. Foz do Iguaçu, 2014.

Entrevista concedida por ALLIANA, Oscar. [Dez. 2015]. Entrevistador: Edson Matias Militelli. Foz do Iguaçu, 2015.

Entrevista concedida por ALLIANA, Oscar. [Jan. 2016]. Entrevistador: Edson Matias Militelli. Foz do Iguaçu, 2016.